

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC/SP

Aline Matheus Veloso

“Apesar que o *vida loka* também ama”:
experiência afetiva de adolescentes inseridos no tráfico de drogas

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

SÃO PAULO

2015

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC/SP
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA SOCIAL

Aline Matheus Veloso

“Apesar que o *vida loka* também ama”:

Experiência afetiva de adolescentes inseridos no tráfico de drogas

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social, sob orientação da Prof^a Dr^a Bader Burihan Sawaia.

SÃO PAULO

2015

Banca Examinadora

Esta dissertação é dedicada a Galego Coringa, Marley Charmosinho, Dobrado e Negão Galinha e a Sandrinha pelas histórias, compartilhamentos e afetos. Este “livro” é nosso!.

AGRADECIMENTOS

Fazer os agradecimentos desta dissertação, como acredito que deveria ser feito, seria o mesmo de fazer uma nova dissertação acerca da importância do intercâmbio de experiências entre os humanos e sobre o processo de coletividade. Também entraria como tema a dimensão do cuidado e da afetividade. Nunca acreditei que fosse possível construir caminhos apartados de outras pessoas e em concordância com Gonzaguinha “aprendi que se depende sempre de muita tanta diferente gente, toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas”.

Assim, essa dissertação foi sendo tecida no muito do para além da solidão de um mestrado. As pessoas que registro meus agradecimentos foram as pessoas que cuidaram de mim neste processo árduo que é a escrita. Pessoas que acompanharam as tessituras, que acreditaram, que não me deixaram desistir de escrever e me impulsionaram a compartilhar toda essa experiência.

Primeiro queria agradecer ao mar...pela força de suas águas, pelo movimento das ondas, pela purificação que oferta. Agradecer ao mar da Bahia que me ofereceu o acolhimento, que cicatrizou com seu sal minhas feridas, que serenou meu coração quando estive aflito. Ao mar, o agradecimento por me balançar em suas ondas, ninando-me sempre que precisei, “mar, metade da minha alma é feita de maresia”.

A minha senhora das encruzilhadas e dos caminhos, cada passo que dou vou confiante porque sei que não estou sozinha. A proteção das ruas, aos pedidos concedidos, a tornar possível o impossível. Minha princesa das estradas, meus sinceros agradecimentos por todas as portas abertas.

Agradecer aos meninos, lindos, todos!!! Marley Chamosinho, Galego Coringa, Dobrado e Negão Galinha. Esse livro é nosso!!! Muito obrigada por terem confiado em mim e contado suas histórias. Por terem topado participar desta experiência. Por terem me ensinado que com afeto tudo fica mais fácil. Por terem deixado eu fazer parte da história de vocês!!! Vocês são lindezas, bonitezas. Suas falas ecoam nos meus pensamentos diariamente! Obrigada por me fazerem amadurecer enquanto psicóloga!!! Por ampliarem a minha humanidade, por me encantarem com seus “jeitos de corpo” tão singulares e especiais! Por

terem compartilhado comigo a graça e o afeto que guardam e preservam! A vocês, eu desejo toda a felicidade do mundo!

Queria agradecer a meu pai e a minha mãe, por tudo. Por me criarem do jeito que criaram, pelo afeto que sempre me deram, por me mostrarem as múltiplas formas de cuidado e demonstração de amor. Por terem acreditado que eu poderia ser uma psicóloga, depois por se abrirem a entender o que é uma psicóloga social, por acreditarem que eu poderia fazer um mestrado. Além de tudo isso, queria agradecer por terem respeitado o meu afastamento e isolamento frente a escrita, não tendo me cobrado amor e ainda assim terem continuado ofertando-me seus afetos. Ao carinho e respeito. Aos meus pais o agradecimento aos ensinamentos e cuidados afetuosos, por terem embarcado comigo nessa longa navegação.

A minha amiga Sandra. Minha flor de laranjeira, como teria sido esse mestrado sem você? Não consigo nem pensar nessa hipótese. Palavras me faltam para expressar meus agradecimentos a você. Muito obrigada por ter me acompanhado nessa trajetória, por ter disposto do seu tempo, saber e amor, desde o momento em que topou estar comigo nessa pesquisa. Pelas suas tantas palavras proferidas, pelas reflexões trocadas, pelos cuidados múltiplos durante e depois do campo. Por ter me dito “vá escrever seu livro”, por compartilhar comigo seus pensamentos, sentimentos, seu caderno de anotações. Pelas noites adentro após os encontros com os meninos para pensar, compartilhar e cuidar. Por diminuir a solidão do mestrado, por ter se encantado com os meninos...acima de tudo, por ter arriscado junto comigo e me ajudado a construir esse fazer psi comprometido com a vida e com a felicidade. Tudo seria muito mais deserto se você não estivesse comigo!

A minha orientadora Bader Sawaia, por ter topado me orientar. Por ter me ajudado a compreender como se faz uma pesquisa, por ter vibrado comigo a cada relato do campo, pelas conversas intermináveis ao telefone. Acima de tudo, por ter acreditado que daria certo, que daria tempo. Por ter me dito grava o que você fala, me proibido de reler o que eu escrevia, por ter se emocionado. A bader o agradecimento por relembrarmos da afetividade e da humanidade.

A querida Guida, por ter me supervisionado, me auxiliando nesse processo de escuta do campo. Por me receber sempre, por me ligar quando eu sumi, por refletir junto comigo as questões do campo. Pelo carinho de me ter acolhido quando precisei, por me dizer que eu merecia e era capaz de escrever essa dissertação. No final, por ter me dito, vá ao mar...

Agradecer a Franklin, primeiramente pela amizade. Amizade construída ao longo de todos esses anos em que me construí como psicóloga. Por todos os debates, desde o início da faculdade. Foi com ele que compartilhava meus inquietamentos, confusões e traquinagens do fazer psi. A Franklin meu sincero agradecimento por ter me lembrado, quando esqueci, que os livros são muito importantes, mas que a potência de vida assim também é. Por todas as noites em que me recebeu em sua casa, para ouvir as minhas tantas histórias, por me perguntar sobre a minha felicidade, por cuidar das feridas. Por acompanhar pacientemente os processos de transformação, por respeitar meu tempo. Acima de tudo, agradecer por me dizer que você estava lá para quando eu precisasse. Desde que fui para São Paulo, nos momentos mais difíceis, meu coração se acalmo por saber que na Bahia eu tinha um colo de acolher.

A Luiz e Marcelo, por terem entrado na minha vida e inundado ela de afetividade. Por abrirem seus corações para mim, por ter me deixado entrar na vida de vocês. Com vocês dois aprendi coisas que nenhuma outra experiência poderia me ofertar. Por me ensinarem que tem gente na vida que a ocupa nosso coração fazendo a gente só desejar o bem. Agradecer também por se interessarem pelo meu trabalho, por compartilharem suas experiências de vida comigo! Para vocês, todo o meu amor!!!

A Vinicius...minhas reticências, minhas continuações que não cabem nesses agradecimentos. Por todas as noites em que transformou meu quarto em pura ludicidade. Por brincar, por me fazer rir, por descontraír a minha ansiedade. Por ter colocado os pinguins de madagascar na televisão e comido chandelle comigo. Por ter me feito divertir com a minha loucura, com minha cara fechada. Pelos mimos, pelo afeto. Por ouvir todas as minhas reflexões, por admirar a escrita. A você, um agradecimento por ter feito fervilhar os afetos, pelo amadurecimento conjunto, pelas chegadas e despedidas. Por ter me feito caminhar pelas estradas do amor.

Agradecer a Marília, por tornar a vida em SP menos solitária. Por cuidar de mim quando estive em São Paulo, pelo compartilhamento cotidiano da vida. Por ter acompanhado o processo do mestrado, pela ajuda nas transcrições, pela escuta. Por me ligar sempre para saber como eu estou e por valorizar este fazer psi que fui construindo ao longo do campo. Muito obrigada!

A Mariana, minha amiga gaúcha. Agradecer pelo companheirismo na Puc, por compartilhar comigo suas ideias e opiniões. Por ter acreditado no que eu estava fazendo. Agradecer por todas as leituras da minha escrita, por me ajudar nas normas da ABNT, por ter

me dito na qualificação que o texto tinha potência. Sem dúvidas, neste processo todo, construímos uma amizade que resistiu as separações geográficas. Bixa, eu te adoro!

A minha amiga Edlamar, por todas as ligações que recebeu, ouvindo pacientemente meus conflitos neste mestrado. Por me ajudar a clarear as ideias, organizar o pensamento. Muito obrigada pela sua disponibilidade de escuta e afeto. E vamos ao âncora depois que eu terminar esta dissertação!!!

Agradecer a Anna Raquele, pelo companheirismo em casa. Por dizer “lineee” com alegria. Por ouvir minhas tantas histórias. Por ter me lembrado que eu precisava tomar café, almoçar e jantar. Por fazer a comida e me chamar quando ela estava pronta. Por cuidar de mim nesse processo e me dizer “vai dá tempo, você tá se dedicando, pô!” Agradecer também pela curiosidade em entender o que eu estava debatendo, pelas questões abertas, pelas infinitas reflexões em casa.

A Eduardo, meu Dudis. Agradecer pela companhia na UFBA, por me tirar de casa para escrever essa dissertação. Pelos intervalos, pelo acarajé e pela cerveja durante o expediente. Pelos compartilhamentos afetivos, por me chamar para sua pesquisa. Por me falar de Canudos e das utopias. Pelas ligações em que compartilhamos os desesperos dos prazos, as dificuldades da escrita! Pelo carinho, Dudissss!!!

Aos membros da Central de Medidas socioeducativas, primeiro por terem aceitado esse projeto. Por terem lidado com essa psicóloga “maluca” que durante quatro meses esteve presente conturbando a rotina de trabalho de vocês. Por terem me permitido fazer a coisa do jeito que eu queria, respeitando as diferenças e me deixando livre para produzir. Um agradecimento especial a Suzana, pelo carinho e pela crença de que algo diferente poderia acontecer. A Denísia, por me receber e por me dizer que você ficava muito feliz por mim, mas mais ainda pelos meninos! E a Madriane por me encaminhar os adolescentes!!!

A Fernanda, por ser uma amiga fofa! Por não me chamar para sair porque sabia que eu precisava escrever! Por mandar mensagens e por ter me ajudado durante o campo, conseguindo todos os dvds que eu precisei! Você é uma linda e mora no meu coração!

A minha analista Marisa Marques. Pela escuta e auxílio na compreensão de todos os atravessamentos desta pesquisa. Pelos textos indicados e pelo cuidado.

A Helder, pela convivência e por dizer “vai dar tudo certo”. Por conviver com uma mestranda enlouquecida. Por ouvir um paragrafozinho, mesmo sabendo que ia ler uma página.

A Pc por ter me dado a brilhante ideia de substituir as máscaras por pinturas no rosto!

A Luciana, por ser a pessoa em São Paulo que eu encontrei para compartilhar o comprometimento com a adolescência. Por ter torcido pela minha inserção na PUC e por ter atendido todas as minhas ligações desesperadas!

Ao NEXIM, pelas aprendizagens e pela aproximação teórica. Em especial a Dilson, pelas conversas pós núcleo, pelos dedinhos elencando cada ponto a ser debatido.

A Douglas e Alex, pesquisadores que conheci durante o encontro de adolescência e conflitualidades e que permaneceram mesmo com as distancias geográficas. Muito obrigada por terem estado comigo durante essa trajetória, pelas conversas no telefone e pelo incentivo!

A Marcia, pela acolhida em SP, por se interessar pelo projeto e acima de tudo por ter me ajudado nas correções ortográficas em cima da hora!!! Valeu nega!

A Lula, meu amigo. Por ter tomado umas cervejas comigo no bar do Chico. Por compartilhar suas experiências de vida! Por ser quase um senhor!!! Pela paciência de ouvir minhas narrativas juvenis e dizer “calma menina, você tá muito ansiosa”. Pelas voltas na Barra e por me dizer que eu tinha uma escrita emocionada!

A Lorena, por ter me apresentado a psicologia social crítica no início da minha graduação. Por ter sido a primeira psicóloga desta linha teórica que conheci. Por ter me escutado em momentos de confusão e angústia com esse mestrado, ajudando-me a organizar as ideias sem perder os afetos.

A Rodrigo Vaz, por ter aparecido nesse finalzinho de escrita, mas sendo tão significativo. Pelas indicações de leitura, pela delicadeza do fazer psi, pela sua emoção ao ouvir e ler minhas coisas! Por ter me dito que eu deveria terminar o meu texto com o estacionamento do supermercado e os becos e vielas das periferias...Foi um super bom encontro espinosano!!! Muito obrigada por aparecer assim: “Você tem boniteza...”

A Rodrigo Reduzino, por vim se hospedar na minha casa bem no final do mestrado. Por ter se encantado com os meus relatos, por me levar pra tomar banho de mar e bater um

papo!! Por chamar a “fadinha do texto” para ficar perto de mim! Foi uma grata surpresa te conhecer!!!

A Marlene, maravilhosaaaa!!! Por me deixar ficar conversando com você mesmo cheia de trabalho! Por atender minhas ligações e tirar todas as minhas dúvidas. Pelas conversas acerca do comprometimento social com a exclusão e a necessidade de transformação da realidade.

Por fim, queria agradecer a Roni, da Nova Solução Digital, pela paciência com uma cliente maluca, que chega mais do que atrasada e ainda vai editar o texto!!! Muito obrigada meu lindo, tudo de bom pra você!

A todas as outras pessoas que acompanharam este processo, que mandaram palavras de incentivo no meu diário de mestrando, publicado no facebook. A todo mundo que torceu e acreditou nessa escrita. Muito obrigada. Essas seis páginas de agradecimento não são a toa. É prova de que a feitura de um mestrado é composição das afetações que encontramos no caminho!

VELOSO, Matheus Aline. “**Apesar que o vida loka também ama**”: experiência afetiva de adolescentes inseridos no tráfico de drogas. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

RESUMO

O tema da adolescência autora de ato infracional tem estado presente tanto nas discussões do corpo científico quanto por parte da mídia, sociedade civil e das políticas públicas, representando hoje uma grande problemática no contexto social brasileiro. Apesar de uma significativa bibliografia sobre o tema, raras pesquisas se dedicaram a analisar a dimensão da afetividade da adolescência autora de ato infracional. Desta forma, o objetivo da presente pesquisa é fazer uma análise psicossocial da experiência afetiva de adolescentes inseridos no tráfico de drogas. Este objetivo perspectiva ir de encontro aos estigmas e descaracterização da humanidade destes adolescentes, a partir da crítica das visões naturalizantes e simplistas que reduzem a complexidade do tema. Tendo como base a teoria das emoções de Vigotski e a filosofia de Espinosa. A pesquisa foi realizada com 3 adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em meio-aberto (Liberdade Assistida e Prestação de Serviços a Comunidade). A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação-participante, sendo os procedimentos adotados a formação de um cineclube nos encontros grupais, e o ensaio fotográfico, nos individuais. Os dados nos mostraram os sofrimentos vivenciados pelos adolescentes, bem como a clandestinização dos afetos a partir da inserção no tráfico de drogas. Também foi possível analisar como o tráfico de drogas possui uma gestão dos afetos, a partir das paixões tristes, como a raiva e o ódio. No entanto, o afeto também emergiu como potência de transformação, constituindo um espaço de reflexão acerca do “mundo do crime”. As discussões finalizam no compartilhamento da experiência de campo e na reflexão acerca da importância dos afetos na intervenção psicossocial.

Palavras Chave: adolescente autor de ato infracional; afeto ; tráfico de drogas, psicologia.

VELOSO, Matheus Aline. "**Despite the loka life also loves**": affective experience of adolescents on drug trafficking. Dissertation (Masters in Social Psychology) - Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo, 2015.

ABSTRACT

The theme of adolescence author of an offense has been present both in discussions of scientific body, as by the media, civil society and public policy, which now represents a major problem in the Brazilian social context. Despite the existence of literature on the subject, few surveys are dedicated to examine the dimension these adolescents's affection. Thus, the aim of this research is to make a psychosocial analysis of the affective experience of adolescents on drug trafficking. This perspective aims against the stigma and characterization of the humanity in these teens, from the criticism of naturalizing and simplistic views that reduce the complexity of the issue, based on the theory of Vygotsky's emotions and philosophy of Spinoza. The survey was conducted with three adolescents in compliance with socio-educational measures in open environment (Probation and Community Service). The methodology used was participative-action-research, and the procedures adopted the formation of a film club in the group meetings and photo shooting in the individual ones. Data show us the suffering experienced by adolescents, and the marginalization of affections after entering the drug traffic. It was also possible to analyze the drug trade has a management of emotions, from sad passions like anger and hatred. However, the affection also emerged as processing power, providing a space for reflection about the "world of crime". The discussions finalize on the sharing of field experience and reflection about the importance of affection in psychosocial intervention.

Key words: adolescent who commits an infraction; affection; drug trafficking, psychology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO OU PARA INÍCIO DE CONVERSA	15
CAPÍTULO 1 – ADOLESCÊNCIA: BREVE DISCUSSÃO SOBRE O CONCEITO	20
1.1 Adolescência para Vigotski	24
1.2 Sofrimento ético-político	28
1.3 Adolescência autora de ato infracional.....	35
CAPÍTULO 2 – SOBRE A METODOLOGIA DE PESQUISA.....	40
2.1 Pesquisa-ação-participante	40
2.2 Diálogo entre arte, psicologia e pesquisa	48
2.3 Dos procedimentos	54
2.3.1 Cinema, cineclube e processo grupal.....	54
2.3.2 O ensaio fotográfico: álbum de importâncias	59
2.3.3 Reflexões teóricas sobre a narrativa	60
2.3.4 Fotografia, psicologia e pesquisa.....	65
2.3.5 Descrição, intenção e análise das possibilidades	66
2.4 Da inserção no campo de pesquisa	75
2.4.1 O local da pesquisa	77
2.4.2 Dos primeiros contatos	78
2.5 Questões éticas.....	79

CAPÍTULO 3 – O LIVRO DAS PERGUNTAS: CAMPO, CONTRADIÇÕES E ANÁLISES	80
3.1 Para ver os meninos: tentativas de não reduzir o adolescente as infrações	86
3.2 Galego Coringa	87
3.3 Marley Charmosinho	93
3.4 Dobrado	99
CAPÍTULO 4 – SUJEITO E AFETIVIDADE.....	104
4.1 Apenas a matéria vida era tão fina: Sujeito-homem, vida loka e racionalidade	109
4.2 Malandro guarda o sentimento na sola do pé: tráfico, silêncio, raiva e ódio	119
4.3 Torax de superman e coração de poeta: a clandestinidade dos afetos	128
4.4 Compartilhamentos de ideias sobre o afeto na intervenção psicossocial	146
CONSIDERAÇÕES FINAIS OU NOVAS PROSAS	167
REFERÊNCIAS	170

INTRODUÇÃO OU PARA INÍCIO DE CONVERSA

Aline, vá escrever o livro! Assim me disse Sandrinha¹ em uma de minhas crises com a escrita. O livro que os meninos tanto disseram que estavam ajudando a escrever. A dissertação, posta como um livro para os meninos, composta de emoções, tradução de bons encontros e amor.

Escrever esta dissertação foi uma tarefa difícil e prazerosa. Encontrar palavras para expressar o vivido, pensado, agido durante este tempo, exigiu um desdobramento interno, que resultou em transformação e amadurecimento. Quando estamos diante de todos os relatos de campo, tudo se torna importante e necessário. Não tinha como ser diferente, afinal cada pequeno relato de uma história de vida é trecho de existência. Se fosse pela ordem do desejo, as páginas seriam todas coloridas, enfeitadas. No entanto, “Não há guarda chuva contra o tempo, rio fluindo sob a casa, correnteza carregando os dias, os cabelos”,² e uma dissertação exige escolhas, recortes, padrões e formatos. Sendo necessário delicadeza e atenção, na seleção do que iria compor esta escrita. Afinal, como o próprio João Cabral de Melo diz: “Não há guarda-chuva contra o poema, subindo de regiões onde tudo é surpresa como uma flor mesmo em um canteiro”.

E foi numa imensidão de surpresas, que nesta dissertação, me dediquei a escrever sobre a dimensão da afetividade em adolescentes que trabalham para o tráfico de drogas. Por mais que as vezes pareça quase um crime fazer este entrelace se tomarmos como base todo o processo de criminalização da adolescência pobre do Brasil.

Embebida com a dissertação, iniciei um movimento no qual todos os meus encontros, com amigos ou desconhecidos, eram atravessados pelo meu tema de pesquisa. Esta ação fez com que eu escutasse e presenciasse diferentes reações, quando abordava o tema. Também me convocou a descobrir diversas linguagens e formas de falar sobre ela. Toda essa experiência foi me dando uma noção cada vez maior de como as palavras “afeto”, “adolescência” e “tráfico de drogas” pareciam desconexas. Assim como também pareciam desconexas as palavras “afeto”, “psicologia”, “pesquisa

¹ Sandra Andrade esteve comigo durante todo o processo de campo, colaborando de forma significativa para esta pesquisa.

² Poesia de João Cabral de Melo Neto – A Carlos Drummond De Andrade

científica”. Em alguns ambientes travei debates calorosos, em outros, me diverti desconstruindo ideias pré-concebidas. De todo modo, sempre foi muito prazeroso conversar com Alan, que começava os diálogos comigo dizendo “eu acho que você tá falando de algo sério, expressando o nosso sofrimento com suas palavras de humildade”.

Fui descobrindo a complexidade de unir essas questões humanas-históricas-sociais-culturais. O começo do interesse pela dimensão da afetividade no debate da exclusão social, tem seu início ainda na graduação, a partir das leituras de Bader Sawaia, minha orientadora nesta dissertação. Acredito que na construção do conceito de sofrimento ético-político, Sawaia(2006) traz à cena acadêmica uma pergunta importante acerca de como as pessoas vivenciam a exclusão. Vidas que se escrevem na vivência emocional, como nos dirá Vigotski, da exclusão social ou ainda da inclusão perversa, necessária ao funcionamento do capitalismo.

As leituras de Bader Sawaia auxiliaram nas minhas andanças ainda como estudante de psicologia, e nas minhas posteriores intervenções sociais, estando já formada. Em diversas experiências com crianças, adolescentes e adultos, a marca deste sofrimento parecia compor as frases anunciadas que escutei. Tendo como marco principal a fala de uma adolescente em um dos grupos, que relatou: *“a gente não vive a realidade, a gente sente a realidade porque quando morre alguém, não morre alguém do bairro, morre o irmão de X”*, apontando para outro adolescente que estava presente no grupo, cujo irmão havia falecido há poucas semanas.

Esta fala problematiza a dimensão afetiva da experiência na exclusão social. Moviada pela teoria e pela prática, me lancei no mestrado para tentar compreender melhor essa questão.

Neste trabalho, uno duas questões que acredito ser de extrema importância: a afetividade na exclusão social e a adolescência autora de ato infracional. Escrita que se desenrola a partir de uma experiência transformadora com os adolescentes que toparam embarcar e me ajudar nesta longa trajetória.

Esta pesquisa dedica-se ao objetivo de analisar a experiência afetiva de adolescentes autores de ato infracional pela vinculação com o tráfico de drogas. No

entanto, nem sempre foi assim, e chegar a esse objetivo possui uma longa história. As pesquisas tem desses descaminhos que acabam por abrir uma série de novas questões, modificando a pergunta inicial.

Tal objetivo foi uma imposição da prática. A afetividade emergiu como uma categoria psicosocial importante tanto na compreensão desses adolescentes, como na prática do psicólogo. Dito de outro jeito, os meninos resolveram falar de sentimento.

Respaldados pela pesquisa-ação-participante fomos mudando o objetivo. Segundo esta proposta metodológica, surgida nos anos 80, com o intuito de questionar o modelo positivista de produzir ciência, a pesquisa se faz a medida que avança, e o objetivo deve responder aos interesses dos sujeitos. Isto não significa transformar a pesquisa no porta voz de interesses particulares, mas construir conhecimentos que levem o pesquisador a ir além do que queria saber, abrindo um espaço de escuta para o que os sujeitos de pesquisa querem dizer.

Entre os adolescentes participantes desta pesquisa, Marley Chamosinho disse uma vez que nunca pensou em contar a história dele para ninguém, mas que depois foi indo, indo, e ele passou a história dele pra mim. O que eles me contaram vai muito além da intensa criminalização da adolescência, está para além do ato infracional. Dessa forma, tentei trazer para esta dissertação uma síntese de tudo que foi possível sentir, pensar, escutar e viver. Em uma escrita que se esforça a trazer “outras palavras” sobre os adolescentes inseridos no tráfico de drogas.

Desta forma, no primeiro capítulo discuto brevemente o conceito de adolescência e apresento como Vigotski, teórico que orienta esta pesquisa, concebe esta fase do desenvolvimento. A discussão prossegue a partir do debate acerca da situação dos jovens dentro do contexto social da exclusão, aqui compreendido em seu par dialético ‘exclusão/inclusão’, bem como a dimensão do sofrimento ético-político.(SAWAIA, 2006). Trazendo a dimensão da afetividade para a discussão acerca da desigualdade social. Finalizo o primeiro capítulo apresentando um breve debate sobre a adolescência autora de ato infracional e os estudos e pesquisas que auxiliam as análises desta dissertação.

No segundo capítulo apresento o método da pesquisa-ação-participante e os procedimentos que viabilizaram a coleta de dados. Debato a potência transformadora da arte, a partir de Vigotski, o trabalho com as narrativas e como foram construídos tanto o cineclube, quanto o ensaio fotográfico, procedimentos utilizados na coleta dos dados.

No terceiro capítulo, apresento quais as questões que levaram às transformações do tema de pesquisa, e em seguida descrevo como cheguei no método de exposição das histórias, finalizando com a apresentação dos adolescentes.

No último capítulo, que acredito ser o coração do trabalho, definimos o conceito de sujeito-homem e a experiência afetiva desses adolescente na inserção no tráfico de drogas. Além disso, o capítulo finaliza com um pequeno debate acerca da afetividade na intervenção psicossocial. A partir do compartilhamento de algumas inquietações e reflexões abertas durante o campo.

Enfim, eis aqui um corpo que vibra ao escrever. Sente, (re)sente os atravessamentos da escuta. Em um tema tão delicado de se tratar como a dimensão dos afetos em vidas inscritas no tráfico de drogas. Mais delicadeza ainda quando se trata de adolescentes, tão cheios de vida, tão abertos a novos horizontes, como nos diz Vigotski.

Delicadeza no que confere inclusive o exercício de falar sobre os afetos, daquilo que sentimos, uma intimidade. Escrever sobre isso, não pode, portanto, estar distanciado dos sentimentos. Sentimentos clandestinos para os adolescentes, mas também para a ciência. O afeto e o horror que se criou em torno de algo que constitui a nossa humanidade, que confere significâncias e encantamentos a nossa história.

É com muito cuidado que escrevo as palavras que compõem essa dissertação. Mas também com inquietudes, revoltas, carinhos. Cada palavra escrita contém o desejo de que a juventude pobre deste Brasil possa abraçar a vida, como diria Marley Chamosinho. E ainda em suas palavras, quando lhe perguntei como se abraça a vida, obtive a resposta: *“ela abraçando a gente de volta”*. Então, que a vida seja menos cruel e possa abraçar os adolescentes, possa ser ressocializada, usando as palavras de Galego Coringa *“para aprender a cuidar melhor das pessoas”*. Ou ainda, nas palavras de Dobrado, que se possa arrancar *“a raiva que eu tinha no meu coração”*, em um modo

de viver coletivo menos desigual e desumanizador. Este é um compromisso ético-político assumido por mim e potencializado após os tantos bons encontros com os meninos e suas bonitezas.

De tantas formas distintas pensei em abrir este trabalho. Agora, no entanto, parece mais simples falar sobre ele e convidar o leitor a ouvir/ler as histórias que compuseram essa navegação.

CAPÍTULO 1 – ADOLESCÊNCIA: BREVE DISCUSSÃO SOBRE O CONCEITO

O debate acadêmico/científico acerca da adolescência é polêmico e marcado por uma diversidade de definições teóricas. A adolescência também é polêmica para o senso comum, que tece seus pressupostos a partir da experiência com adolescentes, e pela difusão de informações sobre esse grupo. Na psicologia, há um forte movimento que naturaliza e universaliza a adolescência, que encontra seu contraponto na perspectiva sócio-histórica do conceito.

Entre os marcadores etários, biológicos, físicos e psíquicos, vale ressaltar a existência de um imbricamento entre o conceito de adolescência e o de juventude, uma vez que os marcadores etários se atravessam e indicam que “abordar o tema da juventude implica, necessariamente, tratar também do conceito de adolescência” (TRASSE, MALVASI, 2008, p.23).

Em sua pesquisa acerca das teorias e temáticas vinculadas a adolescência, Góes (2006), aponta para uma certa flexibilidade entre o conceito de juventude e de adolescência. Segundo a autora, fica claro em seu estudo que os autores desta área tendem a se utilizar do termo de forma indiscriminada. Isto se deve principalmente a compreensão de que o tempo cronológico e o desenvolvimento etário não são suficientes para delimitar a adolescência e a juventude. As vivências e experiências pelas quais os sujeitos se inserem, reescrevem uma concepção de adolescência e juventude que extrapola o desenvolvimento físico, cronológico, etário. Apesar disso, aponta para a importância destes demarcadores:

observa-se uma imprecisão na delimitação por faixa etária o que aproxima o conceito de adolescência e juventude de modo que, acabam efetivamente sendo usados de forma indistintas na literatura empírica. Entretanto, a delimitação por faixa etária assume um grau de importância grande nas políticas públicas e sociais, por estabelecer o grupo de pessoas a serem beneficiadas pelas mesmas, sendo um dos critérios usados. (GÓES, 2006, p.19)

Esta demarcação também é importante no ponto de vista jurídico, no qual a penalidade para atos infracionais é distinta para os considerados adultos e adolescentes.

Inclusive, um extenso debate tem sido feito frente ao retorno da proposta de redução da maioria penal no Brasil, que tem mobilizado diversas instituições e órgãos do governo envolvidos com a temática.

O termo adolescência tem seu surgimento no início do sec. XX nos Estados Unidos, e foi concebido como uma etapa da vida humana, a partir do reconhecimento de que em determinado tempo etário o ser humano passa por mudanças físicas e psíquicas que o distinguem da infância e precedem o mundo adulto. O surgimento do conceito direciona o interesse de diversos setores, no que tange a compreensão do que pensam, sentem e fazem os adolescentes. (GÓES, 2006).

Para as ciências biológicas, a adolescência esta articulada a noção de puberdade. O primeiro termo se refere à dimensão da maturação psíquica, enquanto o segundo vincula-se ao amadurecimento físico que levará a possibilidade de reprodução da espécie. (GÓES, 2006)

A primeira publicação específica sobre adolescência data de 1904 e pertencia ao pesquisador Granville Stanley Hall. Neste trabalho, o pesquisador concebe a adolescência como uma fase do desenvolvimento humano, imutável e universal, respondendo apenas a dimensão da hereditariedade. O autor designou a adolescência como um momento de tempestade e tensão, trânsito para a vida adulta. (GÓES, 2006)

Na vasta pesquisa feita por Góes (2006), acerca do conceito da adolescência, a autora aponta alguns trabalhos que marcaram a construção teórica do tema. Após a publicação de Hall, Ana Freud reforça seu conceito a partir dos construtos da psicanálise nos anos trinta. Nas décadas entre 50 e 70, temos a publicação de Erikson, na qual a questão central da adolescência estaria voltada para a crise da identidade e a moratória, considerando fatores culturais e sociais mas permanece a noção da adolescência como natural. Nos anos 60 os trabalhos de Aberastry e Knobel, refletiriam a adolescência como uma fase conturbada do desenvolvimento humano, e denominaram a síndrome normal da adolescência.

O que se pode perceber, é que a adolescência foi sendo tratada como um momento do desenvolvimento humano, marcado por conturbações e conflitos, como uma etapa de trânsito para a vida adulta, e por constituir-se como uma fase importante

na formação da personalidade, deve ter atenções voltadas ao seu desenvolvimento. Além disso, estes estudos norteiam a adolescência como uma fase natural e submetida às mudanças biológicas, pertencentes à puberdade.

Segundo Bock (2004) a psicologia tem contribuído fundamentalmente para a manutenção e propagação de uma concepção de adolescência que nega a historicidade e naturaliza a mesma. Para a autora, se faz necessário rever o conceito de adolescência uma vez que “em suas concepções, a psicologia naturalizou a adolescência. Considerou-a uma fase natural do desenvolvimento, universalizou-a e ocultou, com esse processo, todo o processo social constitutivo da adolescência” (BOCK, 2004, p.33).

A visão de que a adolescência seria uma etapa da vida conturbada vem, em grande parte, das contribuições da ciência biológica e da saúde, a partir de uma noção que valoriza as modificações físicas, orgânicas e emocionais da etapa. Apesar das ciências biológicas afirmarem que estas modificações podem variar o início a partir das condições de desenvolvimento, parte-se de uma visão universalizante da adolescência:

Assim, a visão da adolescência como uma fase de instabilidade, desequilíbrio e vulnerabilidade é atribuída por profissionais de saúde e pelo senso comum, ainda nos dias de hoje, aos hormônios que ao serem liberados no corpo, desencadeiam alterações orgânicas e impulsos sexuais. (GÓES, 2006, p. 24)

Apesar do reconhecimento das questões biológicas que envolvem a adolescência, compreende-la somente a partir deste referencial reduz todos os atravessamentos históricos, sociais e culturais pelas quais o sujeito se constrói. Além disso, esta visão universal cria estereótipos e modos específicos de comportamento para o adolescente.

Coimbra, Bocco e Nascimento (2005) criticam o uso do conceito de adolescência por compreender que ele encontra-se enraizado em concepções cartesianas racionalistas-desenvolvimentistas que homogeneizam e criam uma “identidade adolescente”. Para tanto, as autoras propõem que possa se começar a tratar da noção de juventude e enfatizam a relevância principalmente para quem trabalha com a adolescência pobre, considerada como perigosa e violenta.

quando se aceita a construção de uma identidade do sujeito na adolescência, além da produção de uma "identidade adolescente" -

como referido no início deste artigo - afirma-se um determinado jeito correto de ser e de estar no mundo, uma natureza intrínseca a essa fase do desenvolvimento humano. Ao colarmos uma etiqueta referendada por leis previamente fixadas e embasada nos discursos científico-racionalistas, pode-se criar um território específico e limitado para o jovem, uma identidade que pretende aprisioná-lo e localizá-lo, dificultando possíveis movimentos. Ao se reafirmar a homogeneidade, nega-se a multiplicidade e a diferença (COIMBRA, BOCCO, NASCIMENTO, 2005, p.6)

No tecido da crítica a concepção de adolescência como etapa do desenvolvimento natural do ser humano, a perspectiva sócio-histórica aponta para a construção de uma adolescência que é histórica- social, construída no desenvolvimento da sociedade. O processo de compreensão da adolescência deve portanto estar alinhado aos seus determinantes históricos, sociais e culturais, fatores indispensáveis para o debate acerca da temática.

Segundo Bock (2004, p.41) as modificações engendradas na organização social a partir da revolução industrial, constroem o contexto necessário ao aparecimento da adolescência. O trabalho passou a ser mais sofisticado, a necessidade da criança permanecer por mais tempo na escola e o desemprego que gerou a necessidade de ampliar o tempo até o ingresso no mercado de trabalho. “A adolescência refere-se, assim, a esse período de latência social constituída a partir da sociedade capitalista, gerada por questões de ingresso mercado de trabalho e extensão do período escolar, da necessidade do preparo técnico”.

Um ponto importante a ser explicitado, dentro da perspectiva adotada, se refere ao conceito de adolescência: implica localizá-lo a partir do contexto histórico, reconhecendo que as diversas formas de vivenciar e experimentar esta fase do desenvolvimento modifica seu caráter constitutivo dando, à concepção de adolescência, um aspecto que é, ao mesmo tempo, singular e cultural. Diante disto é possível pensar este conceito a partir da pluralidade migrando para uma concepção de “adolescências” (MAYORGA, 2006).

Pluralizar o conceito de adolescência implica em reconhecer as diversidades constituintes desta fase de desenvolvimento, compreendendo que a mesma não se encerra apenas no caráter etário e biológico, explicitando que, para discutir tal temática, se faz necessário perceber seu caráter político, social, histórico e cultural. Como nos

aponta Mayorga (2006, p.13), “o que é a adolescência nos remete às relações incluindo as de raça, gênero, classe social, orientação sexual, entre gerações e etc”.

Desta forma, o desenvolvimento da adolescência é dependente das estruturas sociais nas quais o adolescente se encontra inserido. Na realidade, esta é uma relação de caráter dialético, pois enquanto o adolescente se constrói também produz e articula diferentes novos contextos. Para Abad (2008), esta é a fase na qual se encontra mais potente os mecanismos de reprodução do discurso social e produção de novas possibilidades, acrescentando que,

[...] a possibilidade de autonomia, começando pelo próprio corpo, concretiza-se de maneira exclusiva contra as margens das instituições vigentes, seja através da ação político-social, a diferenciação cultural ou a delinquência, isto é, colocando em ação o corpo, capaz de falar, amar e comunicar-se (ABAD, 2008, p. 20).

Portanto, compreende-se esta fase do desenvolvimento humano enquanto conceito de adolescências, pluralizando e reconhecendo sua multiplicidade constitutiva. Para tanto, tal temática é vista como um momento específico do desenvolvimento humano, marcado por transformações significativas, tanto de ordem biológica quanto psicossocial, entendendo que a adolescência é um fenômeno sócio-histórico-cultural. Nesta dissertação, a adolescência é compreendida dentro da perspectiva sócio-histórica, tendo como base teórica as produções de vigotski acerca da adolescência.

1.1 A adolescência para Vigotski

A adolescência para Vigotski constitui-se como um fenômeno histórico-social, mediado pelas relações do sujeito no mundo, articulada a noção de desenvolvimento humano como dialético, contínuo e não linear. O autor considera as mudanças psíquicas e biológicas e exatamente pelas mudanças ocorridas nessas duas dimensões, considera a adolescência como uma fase de transição.

A transição a qual vigotski se refere não encontra-se vinculada a ideia de espera para a fase adulta, ou trânsito entre a infância e o mundo adulto, ao contrário, é considerada como transição, pelos saltos qualitativos na construção do pensamento presentes na adolescência e pela maturação sexual. Segundo Vigotski (1996, p.223) “debido a la maduración sexual surge para el adolescente um mundo nuevo y complejo

de nuevas atracciones, aspiraciones, motivos e intereses, de nuevas fuerzas que orientan su conducta em nueva dirección”.

A concepção de adolescência para Vigostki vai de encontro a ideia naturalizante e patologizante da adolescência, bem como da negatividade posta nesta ciclo do desenvolvimento humano. Para o autor, a adolescência é um momento de potencialidades, abertura de horizontes e criatividade. (SILVA, 2014)

Entre as críticas feitas por Vigotski as teorias sobre a adolescência, encontra-se a negatividade posta na adolescência, a noção biologizante do desenvolvimento humano e principalmente a negação de que não há mudanças no pensamento do adolescente em relação ao da criança. Para este autor, as teorias que versam sobre a adolescência, não explicitam as potencialidades deste momento do desenvolvimento humano, que para ele se dá em um salto qualitativo nas funções psicológicas superiores, que amplia a capacidade intelectual do adolescente. (MASCAGNA, 2009)

Segundo Vigotski (1996) o interesse é a chave principal para compreender o desenvolvimento da adolescência. Isto porque as funções psicológicas do ser humano se encontram regidas por um sistema de aspirações, atrações e interesses. O interesse constitui uma força motriz do comportamento e se modifica durante o desenvolvimento.

Os interesses e necessidades não são naturais ou instintivos, os mesmos se desenvolvem e transformam a partir das transformações históricas-sociais, são processos integrais e de maior amplitude e se encontram conectados com o contexto cultural no qual o sujeito se desenvolve. Para Vigotski (1996) os interesses sintetizam de forma complexa a dialética entre a subjetividade e a objetividade.

Na adolescência, os interesses passam por transformações radicais, em relação aos da infância e se manifestam, de forma evidente as necessidades biológicas do organismo e os interesses culturais. Constitui um movimento de ruptura com o que lhes interessava na infância e aquisição de novos interesses. Neste processo, o mundo externo se apresenta de forma completamente nova, o que modifica os sistemas de relações do adolescente com o mundo e com as pessoas.

A adolescência marca o momento no qual se dá o amadurecimento do

pensamento por conceitos. Segundo Vigotski (2009), a formação de conceitos se inicia na infância, porém o amadurecimento se dará apenas na adolescência. Este amadurecimento, do qual Vigotski se refere, relaciona-se ao emprego funcional da palavra e do signo, resultando em uma complexa e intensa atividade, que orientará a compreensão.

Todas as funções psicológicas elementares, que costumam ser apontadas, participam do processo de formação de conceitos, mas participam de modo inteiramente diverso como processos que não se desenvolvem de maneira autônoma, segundo a lógica das suas próprias leis, mas são mediados pelo signo ou pela palavra e orientados para a solução de um determinado problema, levando a uma nova combinação, uma nova síntese, momento único em que cada processo participante adquire seu verdadeiro sentido funcional. (VIGOSTKI, 2009, p. 169/170)

Este amadurecimento do pensamento por conceito constitui a transformação intelectual que ocorre na adolescência. Através desta, o adolescente passa a deter o poder sobre suas próprias operações psicológicas, orientando-as a ação e as resoluções das problemáticas que se apresentam em suas vidas.

Neste sentido, o meio social irá motivar o adolescente no desenvolvimento do pensamento, uma vez que a formação de conceitos é uma função sociocultural pertencente a fase da transição. É por este salto qualitativo no desenvolvimento do pensamento que Vigotski compreende a adolescência como um período de crise e amadurecimento.

É através dessas transformações intelectuais, que se torna possível para o adolescente pensar acerca da própria realidade. O amadurecimento da formação dos conceitos, faz com que o adolescente acesse a sua realidade subjetiva, autopercepção, possibilitando que o mesmo reflita sobre a própria existência, sobre suas vivências e a construção de sua identidade. “Pero tan sólo en la edad de transición, junto con la formación de conceptos, es cuando avanza decisivamente por el camino de la auto comprensión, del desarrollo y estructuración de la consciencia.” (VIGOTSKI, 1996, p.72)

O desenvolvimento da formação dos conceitos permite ao adolescente o pensamento abstrato, libertando-o da concretude das coisas. Por essa questão, tanto a consciência de si, quanto da realidade que o circunda se amplia, diversifica e torna-se

mais complexa. Isto se dá porque a formação de conceitos abre para o adolescente a consciência social objetiva, fazendo com que o mesmo não somente apreenda o conteúdo cultural, quanto também participe ativamente dele. (DIAS, 2007)

Por ser possível o ato reflexivo, as convicções e normas éticas, passam a ser internalizadas compondo a formação de sua respectiva personalidade e integrando a conduta de seus comportamentos. Neste sentido, é na adolescência que se torna possível a criação de concepções acerca do mundo, das pessoas e de si mesmo. (MASCAGNA, 2009)

Os processos de imaginação, criação e fantasia, também se transformam na adolescência, uma vez que a capacidade de abstração em conceitos traz novas aberturas a esses processos básicos. Como consequência, o adolescente possui a abertura para novos horizontes. (VIGOTSKI, 1996)

Ligada a formação de conceitos, a imaginação vincula-se a potência de criação e inventividade, integrando-se a atividade intelectual. O desenvolvimento do pensamento na adolescência, no que se refere tanto a imaginação quanto a criatividade, ganham a liberdade interna do pensamento, do conhecimento e da ação, não estando mais preso a concretude dos fatos. Esta mudança viabiliza ao adolescente encontrar soluções criativas as questões que se apresentam na realidade objetiva. (SILVA, 2014)

A fantasia é uma outra dimensão que se altera na adolescência. Na fase de transição, a fantasia torna-se uma abstração deixando de ser, como na infância, visual-direta, o que lhe dá caráter ativo e voluntário. (VIGOTSKI, 1996)

Voltada para a vida emocional, sentimentos e necessidades, a fantasia constitui-se como atividade subjetiva e satisfará pessoalmente o adolescente, ampliando o autoconhecimento. No entanto, ela também estará direcionada para as atividades práticas, compreensão do mundo e para a criação objetiva. Desta forma, possui caráter dialético e não dicotomizado, formando assim uma síntese completa. É através da fantasia, que o adolescente pode projetar seu futuro e elaborar ações para sua concretização. (DIAS, 2007)

Segundo Vigotski (1996) a autoconsciência se torna possível na adolescência,

através desta o homem toma consciência de si enquanto unidade. Ela representa o domínio do comportamento e a internalização da consciência social. Desta forma, a personalidade não é algo inato, mas construído a partir da relação dialética entre a subjetividade e a objetividade. Segundo Dias (2007, p.21) “formas sociais coletivas de comportamento convertem-se em formas de conduta e pensamento, configurando o modo próprio do indivíduo singular”.

Desta forma, o contexto social no qual o adolescente se desenvolve pode bloquear ou amplificar suas potencialidades. Uma vez que o desenvolvimento do pensamento e da personalidade são mediados pelas determinações históricas, sociais e culturais nas quais o adolescente encontra-se inserido. Dias afirma que:

Vigotski, ao explicar o processo da adolescência está indicando o que seria saudável nesta fase da vida: uma experiência que permita abrir-se ao mundo, a autonomia de pensamento e de ação, a ampliação da capacidade criativa, crítica e reflexiva, a posterior capacidade de trabalhar, em seu sentido criativo. (DIAS, 2007, p.21)

Em suma, a teoria de Vigotski sobre a adolescência, permite-nos uma visão mais crítica acerca deste momento de vida. Amplia o conceito por libertá-lo da radicalidade biológica, sem com isso negar as mudanças orgânicas que ocorrem. O autor contribui também por não colocar a adolescência como uma fase negativa ao contrário, expõe as potencialidades da chamada fase de transição, trazendo a dimensão da criatividade e expansão dos horizontes.

Ao compreender que o desenvolvimento do pensamento se dá mediado pelas determinações sociais, convoca-nos a refletir sobre as condições que a sociedade tem ofertado a esses adolescentes para se desenvolverem e elaborarem criativamente suas ações, pensamentos, sentimentos e projetos de futuro. Neste sentido, a teoria de Vigotski inviabiliza análises que patologizam a adolescência, bem como as explicações simplistas e descoladas da sociedade, exigindo-nos um comprometimento ético na formação dos adolescentes.

1.2 Sofrimento ético político

Para se discutir a questão da adolescência inserida no tráfico de drogas, se faz necessário situar o contexto nos quais esses jovens tem se desenvolvido. Uma vez que

se compreende que o sujeito se constrói no interjogo entre a subjetividade e a objetividade. Falar sobre o tema da adolescência articulada ao ato infracional, neste caso específico, inseridos no tráfico de drogas, nos convoca diretamente a abordar o tema da exclusão social.

O conceito de exclusão social é ambíguo e polissêmico. Além disso, vem sendo discutido de diversas formas, ganhando enfoques e recortes ao longo de sua criação. Engendra-se neste trabalho uma análise ético-psicossociológica da exclusão, entendendo a complexidade referente ao tema e suas dimensões políticas, subjetivas, relacionais e materiais. (SAWAIA, 2006)

Segundo Sawaia (2006) a exclusão social possui três dimensões: a objetiva, referente a desigualdade social, a ética, vinculada as injustiças sociais e a subjetiva, que concerne ao sofrimento produzido pela exclusão social. Além disso, a análise da exclusão social, não pode estar dissociada do par dialético que a confere, uma vez que no modelo atual do capitalismo, ninguém está apartado completamente da sociedade, todos de alguma maneira encontram-se incluídos de algum modo no sistema. Como aponta Sawaia

A sociedade exclui para incluir e esta transmutação é condição da ordem social desigual, o que implica o caráter ilusório da inclusão. Todos estamos inseridos de algum modo, nem sempre decente e digno, no circuito reprodutivo das atividades econômicas, sendo a grande maioria da humanidade inserida através da insuficiência e das privações, que se desdobram para fora do econômico. (SAWAIA, 2006, p.8):

Desta forma, a autora sugere que a exclusão passe a ser analisada pelo seu par dialético exclusão/inclusão. Esta mudança tem como objetivo introduzir a tanto a ética quanto a subjetividade no debate, ampliando a questão uma vez que não se torna mais possível a culpabilização individual da exclusão, como ocorre com a pobreza. Ao contrário, a análise dialética nos permite compreender os mecanismo de manutenção da ordem excludente, compreendendo-a como “descompromisso político com o sofrimento do outro” (SAWAIA, 2006, p.8)

Nesta perspectiva, Martins (2012) denuncia que o processo da exclusão no modelo atual do capitalismo, se organiza pela inclusão econômica dos sujeitos, mas oculta a desintegração moral, político e social que ocorre. “já não é o mundo dos pobres,

porque as pessoas são reincluídas economicamente, em vários graus e de diferentes modos, que no fundo comprometem radicalmente sua condição humana” (MARTINS, 2012, p.34).

O autor denuncia a criação no Brasil de uma sub-humanidade, que se forma através da inclusão das pessoas em condições extremamente precárias de trabalho e em serviços de baixíssima remuneração. Com a dimensão do acesso ao consumo, Martins aponta para a criação de um mundo mimético do excluído:

o tênis de qualidade inferior do adolescente pobre reproduz o tênis sofisticado do adolescente rico. Faz do mundo do excluído um mundo mimético, de formas que ganham vida no lugar da substância. É o mundo do imaginário, da consciência fantasiosa e manipulável. (MARTINS, 2012, p.36)

É neste sentido que Martins (2012) indica o qualificação perversa da inclusão, no sentido em que o reconhecimento enquanto sujeito encontra-se expropriado, restando-lhe as marcas estigmatizantes de sujeitos perigosos. A exclusão encontra-se transmutada como inclusão, por isso compõem um par indissociável, pertencentes a uma mesma substância e sua dinâmica é que viabiliza a manutenção do sistema. (SAWAIA, 2006) Inspirada na definição de Martins, Sawaia (2003, p.60) afirmará que “no caso da inclusão perversa, há uma separação entre afeto, razão e afecções do corpo, com predomínio das paixões reativas, tristes ou alegres”. Segundo Saffioti:

[...] esse tipo de sociedade funciona através de uma engrenagem dentre cujas funções encontra-se a da vitimação. Há, pois, a nível social, a produção de vítimas. Trata-se de crianças vitimadas pela fome, por ausência de abrigo ou por habitação precária, por falta de escolas, pela exposição a toda sorte de doenças infecto-contagiosas, por inexistência de saneamento básico. (SAFFIOTI, 1989, p.15)

Esta autora nos faz um alerta sobre a produção de vítimas, que não necessariamente sofreram a violência que costumamos compreender (que se encontra relacionada com a agressão física), mas vítimas de um sistema no qual, os pressupostos básicos do tornar-se humano estão negados e suas trajetórias de vida estão marcadas por uma sequência de negligências, no que tange o cuidado dos aspectos físicos, psíquicos e sociais, no que faz referência à dignidade humana.

A dialética inclusão/exclusão se materializa na gestão empreendida das subjetividades. Desta forma, para compreender a vivência da exclusão social, não é possível apenas o traçado da perspectiva econômica, pois “elas determinam e são determinadas por formas diferenciadas de legitimação social e individual, e manifestam-se no cotidiano como identidade, sociabilidade, afetividade, consciência e inconsciência”. (SAWAIA, 2006, p.9)

Frente a toda a rede complexa que envolve a exclusão social, nesta dissertação compreendemos a mesma como produtora de sofrimento. Entender a relação entre exclusão social e sofrimento é trazer para a discussão a dimensão da subjetividade e da afetividade. No que se refere a afetividade ela aqui é compreendida como

tonalidade e a cor emocional que impregna a existência do ser humano e se apresenta como: 1) sentimento: reações moderadas de prazer e desprazer, que não se refere a objetos específicos. 2) Emoção, fenômeno afetivo intenso, breve e centrado em fenômenos que interrompem o fluxo normal da conduta. (SAWAIA, 2006, p.98)

Sawaia (2006) expõe que questionar a dimensão da afetividade na exclusão social, implica em transcender a ideia de que o sujeito excluído não possui desejos desatrelados da sobrevivência, nem vontade de ser feliz. Neste sentido, analisar a afetividade nesta perspectiva retoma a dimensão da humanidade e nos implica eticamente, pois compreende que este sofrimento não é produzido pelo sujeito em sua individualidade, ele expressa a vivência dentro do sistema capitalista atual e traz a tona a possibilidade de indignação frente as condições precárias com as quais a maioria da população tem vivido.

Dito isto, discutir a questão supracitada é, antes de qualquer coisa, compreender como a exclusão social se objetiva. É no sujeito, em suas vivências e relações que a exclusão se objetivará, compreendendo que o rompimento deste sofrimento não se dá no plano individual, ao contrário ele se relaciona como o social, com a intersubjetividade.

Fora da compreensão acerca de como os homens vivem a exclusão, o conceito perde sua força transformadora por torna-se abstrato. Assim, analisar o enlace entre a afetividade e a exclusão, como indica Sawaia, refere-se a qualifica-la como ético-política: “Ao introduzir as emoções como questão ético-política, obrigam-se as ciências humanas em geral e a Psicologia Social em especial, a incorporar o corpo do sujeito, até

então desencarnado e abstrato, nas análises econômicas e políticas”. (SAWAIA, 2006, p.101)

O sofrimento ético-político é o sofrimento produzido pela exclusão social. Constitui-se pela forma como as pessoas cotidianamente vivenciam a desigualdade e a injustiça social, por estarem submetidas a condições indignas de vida como a opressão, a fome, a exploração e a deslegitimação social.

O sofrimento ético-político retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade. Ele revela a tonalidade ética da vivência cotidiana da desigualdade social, da negação imposta socialmente às possibilidades da maioria apropriar-se da produção material, cultural e social de sua época, de se movimentar no espaço público e de expressar desejo e afeto. (SAWAIA, 2006, p.104/105)

Trata-se portanto, de um sofrimento que mutila a existência, bloqueando a capacidade humana de expandir a vida, através da incessante exposição às injustiças sociais. (SAWAIA, 2003).

Entendendo como uma das principais características da adolescência, como nos fala Vigotski (1996), a possibilidade de abrir seus horizontes, de expandir suas relações, necessidades e projeto de futuro, o sofrimento ético-político incide de forma marcante na retaliação dessas potencialidades, demarcando a costura clara entre os processos subjetivos, o sofrimento produzido pela exclusão e as possibilidades de transformação da realidade.

Mello (2006) expõe como no Brasil, a classe dominante não reconhece o pobre como igual. Neste sentido, o reconhecimento do pobre como desigual, articula-se a uma ideia de inferioridade, não atribuindo-lhe características conferentes a humanidade. Desta forma, o pobre passa a ser visto como “portadores de características desabonadoras, de traço de caráter indesejáveis, de um potencial de violência que os torna pouco humano” (MELLO, 2006, p.135)

No Brasil, parece estar instituída uma guerra contra os pobres. Para manter a guerra, a população pobre foi sendo, ao longo do processo histórico, caracterizada como indigna de confiança, como violenta, ruim. Aos seus corpos são atribuídos a

personificação do ladrão, do bandido, do malfeitor. A juventude pertencente a essa classe torna-se o alvo máximo da guerra. (MELLO, 2006)

Segundo Leonardo Sá (2010) os jovens pobres, pertencentes as periferias da cidade estão dentro de um processo pelos quais

são concebidos como seres potencialmente e fatalmente portadores das qualidades negativas reputadas aos seres infames e perigosos e, portanto, sujeitos às mais diversas vociferações públicas de opróbrio e ação violenta repressivas dos agentes da ordem e da lei. (SÁ, 2010, p.24)

Como expõe Leonardo Sá, os jovens das favelas são tidos como os inimigos públicos, constituem símbolos de violência, estranhamento, desamor e guerra, legitimando ações violenta contra eles e seus pares de iguais. Violência real imprimida nas cicatrizes visíveis em seus corpos:

elegeram o corpo dos jovens como objeto preferencial de agenciamentos de poder e de investimentos punitivos como forma de controle contra a possibilidade da emergência de revoltas, insurreições e levantes da socialidade dos jovens pobres contra o Estado. (SÁ, 2012, p.184)

O estigma construído sobre a juventude pobre tem como grande protagonista a mídia brasileira. Sales (2004) aponta o quanto os meios de comunicação no sistema neoliberal, corroboram para a formação de um sujeito despolitizado. No que se refere a juventude, a autora expõe a relação perversa estabelecida, na qual, a visibilidade desta população aparece sempre vinculada a violência e ao mal, ofertando assim uma (in)visibilidade perversa. Ainda sobre o papel da mídia, Bocco (2008, p.19) afirma que “Enquanto sobre-expomos e colocamos em vitrine o *jovem-violento-criminoso* pela mídia, invisibilizamos o *jovem-violentado-criminalizado* que aparece nos números dos indicadores sociais”.

No mapa da violência de 2014, encontramos logo na introdução um dado absurdo. Mesmo frente a todos os anos de luta e mesmo ainda com a implementação do ECA, que dá a criança e ao adolescente o reconhecimento dos mesmos como sujeitos de direitos e garantias de proteção, o documento começa afirmando um retorno aos primórdios. Segundo os dados atuais, o número de jovens mortos apresenta-se semelhante ao início dos primeiros mapas da violência, que já apontavam a juventude

como alvo das mortes no Brasil. Além disso, a mortalidade juvenil no Brasil, atinge taxas maiores do que em países com conflito armado. (WASELFISZ, 2014)

Segundo Waiselfisz (2014), o número de vítimas juvenis por homicídio passa a tornar-se expressivo a partir dos 13 anos, encontrando o ponto máximo das taxas aos 20 anos. o pico de vitimas no total de 2.473, na idade de 20 anos. De 1980 à 2012, o homicídio de jovens aumentou em 118,9% . Em 2012, as taxas de homicídio de jovens é três vezes maior do que em relação a população não jovem. “Em 2012, os jovens de 15 a 29 anos de idade representavam 26,9% do total dos 194,0 milhões de habitantes do País, mas foram alvo de 53,4% dos homicídios”. (WASELFISZ, 2014, pg.156)

Uma questão relevante apontada pelos dados, refere-se a taxa das mortes entre jovens negros e brancos, entre 2002 e 2012. Enquanto o número de vítimas de jovens negros aumentou em 32,4%, o dos jovens brancos caiu em 32,3%, gerando uma taxa diametralmente oposta. “Com isso, o índice de vitimização negra total passa de 79,9% em 2002 (morrem proporcionalmente 79,9% mais jovens negros que brancos) para 168,6% em 2012, o que representa um aumento de 111% na vitimização de jovens negros”. (WASELFISZ, 2014, p.167)

Segundo Mello (2006, p.136) os dados de homicídios da juventude apontam para “um caso de matança, ou extermínio. Servidos em pequenas doses diárias, nos meios de comunicação de massa”. Para além dos dados de mortes, encontramos a impunidade que envolve esses homicídios. Raramente os autores são responsabilizados e, em grande parte, encontram-se laudos evasivos e as investigações parecem sempre indicar algum tipo de “suspeita” referente a vítima.

Quando a guerra de extermínio dos jovens acontece na periferia, não há nomes e nem pressões sobre os órgãos de repressão. Há um silêncio social tácito sobre essa violência. Há violências que não contam, como se fossem ritos necessários à depuração da sociedade (MELLO, 2006, p.139)

Todas as questões apresentadas acima apontam para uma estruturação social que ncriminaliza os jovens, culpabiliza-os pela violência social e extermina essa população. Retomando que para Vigotski, a adolescência seja um momento de ampliação dos horizontes, projeções de futuro e interesses vinculados ao mundo externo, o contexto brasileiro tem bloqueado todas essas potências concernentes a adolescência.

No que se refere a adolescência autora de ato infracional, a questão parece tomar proporção ainda maior. Apesar das pesquisas apontarem para uma visão mais amplificada sobre a questão, compreendendo os fatores sociais que corroboram para a inserção no mundo do crime, o Estado e a sociedade civil, continuam mobilizando ações punitivas e excludentes, que só amplificam o sofrimento ético-político e, mais do que isto, retiram-lhes a possibilidade de vida.

uma socialidade antiética aos modos de sujeição dos jovens promovidos pelos discursos racistas, policiaescos, mercadológicos, midiáticos e identitários que são estimulados pelas classificações simbólicas que fixam estigmas de selvageria e imputações de violência ao conjuntos das corporalidades juvenis como se todas elas estivessem reduzidas à passividade das capturas, e subjugadas pelos determinismos das inculpações do sistema de demonização social que, no interesse dos discursos do estatismo, pretende englobar os jovens das periferias como jovens envolvidos e, portanto, domesticados pelas forças policiais, prisionais e judiciais de controle social. (SÁ, 2010, p.266)

Toda essa rede complexa que envolve a temática da adolescência autora de ato infracional, nos implica a tomar posturas frente a questão. Esta pesquisa vem na tentativa de contribuir na luta pela possibilidade de existência digna da adolescência pobre do Brasil, fortalecimento da retomada de suas humanidades, bem como na provocação da necessidade de novas formas de atuação e intervenção da psicologia, nesta luta travada pela possibilidade de viver.

1.3 Adolescência autora de ato infracional

Há uma produção extensa de pesquisas voltadas para a temática da adolescência autora de ato infracional. Este número extenso ressalta a importância de avançarmos nas pesquisas, no foco de que a produção deste conhecimento possa vir auxiliar o estabelecimento de transformações sociais voltadas para este público, bem como a garantia de proteção e o fim das violações de direitos humanos que atravessam as histórias desses adolescentes.

Ao falar sobre as pesquisas cujo tema se relaciona com adolescentes e exclusão social, Spósito (2009) verificou que nas áreas de ciências sociais, serviço social e educação, há um interesse maior por pesquisas com adolescentes em conflito com a lei, tendo como foco principal a questão das Medidas Socioeducativas.

por um lado, as medidas socioeducativas ou corretivas dirigidas aos adolescentes em conflito com a lei continuam sendo um grande problema no país: é praticamente unânime, nos trabalhos analisados, a denúncia sobre sua ineficácia, assim como a constatação de que, nesse campo, os avanços legais firmados no ECA ainda não foram efetivados. (SPÓSITO, 2009, p.130)

A autora apresenta uma contradição existente entre a visão da mídia e da sociedade civil e a produção das pesquisas, acerca das análises sobre o tema. Spósito (2009) aponta que, enquanto pela mídia os adolescentes são colocados como representação do medo e ameaça a ordem pública, as pesquisas apontam que o número de adolescentes que cometem infrações graves é bem baixo.

Grande parte dos trabalhos tenta compreender como se produzem os adolescentes autores de ato infracional. Spósito (2009) destaca a correlação feita com a violência, a vulnerabilidade social e o consumo como parte das análises. Segundo a autora, na maior parte das pesquisas, quando se fala do consumo, o jovem é sempre analisado como hedonista e imediatista tendo no tráfico de drogas, a possibilidade de inserção social. Por outro lado, muitos trabalhos acabam por colocar o foco de suas análises na violência sobrepondo-se a adolescência.

E concordância com a questão levantada por Spósito (2009), Lyra (2013, p.35) afirma que “com raras exceções, a característica em comum das pesquisas sobre “jovens em conflito com a lei” repousa na ausência do “jovem” e na ênfase do “conflito com a lei”. Por um lado, o autor aponta para a articulação com temas da violência, educação, pobreza e trabalho, que acabam por ter como fontes relatórios, análises da mídia, dados estatísticos, e outras pesquisas, não sendo o discurso do próprio jovem a fonte dos dados. Quando o jovem passa a ser escutado como fonte empírica, Lyra (2013, p.36) aponta para um interesse maior no conflito com a lei “a ênfase no “conflito com a lei” acaba por obscurecer a possibilidade de descobrir nessa juventude algo mais que algezes sociais. Isso se dá porque, em última instância, é a violência, e não os jovens, o recorte implícito deste tipo de pesquisa”.

Silva (2014) ressalta a variedade de trabalhos que relacionam o contexto socioeconômico com a produção da subjetividade. A autora expõe a diversidade de análises acerca da inserção dos jovens no mundo do crime. Entre as análises se destacam as questões vinculadas a desestruturação familiar, características pessoais,

desadaptação social e como resultado da desigualdade social. Outra questão pesquisada relaciona-se ao sentido do ato infracional. Nesta perspectiva, as análises se voltam para busca de reconhecimento, rebeldia, ato de resistência, desvio de conduta, chegando a patologização desses adolescentes.

Nesta dissertação, buscou-se nas palavras-chaves de pesquisa, a adolescência, infração e afetividade. Os resultados obtidos expuseram, em sua maioria, pesquisas vinculadas a relação entre o adolescente e a família e a relevância da família no processo de cumprimento das medidas socioeducativas. Raros trabalhos elencaram a dimensão da afetividade como uma perspectiva de análise que não estivesse voltada para a relação familiar. Apesar da ausência de pesquisas que abordem a questão da afetividade de adolescentes inseridos no mundo do crime, recorte específico dessa dissertação, apresentaremos os trabalhos que amplificaram a visão sobre a temática, auxiliando no processo da produção da pesquisa.

Em *Vidas Arriscadas* Ferfman (2006) produz uma descrição acerca de como a chamada “guerra as drogas” e também a transformação do tráfico de drogas como símbolo do mal e responsável pela violência social se constituíram ao longo do processo histórico. Segundo a autora:

o discurso de combate as drogas encerra um enfoque de ângulo único, apoiado num critério de verdade imbricado na atual visão de ciência, que é restritiva, e de natureza persuasiva, o que acaba por intensificar posições radicais contra usuários e dependentes, ao associar droga com violência, crime e loucura, justificando, assim, providências preventivas e a busca de soluções na esfera policial. A droga aparece ali como único determinante, sendo analisada como relação causa e efeito. (FERFMAN, 2006, p.34)

Apesar do discurso de combate as drogas, o mercado ilegal movimenta milhões, exercendo papel significativo na economia mundial. Segundo Sá (2010) o chamado mundo do crime é produtivo e favorece ao sistema, por excluir a população pobre das melhores ofertas de oportunidade através do gerenciamento do tráfico de drogas, que se constitui como mercado ilegal “Afinal, os mercados ilegais funcionam como mercados e as empresas ilegais modelam seus agenciamentos como funcionários de empresas que só agem à medida que as ações podem ser capitalizáveis” (SÁ, 2010, p.267). Acrescenta-se a isto, o fato do tráfico de drogas operar no modelo de gestão financeira,

focado na obtenção de lucros e pela flexibilização do trabalho, operando assim no mesmo modelo das grandes empresas. (MALVASI, 2012)

Malvasi (2012) aponta que a “guerra ao narcotráfico” não se direciona aos que verdadeiramente lucram com esse mercado. Ao contrário, ela se direciona aos sujeitos excluídos socialmente, compondo um exercício repressivo higienista:

a guerra ao “narcotráfico”, entretanto, não se volta aos grandes cartéis transnacionais, mas focaliza a horda de pobres, migrantes, minorias que habitam certos territórios das cidades ao redor do mundo. A repressão as drogas (consumo e tráfico) articulada a uma visão higienista ocorre desde as primeiras décadas do sec. XX nos EUA, quando se associou as minorias negras, hispânicas e asiáticas ao consumo de substâncias como cocaína, maconha e ópio. (MALVASI, 2012, p.72)

Neste sentido, o tráfico de drogas vem sendo colocado como a própria encarnação do mal, produtor de violência, desordem, destruição de famílias, mortes e uso abusivo de substâncias psicoativas geradores da destruição humana. (MALVASI, 2012)

Dentro desta lógica higienista de combate ao crime e ao narcotráfico, todos os estigmas e concepções conferidas ao mesmo recaem sobre o indivíduo que se encontraria inserido no tráfico de drogas. Desta forma, não é exatamente o ato infracional o foco das intervenções, mas sim os sujeitos que passam a ter incorporado por natureza a essência criminal. Segundo Feltran (2011, p.187) “Nessa sobreposição do sujeito à ação, o indivíduo passa a conter o ato ilegal em sua natureza: seu corpo passa a demonstrar publicamente o sujeito ilegal, e é isso o que subjetiva o bandido”.

Em concordância com esta questão, Sá (2010) aponta o quanto a figura do assaltante vai constituindo símbolo de ódio tanto para o Estado quanto para a sociedade civil, ocultando desta forma o processo de formação subjetiva do bandido como produção social. Segundo Santos (2010, p.25) “jovens e outras pessoas envolvidas no tráfico são descaracterizados da humanidade e da cidadania que lhes deveria ser conferida, sendo vítimas potenciais de extermínio”.

No que circunda a guerra as drogas, apesar de serem os que menos lucram com o trabalho no tráfico, os adolescentes constituem o grupo que mais se encontram expostos as violências, riscos e prisões. (MALVASI, 2012)

Construído ao longo do processo histórico do Brasil, a infância e a juventude pobre são atreladas a figura da delinquência, em um ato de criminalização da pobreza. Sendo visto pelo estado como “elementos a serem controlados, obstáculos à ordem e ao progresso nacional” (BOCCO, p.93)

Sem querer ater o debate a questão da adesão ao tráfico de drogas, por parte dos adolescentes, gostaria de destacar o fato de que muito autores atrelam a inserção ao crime pela ordem da visibilidade e reconhecimento social. Neste sentido, a inserção ao tráfico não pode ser explicada apenas pela dimensão da pobreza. Atrelada a pobreza e a dimensão da sobrevivência, encontram-se outros fatores, articulados ao desejo de romper o processo de marginalização social, sendo assim reconhecido como sujeito. Destaca-se aqui autores como Zaluar (2004), Ferffiman (2006) e Soares e Athayde (2005).

Para Sales (2004, p.239) O ato infracional, portanto, quebrará com o chamado “pacto de silêncio que governa a *invisibilidade social* e se lança contra o Estado e a sociedade em busca da cidadania perdida”. Para a autora, os adolescentes que cometeram ato infracional, incorporam a representação social destinada a eles e como consequência a condição de metáfora da violência, presente em seus respectivos cotidianos. Segundo Sales:

mesmo sem desejar racionalmente, quebram o ciclo da invisibilidade perversa, ao reforçar a fala de atores empenhados na luta pelos direitos da criança e do adolescente, ao promover políticas públicas, por meio da pressão das autoridades locais e nacionais; e ao simplesmente exibirem a solidão, a dor e a miséria de sua história, inscrita nos seus corpos. (SALES, 2004, p.240)

O que nos interessa nestes trabalhos articula-se ao fato de como a adolescência autora de ato infracional, encontra-se em um processo de descaracterização de suas humanidades, tornando símbolo do mal e da violência. No entanto, apesar de muitos trabalhos explicitarem as dimensões subjetivas que envolvem os motivos de inserção ao tráfico, como uma tentativa de ser reconhecido/visto socialmente como sujeitos, não encontram-se pesquisas que abordem a vivência afetiva dos mesmos. Neste sentido, esta pesquisa buscou compreender a vivência dos adolescentes inseridos no tráfico de drogas, explicitando os sofrimentos vividos a partir desta inserção. Na tentativa de

contribuir para o debate, amplificando as análises e auxiliando na construção de estratégias de intervenções articuladas as demandas destes sujeitos.

CAPÍTULO 2 - SOBRE A METODOLOGIA DA PESQUISA

Escrever o capítulo da metodologia desta pesquisa se faz em uma escrita de rememoração e atualizações/refinamento das ideias iniciais. Expõe as mudanças exigidas pelo campo e pelos sujeitos da pesquisa que, em diálogo com a pesquisadora, escreveram esta dissertação. No capítulo metodológico explicitam-se concepções de mundo, do tema, interesses da pesquisa, as produções decorrentes dos encontros. Ela revela o posicionamento do pesquisador, pelo qual me deixei envolver para depois retornar, transformada por tudo que vi, senti, registrei, pensei, agi, para a distância necessária a análise, como indica Zanella (2013):

imersão em que o pesquisador se encharca dos discursos/água do contexto investigado, em que permite se deixar levar pelas correntezas para compreender suas forças e movimentos, para depois emergir, molhado, transformado, transtornado (p.61).

Neste processo, muitos foram os encontros, cenas, vivências que compuseram as pistas, rastros, vestígios do caminho que se percorreu até o momento que apresento esta dissertação como proposta de discussão. O trabalho acadêmico nos exige um olhar atento para a complexidade do tema estudado, ao mesmo tempo em que solicita a definição de uma pergunta, de um recorte, no qual se deve debruçar e analisar. Depois de cinco meses de imersão em campo, inicia-se um contínuo movimento de retornar ao que foi vivido para então esboçar um ponto específico de análise e exposição. Trata-se, portanto, de um trabalho artesanal de, no processo de voltar aos registros/acontecimentos, tecer discussões alinhadas à experiência, ao que se pode constatar, ao que as vozes que se buscou ouvir disseram nas tramas da experiência.

Pretende-se neste capítulo, portanto, apresentar as escolhas norteadoras da pesquisa, suas ancoragens teóricas, os procedimentos utilizados e as descrições dos processos que produziram as aberturas deste fazer-pesquisar imbuído e investido de encontros transformadores.

2.1 Pesquisa-ação-participante: inspiração para um fazer ciência comprometido com a transformação social

Esta pesquisa tem a base de seus pressupostos teórico-filosóficos-práticos na concepção materialista-histórica-dialética de subjetividade desenvolvida por Vigotski (1999), que buscava elaborar, a semelhança de Marx, “o capital” da psicologia. Isto significa segundo ele, compreender a subjetividade como totalidade que sintetiza de forma particular as contradições sociais, da qual é também produtora. Desta forma, o indivíduo encerra em sua totalidade o singular e o universal, uma vez que se constitui a partir de suas relações com seus pares de iguais, na intersubjetividade e nas condições sócio-históricas nas quais encontra-se inserido (LANE, 2012). Processo que se configura na tensão entre criação e determinação. Vigotski estava preocupado em explicar a singularidade e a criação apesar da determinação social para superar as dicotomias que prejudicavam a psicologia de sua época: razão/emoção, mente e corpo. Preocupação que ele revela na admiração manifestada pela filosofia monista de Espinosa, explicitada na sua teoria das emoções. Em termos de psicologia, a superação das dicotomias permitiria considerar as instâncias do pensar, sentir e agir, como uma totalidade psíquica. Inspira-se nas reflexões de Sawaia que procura traduzir as reflexões de Vigotski e de Espinosa na análise das emoções como fenômeno social, apontando na necessidade de integrar a dimensão da afetividade nos estudos acerca da exclusão social, através do conceito de sofrimento ético-político. (SAWAIA, 2006). Essa perspectiva teórica explicita alguns pressupostos epistemológicos que questionam a abordagem naturalizante dos fenômenos psicológicos e da neutralidade do pesquisador.

A ênfase metodológica está no processo e não no fenômeno; de um lado, para entender subjetividade como totalidade histórico-social, de outro pra incorporar no processo da pesquisa a relação pesquisador /pesquisado, em lugar de escamoteá-la atrás do princípio da neutralidade científica. “Pesquisa implica em intervenção e acumulação de conhecimento” (Lane, 2012, p.47). Assim, a pesquisadora salienta que o problema de pesquisa é apenas por onde se começa o trabalho, podendo ser modificado ao longo do processo. Segundo Brandão (1981, p.11) “nenhum conhecimento é neutro e nenhuma pesquisa serve teoricamente ‘a todos’ dentro de mundos sociais completamente desiguais”.

Segundo Lane (2012), a psicologia social crítica alinha-se a pesquisa-ação-participante, por ancorar-se em uma concepção de que a pesquisa é efetivamente uma prática social, na qual os sujeitos envolvidos, tanto os pesquisadores quanto os

participantes da pesquisa, constituem relações materiais a partir de suas respectivas subjetividades, que se objetivam no plano do estabelecimento de suas relações:

A partir de um enfoque fundamentalmente interdisciplinar, o pesquisador-produto-histórico parte de uma visão de mundo e do homem necessariamente comprometida e neste sentido não há possibilidade de se gerar um conhecimento ‘neutro’, nem um conhecimento do outro que não interfira na sua existência. Pesquisador e pesquisado se definem por relações sociais que tanto podem ser reprodutoras como podem ser transformadoras das condições sociais onde ambos se inserem; desta forma, conscientes ou não, sempre a pesquisa implica intervenção, ação de uns sobre outros (LANE, 2012, p.18).

Orientada por esses princípios a pesquisa produzida nesta dissertação defini-se como de natureza qualitativa: “a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e das relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatística” (MINAYO, 2004, p.22); alinhada à perspectiva da pesquisa-ação que critica a prevalência de:

técnicas ditas convencionais que são usadas de acordo com um padrão de observação positivista no qual se manifesta uma grande preocupação em torno de quantificação de resultados empíricos, em detrimento da busca de compreensão e de interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas. Essa busca é justamente valorizada na concepção da pesquisa-ação (THIOLLENT, 2005, p.9).

Digo inspiração, pois a pesquisa-ação-participante possui procedimentos e características fundamentais e nem todos se encontram presentes nesta pesquisa. Desta forma, há um alinhamento com a metodologia supracitada, uma vez que se comunga de muitos dos aspectos teóricos-metodológicos desta proposta metodológica.

A pesquisa-ação-participante se produz na convergência teórico-metodológica da pesquisa-ação e da pesquisa participante, sendo “resultante de proposições de uma práxis produzida no contexto da América Latina, que a relaciona com uma perspectiva emancipatória, tanto no meio rural quanto no urbano” (SOUZA, 2012, p.40).

Apesar da pesquisa-ação e da pesquisa participante serem apresentadas muitas vezes como sinônimos, elas possuem algumas distinções. O destaque da existência de diferença entre a pesquisa-ação e a pesquisa participante, podem ser encontrados em

as expressões “pesquisa participante” e “pesquisa-ação” são frequentemente dadas como sinônimas. A nosso ver, não o são, porque a pesquisa-ação, além da participação, supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico ou outro, que nem sempre se encontra em propostas de pesquisa participante” (THIOLLENT, 2005, p.11-10).

No entanto, o próprio autor, que destaca esta diferenciação, expõe que tanto a pesquisa-ação, quanto a pesquisa-participante, situam-se na mesma procura por modos alternativos de produção de conhecimento, distintos do formato padrão proposto pelo positivismo. Afirma ainda que toda pesquisa-ação tem caráter participativo, uma vez que se faz necessária a “participação das pessoas implicadas nos problemas investigados” (THIOLLENT, 2005, p.17).

A pesquisa-ação-participante tem seu início na década de 80, a partir dos questionamentos e críticas ao modo de produção do conhecimento científico positivista. É definida como:

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2005, p.16).

Uma das bases dessa crítica direciona-se ao interesse de classe, e de uma ciência que estaria servindo a manutenção do sistema capitalista, instaurando uma soberania do saber intelectual, na desvalorização do conhecimento popular. Para desmistificar este lugar da ciência, a pesquisa-ação-participante parte do esclarecimento que “a ciência é apenas um produto cultural do intelecto humano que responde a necessidades coletivas concretas (...) e também aos objetivos específicos, determinados pelas classes sociais dominantes em períodos históricos preciso” (BORDA, 1981, p.43-44).

A pesquisa-ação-participante congrega em seus aspectos teóricos metodológicos o comprometimento político da ciência com as causas populares, sendo este um dos âmbitos no qual se critica a noção de neutralidade da produção científica. O pesquisador posiciona-se e direciona seu ato de pesquisar a potencialização das lutas populares “ter no agente que pesquisa uma espécie de gente que serve” (BRANDÃO, 1981, p.11).

Borda (1981) expõe como um dos pontos centrais das pesquisas participativas o estabelecimento de uma relação horizontalizada entre pesquisador e sujeito da pesquisa,

de modo que possamos pensar esta relação como sujeito-sujeito. Segundo o autor, uma das principais potencialidades desse tipo de pesquisa se encontra “no seu deslocamento proposital das universidades para o campo concreto da realidade” (BORDA, 1981, p.60).

Sawaia (1987) destaca como um dos pontos principais a possibilidade que a pesquisa-ação-participante oferece de acompanhar as transformações que vão ocorrendo nos sujeitos da pesquisa. Ou como afirma Thiollent (2005, p.24), a pesquisa-ação-participante não deixa de ser “uma forma de experimentação em situação real, na qual os pesquisadores intervêm conscientemente. Os participantes não são reduzidos a cobaias e desempenham um papel ativo”.

Desta forma, a presente pesquisa sempre teve como norte de sua investigação, a atenção para que as questões levantadas pelo campo de pesquisa pudessem agregar valor às intervenções propostas, de forma a auxiliar na construção de uma práxis entrelaçada às demandas apresentadas pelo grupo em questão. De modo que:

a práxis psicossocial, quer em comunidades, empresas ou escolas, deve preocupar-se com o fortalecimento da legitimidade social de cada um pelo exercício da legitimidade individual, alimentando ‘bons encontros’, com profundidade emocional e continuidade no tempo, mas atuando no presente (SAWAIA, 2001, p.115).

A escolha de inspirar-se na pesquisa-ação-participante, também encontra suas motivações no fato de ser um modelo de produção de conhecimento que possibilita a criação de instrumentos distintos e diversos, no que se refere ao ato de pesquisar. Acolhe uma diversidade de propostas, permitindo espaço para o processo criativo no fazer pesquisa. O que não significa descaso metodológico. Aqui cabe contrapor-se à falsa ideia, como faz Sawaia (1987), de que a pesquisa-ação-participante não tem rigor científico e preocupação metodológica. Ao contrário, sua concepção de rigor científico não é estatístico e instrumental. Por se fazer à medida que se realiza, exige atenção e avaliação constante para não se tornar uma investigação empírica que produz muita participação e pouco conhecimento.

A todo momento a ação está sendo repensada coletivamente. O pesquisador deve estar atento às questões emergentes no campo, em um movimento de refletir a luz de

seus pressupostos teóricos os acontecimentos, e também repensando o processo teórico a partir da prática.

cada momento empírico é repensado no confronto com outros momentos e a partir da reflexão crítica novos caminhos de investigação traçados, que por sua vez levam ao reexame de todos os empíricos e análises feitas, ampliando sempre a compreensão e o âmbito do conhecido. Pesquisa-ação é por excelência a práxis científica (LANE, 2012, p.19).

Dito isto, a presente pesquisa inspira-se nos pressupostos da pesquisa-ação-participante, a fim de produzir um conhecimento científico que não separa a teoria da prática, ao contrário produz um intenso diálogo destas duas instâncias, em processos contínuos de análise e reflexão, orientados para um fazer comprometido com as demandas concretas da vida cotidiana, na produção de um saber direcionado a transformação social.

Comunga das críticas feitas ao modelo da ciência positivista, uma vez que, como discutido acima, não acredita que a ciência possua um saber soberano, ao contrário valoriza o saber popular como condição para as reflexões teóricas, destitui a neutralidade, pretende que a pesquisa se produza no âmbito da ação e de forma participativa na construção de sua proposta, a partir da horizontalização das relações entre pesquisadores e sujeitos de pesquisa.

Acerca da horizontalização das relações instituídas no campo de pesquisa, gostaria de frisar a importância da construção vincular entre o pesquisador e os sujeitos de pesquisa. A importância do vínculo como viabilizador da produção de conhecimento é largamente discutido, no entanto a antropóloga Alba Zaluar (2000), ao narrar sua inserção no bairro Cidade de Deus, aponta com clareza a importância de ter se tornado “uma amiga”, como condição para o desenvolvimento de sua pesquisa. O que não significa anular as diferenças de conhecimentos entre ambas, mas intercruzá-las na busca da superação da alienação e ideologização da subjetividade.

Superar a neutralidade do pesquisador não é anular seus conhecimentos, mas recuperar o afeto, na sua positividade, excluído da pesquisa, até da pesquisa-ação participante, com medo de que ela promova o inviesamento da pesquisa. Afeto como condição para desbloquear a capacidade de pesquisador e pesquisado afetarem-se um ao outro (SAWAIA, 1987). Isto implica que a presente pesquisa se interessou pela

produção de bons encontros, a fim de que as transformações produzidas pudessem potencializar a existência de todos que estiveram presentes no desenvolvimento deste trabalho. Compreendendo a importância da instância do sentir nos processos de transformação (SAWAIA, 2006).

Fernanda Bocco (2009), também traz à cena a importância dos afetos no fazer pesquisa, da implicação que é política, mas também afetiva, e da produção do vínculo como um ponto central para a produção da intervenção. Poderia citar também o sociólogo Leonardo Sá (2010), que reafirma esta dimensão como central para a produção do conhecimento.

Compreender a importância do vínculo produzido no estabelecimento de relações afetivas, implica na convergência do pensar, sentir e do agir humano. Descortina a neutralidade, e possibilita análises mais congruentes, uma vez que o pesquisador não esconde de si as afetações e transformações produzidas pelos tantos encontros presentes no campo. Além desses elementos, Sawaia (2009), afirma a partir da filosofia espinosana que as afetações que os corpos sofrem nos encontros, ampliam ou diminuem a potência de ação do ser humano e que são elas que constituem o filtro da passagem do externo ao interno. A mesma tem parte ativa no direcionamento das ações, estando à vida humana e suas concepções de mundo constituídas pela experiência emocional dos sujeitos. (VIGOTSKI, 1935/1998).

Com inspiração na pesquisa-ação-participante, apresentamos uma proposta de atividade previamente planejada para os adolescentes que participaram desta pesquisa e a todo momento dialogávamos sobre o desenvolvimento da mesma com os participantes. Acatando sugestões, modificando a programação a partir das demandas trazidas pelo grupo, tendo sensibilidade para perceber quando se fazia necessário interromper a atividade para dialogar sobre outras questões. Rotineiramente avaliávamos o encontro e conversávamos acerca da efetividade da proposta com o grupo. Além disso, foram feitas reuniões sistemáticas ao final de cada encontro, a fim de que se pudesse produzir ações alinhadas as reflexões e análises teóricas.

A apresentação de uma proposta de atividades foi à estratégia de inserção no campo. Uma vez que a pesquisa foi feita dentro da Central de Medidas Socioeducativas, oferecer ações de intervenção no campo da psicologia social ofertava uma contrapartida

à instituição. Esta contrapartida foi oferecida por compreender que não converge com a postura de um pesquisador que baseia sua pesquisa nos pressupostos discutidos acima, inserir-se no campo de modo a apenas aplicar instrumentos e questionários, sem ofertar nada em troca. Dito isto, a instituição incluiu as atividades propostas pela pesquisa como parte do cumprimento das medidas socioeducativas dos adolescentes.

Foi tido o cuidado de não somente avisá-los de que estavam participando desta pesquisa, mas de investir em um processo no qual eles se apropriassem do seu papel ativo na produção do conhecimento. Pode-se perceber esta apropriação, por exemplo, quando no meio da atividade um adolescente recebe um telefona e informa que *“não posso ir, agora estou ajudando as meninas a fazerem um livro”*, na demonstração de que desejam ver a produção final *“estou louco pra que fique logo pronto”*, ou ainda quando por contato telefônico, após o fim das atividades um dos participantes pergunta *“e aí, já tá pronto ou você ainda tá fazendo? Você vai mostrar pra gente né?”*.

No ponto em que chamo a atenção para as inspirações desta pesquisa no modelo de pesquisa-ação-participante, não necessariamente afirmaria que o desenvolvimento do campo de pesquisa produziu mudanças concretas na realidade dos adolescentes que participaram desta pesquisa. No entanto, tendo aberto um espaço para que os mesmos debatessem as condições sociais nas quais encontram-se inseridos e na produção de uma escuta, pode-se afirmar um passo de transformações no âmbito da subjetividade que implica em modificações na forma de ser e estar no mundo.

Por outro lado, o fato das atividades terem ocorrido na Central de Medidas Socioeducativa, certamente produziu questionamentos na instituição. Não era essa a intenção da pesquisa. No entanto, durante o período no qual estive executando minha pesquisa na instituição, todos os funcionários conviveram com um modo de relação com estes adolescentes, distinto do formato em que operam. O que afetou a instituição, conforme pudemos constatar ao final da pesquisa. Acreditamos que conviver com modos distintos de prática, com a heterogeneidade, nos faz questionar modelos cristalizados de nossa atuação. (PICHON-REVIÈRE, 2009)

No que se refere à instituição, fui convocada pela gerente para falar sobre os adolescentes antes que os respectivos relatórios fossem enviados ao juiz. Deste modo, apesar de na mesma reunião a gerente pontuar uma distinção clara na forma como eu

conduzia as minhas atividades e das utilizadas pela equipe técnica, ela me diz que “apesar de diferente, eu respeito muito sua prática”. De todo modo, sempre que chegava e ia cumprimentar os técnicos e a gerente, sempre conversávamos sobre a instituição e os adolescentes, estando sempre aberto o espaço para a troca de opiniões, conhecimentos e análises.

Por conta da vinculação com os participantes, em um caso específico de afastamento, a assistente social responsável pelo caso, nos chamou para conversar. Ela apontou que havia chamado o adolescente e a mãe dele diversas vezes para irem à instituição, porém eles sempre confirmavam e não apareciam. De modo que, acabaria sendo produzido um relatório de evasão. Concordamos em falar com a família acerca da importância deles aparecerem para o encontro com a assistente social. No dia seguinte, a mãe e o adolescente apresentaram-se na instituição.

Tanto ter sido convidada a dar a minha opinião para a construção do relatório quanto a sua afirmação, indicam que o espaço não somente legitimava o meu fazer quanto de alguma maneira, fazia-os pensar acerca de suas ações, pontuando distinções, mas valorizando a ação.

Há uma cena muito interessante em que solicitamos que os adolescentes planejassem o final da atividade, saímos da sala, a fim de deixá-los mais livres à criação. Quando retornamos, a proposta feita por eles foi um ataque de cosquinhas. Entre as risadas produzidas por esta ação, recorde-me que os guardas municipais correram para ver o que estava acontecendo, e, ao verem a cena, eu disse “ai, desculpa, é que estava rindo muito”. Os guardas deram risada e disseram “pensei que era alguma coisa”. Trago esta cena, pois, acredito que ela produz reverberações nas concepções que circulam dentro daquela instituição. Se a cena não é capaz de quebrar ou desconstruir concepções cristalizadas, ela certamente abre a possibilidade para que se possa relativizar alguns paradigmas acerca do adolescente autor de ato infracional.

2.2. Diálogo entre arte, psicologia e pesquisa: o caminho para as emoções

A escolha em articular a arte aos procedimentos metodológicos desta pesquisa se deve efetivamente a alguns aspectos de ordem teórico-prática. No âmbito da minha experiência em trabalhar com psicologia social e adolescência, a arte sempre se fez

como um aporte importantíssimo nos trabalhos que realizei. Experimentando este diálogo ao longo dos trabalhos, fui percebendo o seu potencial de transformação. Percebo que ter trabalhado em diálogo com a arte, foi aos poucos me mostrando à horizontalidade necessária no estabelecimento desta relação.

Digo isto, porque me recordo que quando comecei a trabalhar com cinema, na formação de cineclubes com adolescentes, ou ainda com a fotografia, acreditava ser necessário incluir dinâmicas de grupo, atividades, de modo que a arte tornava-se mero instrumento ilustrativo do que se desejava trabalhar com o grupo.

Foi no próprio campo de atuação que descobri que muito mais potente do que o enxerto de atividade e dinâmicas, era a retirada da arte desta “muleta ilustrativa” e a colocando como estética, potencializando a ação grupal a partir dos atravessamentos produzidos no contato com uma obra de arte, a partir de sua potência.

Não pretendendo me alongar nestas questões, trago estas primeiras palavras, pois acredito que não só a psicologia, mas as ciências em geral, ao se proporem um diálogo com as produções artísticas, muitas vezes acabam por reduzi-las a um instrumento ilustrativo. Isto pode ser constatado, por exemplo, quando vamos em um congresso, encontro, palestra e antes de abordar a temática o palestrante/professor passa um filme. Ao final, o máximo de diálogo que ele estabelece é utilizar recortes de cenas para “mostrar” como o fenômeno aparece, se explicita na realidade.

Possivelmente o leitor assim como eu, já deve ter tido a oportunidade de participar de eventos em psicologia formulados e divulgados pela exibição de filmes. O filme é exibido e logo após um especialista da “área temática” é convocado a falar sobre o tema, expor dados de suas pesquisas. A questão que se faz então é “e o filme?”, “qual o seu papel naquele espaço?”, quando iremos perguntar “o que sentiram, pensaram os que assistiram?”.

Desta forma, seguindo a ideia de não reduzir a arte, neste trabalho, a um mero instrumento utilizado pela psicologia, propus um diálogo entre as duas áreas de saber em questão. Em concordância com o que Delari (2011) definiu como diálogo:

conceberei o “diálogo”, no sentido amplo, como modalidade mediada de relação social que, na produção de significados e sentidos,

constitui-se justamente da contradição dialética entre tomada de posição e movimentação bilateral, não de modo simétrico ou harmônico, mas constituído do conflito imanente entre alianças e rupturas. Tomo ainda o “diálogo”, no seu sentido mais estrito, na tarefa de investigação teórica, como uma modalidade crítica de relação entre diferentes “áreas” do saber, na qual não se abdica da árdua busca de consolidação de um campo epistemológico comum, materialista, histórico e dialético – sob a condição “sine qua non” de que no seu interior comporte confronto com a alteridade e a autocrítica permanentes (p.182).

Produzir, ainda que breve, este diálogo, se impõe enquanto uma postura ética na qual se compreende que tanto a arte quanto a psicologia são produtoras de conhecimento. Neste sentido, abrir este diálogo, envolveu no âmbito desta pesquisa, muito mais um “pedido de ajuda” a arte, do que necessariamente tê-la utilizado enquanto mera ferramenta. Segundo Delari (2011, p.183) “ao se aproximar de mediações culturais tradicionalmente apartadas da linguagem ‘científica’, um psicólogo pode aguçar o olhar para sua própria condição e tarefa social e, quiçá, rumar para refazê-la e potencializá-la”.

O estudo da arte compõe parte significativa dos estudos e escritas de Vigotski. No livro *Psicologia da Arte*, o autor supracitado discute, entre outras questões, o processo de catarse que a arte propicia, apresentado-a como “técnica social das emoções” e o “social em nós” na tentativa de compreender o potencial transformador da arte (VIGOTSKI, 1999).

Vigotski (1999) apresenta uma distinção entre os sentimentos comuns e os sentimentos artísticos, articulando a intensidade de emoções que a arte produz nos humanos à contemplação e o sentimento como elementos da vivência artística. Para o autor, a vivência artística encontra seu ponto nevrálgico na catarse, que diferente do que Aristóteles propôs, está exatamente nessa potencialidade de conduzir o espectador a sentimentos opostos e na possibilidade da produção de uma síntese final fruto da dialética.

Poderíamos dizer que a base da reação estética são as emoções suscitadas pela arte e por nós vivenciadas com toda realidade e força, mas encontram a sua descarga naquela atividade da fantasia que requer de nós a percepção da arte... é nessa unidade de sentimento e fantasia que se baseia qualquer arte (VIGOTSKI,1999, p.272).

Desta forma, a arte exerce sobre o homem uma forte influência. Vigotski (1999) chama a atenção de que não é somente pela potência de suscitar/mobilizar as emoções humanas que se encontra o poder da arte. Alerta para o fato de não reduzirmos a arte a ideia de contágio. Para o autor “a verdadeira natureza da arte sempre implica algo que transforma, que supera o sentimento comum... a arte recolhe da vida o seu material, mas produz acima deste material algo que ainda não está nas propriedades deste material” (VIGOTSKI, 1999, p.307-308). Assim sendo, a produção artística é um ato criador para o autor.

Ao externalizar/colocar em cena a complexidade que enreda a vida humana, materializando-a, a arte possibilita a transformação de sentimentos inicialmente tidos como da ordem individual na órbita do social (VIGOTSKI, 1999). A vivência artística, desta forma, atravessa os sujeitos de modo a viabilizar produções intelectuais e afetivas, abrindo espaços para a transformação de concepções, ideias e sentimentos (TOASSA, 2009).

A potência da arte para Vigotski (1999) concentra-se no seu efeito sobre o homem de abrir espaço para as paixões, vícios, por desequilibrar pensamentos e sentimentos cristalizados. Como os sentimentos encontram-se presentes nas bases das motivações humanas, a reação estética pode provocar modificações na ação humana, elementos que poderiam manter-se intocados ao longo da vida.

Por todas essas questões, o autor considera que a arte seja uma “técnica social dos sentimentos, um instrumento da sociedade, através do qual incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do nosso ser” (VIGOTSKI, 1999, p. 317).

Dito isto, retomo o que disse inicialmente que como psicóloga destinada a investigar nesta pesquisa a dimensão da afetividade, aproximar-me da arte se fez muito mais em um “pedido de ajuda”, na proposta de diálogo, do que em uma redução da arte a um mero instrumento metodológico.

Pesquisar afetividade exige cuidados metodológicos na investigação. É difícil para todos falar sobre nossos sentimentos de forma profunda, sem chavões ou sem ficar no plano da opinião. Percebi, no campo, que esta dificuldade se torna ainda mais

delicada quando se trata de adolescentes inseridos no tráfico de drogas. Dificuldades que exigiram um cuidadoso desenho dos procedimentos, a fim de que estes fossem sensíveis à escuta das experiências afetivas e que se enquadrasse nos padrões éticos necessários para a pesquisa com seres humanos.

Construir uma metodologia que no tempo possível ao campo do mestrado garantisse a construção vincular necessária para que os adolescentes saíssem do campo do depoimento para o campo do diálogo, facilitador do exercício árduo de narrar a própria história a um outro.

Procedimentos implicados em abrir/rasgar espaços nos quais se tornasse possível apreender afetos que, no curso atual da vivência, ainda não puderam encontrar verbo, palavra que o anuncie/exponha. Falo, então, do ponto em que circunscreve a produção de sofrimento, gerada pela exclusão social acrescida pela ação do tráfico, que inclui toda uma parafernália de agressões ao corpo marginal, reais e simbólicas.

Quero com isso dizer que, pensando em acessar o que não tem palavra, buscou-se produzir um instrumento que permitisse a apreensão do que, mesmo não sendo dito, tem sua escritura no corpo e na mente. Trata-se do que Vigotski conceituou como subtexto, a base afetivo-volitiva de nossas ações e pensamentos, conceitos-chaves nessa dissertação no que se refere à análise dos conteúdos coletados. A linguagem verbal, a palavra anunciada, que viabiliza a comunicação entre os homens, carrega consigo duas dimensões de sentido: o sentido e o significado. O significado compõe o produto social da linguagem, aquilo que torna possível e inteligível a comunicação entre os homens “o significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata... é apenas uma pedra no edifício do sentido” (VIGOTSKI, 2001, p.465).

O sentido por sua vez é de caráter singular instável e ligado às bases afetivo-volitivas do sujeito que anuncia. Para Vigotski (2001, p.465) “o sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada”. Segundo o autor, o sentido enriquece as palavras. Uma palavra pode servir para expressar o entrelaçamento de diversas experiências do sujeito que a

anuncia: “toda frase viva, dita por um homem vivo, sempre tem o seu subtexto, um pensamento por trás” (VIGOSTKI, 2009, p.447).

O pensamento verbal constitui uma totalidade dinâmica e complexa, na qual o pensamento institui com a palavra um processo dialético e recriador, uma vez que a expressão de um pensamento pela palavra se faz em um caminho complexo, no interjogo entre sentido e significado. Neste sentido “o significado medeia o pensamento em sua expressão verbal, isto é, o caminho entre o pensamento e a palavra é um caminho indireto, internamente mediatizado” (VIGOTSKI, 2001, p.479).

Desta forma, compreender o pensamento de uma pessoa, envolve o percurso de, a partir dos significados, contidos na palavra, buscar o âmbito dos sentidos. Uma vez que nos sentidos, conectam-se as bases afetivo-volitiva do pensamento, o subtexto, vinculado à motivação e aos desejos e necessidades do sujeito que anuncia.

o próprio pensamento não nasce de outro pensamento mas do campo da nossa consciência que o motiva, que abrange os nossos pendores e necessidades, os nossos interesses e motivações, os nossos afetos e emoções. Por trás do pensamento existe uma tendência afetiva e volitiva (VIGOTSKI, 2001, 479).

Para o autor supracitado, o pensamento, a consciência, não estão apartados do afeto. Ao contrário, a dimensão afetiva constitui parte relevante tanto na expressão da linguagem verbal, quanto nas motivações que concerne o pensar e o agir humano.

Retornando a discussão acerca do ato de pesquisar a afetividade e o estabelecimento do diálogo com a arte, que se fez presente na construção dos procedimentos metodológicos nesta pesquisa com adolescentes autores de ato infracional, Sawaia (2008) nos alerta que um dos pontos cruciais da exclusão é o aprisionamento dos que estão submentidos a ela às paixões tristes. O processo de desumanização de tal figura atravessa a negação de sua dimensão afetiva, e, conseqüentemente, a impossibilidade de narrar suas experiências fora da sequência dos fatos empíricos. Para dar conta desta tarefa foram, portanto, como dito acima, escolhidas duas formas de abordagem que usam da imagem para se comunicar. Desta forma, os dados coletados cumprem a dupla função de, por um lado, acessar os pensamentos e sentimentos vinculados às temáticas e a história de vida, como também

um espaço de análise das mesmas a fim de que se possa tecer uma compreensão alinhada e coerente com a realidade.

2.3 Dos procedimentos

O cineclube e o ensaio fotográfico foram escolhidos para articular um espaço em que se trabalhou em grupo, e outro momento no qual se produziram encontros individuais, que tinham como foco o enredamento da vida desses adolescentes com o tráfico de drogas.

2.3.1 Cinema, cineclube e processo grupal

A escolha em iniciar o campo com a formação de um cineclube se configura em três eixos centrais: o que possibilita o filme, o que possibilita o cineclube e o vínculo. Além desses três eixos, a condução do processo grupal teve como ancoragem técnica a teoria de grupos operativos de Pichón-Revière.

O cinema possui infinitas possibilidades de produção de significados e efetivamente é compreendido como uma produção cultural, “tudo depende de como são combinados luz e sombra, velocidade da câmera, captura dos espaços, ângulos de filmagem e, acima de tudo, da sequência temporal em que os planos (imagem entre dois corte) são organizados na montagem” (DUARTE, 2009, p.33).

A diversidade pela qual se pode produzir significados e aprender com os filmes se deve, entre muitos aspectos, pelo fato de que o encontro entre o espectador e a sétima arte não se restringir ao âmbito da racionalidade/cognição. Ao contrário, a experiência com o cinema é responsável pela mobilização dos afetos, deslocando a razão do centro e articulando o pensamento, sentimento e ação: “aprender com o filme é uma possibilidade fascinante para escapar a tendência cientificista da educação, que por entender o cientificismo como o desenvolvimento da lógica da racionalidade instrumental, enfatiza o controle do objeto e a busca pela relação causal e linear” (JESUS, 2008, p.62). Neste sentido, a utilização do filme como recurso metodológico constituía-se com excelência, uma vez que a pesquisa interessava-se pela dimensão da afetividade.

No entanto, a relevância do cinema não se deve somente ao fato da mobilização dos afetos, mas ao fato dele permitir a auto-reflexão, como fala Chaves (2010, p.29) “as imagens cinematográficas que nos perpassam diante dos olhos induzem ou questionam a própria experiência do eu e da diferença”. Os filmes apresentam aos seus respectivos espectadores histórias, tramas, contextos históricos, sociais, culturais, distintos modos de ser e estar no mundo. Acompanha-se através dos filmes, as aventuras e desventuras de uma personagem. O espectador mergulha nas tramas e enredos que envolvem a vida humana, emociona-se, ri, chora, irrita-se, sente raiva. Em outras palavras, um elemento central presente na relação que se dá entre o espectador e a obra cinematográfica relaciona-se ao processo de identificação.

no que diz respeito ao cinema, identificar-se com a situação que está sendo apresentada e reconhecer-se, de algum modo, nos personagens que a vivenciam é o que constitui o vínculo entre o espectador e a trama...é preciso que haja nela elementos nos quais o espectador possa reconhecer e/ou projetar seus sentimentos, medos, desejos, expectativas, valores e assim por diante...projetamos parte de nossos conteúdos internos no filme e, de certo modo, vivenciamos junto com os personagens as circunstâncias dramáticas em que eles estão envolvidos. Desse modo, podemos compreender as atitudes e escolhas deles e, ao mesmo tempo, refletir sobre nossas próprias experiências (DUARTE, 2009, p.59).

Assim, pudemos acompanhar, junto com os adolescentes, as conversas durante o filme, exaltações, emoções, também o sono, a dificuldade de assistir algumas cenas, a rejeição a partir da ideia de que o filme estava “chato”. O espectador acompanha os obstáculos, a sorte, o jogo da vida da personagem, expressando e sugerindo muitas vezes outras opções, como se a cena vista na tela estivesse ocorrendo em tempo real. Era comum ver os adolescentes irritando-se com as personagens, atentos a situações que poderiam coloca-los em risco, sugerindo que ele fosse mais cauteloso, ou ainda na linguagem dos participantes “pegasse a visão”.

O comportamento dos participantes da pesquisa durante o filme não se reduziram apenas à dimensão da identificação. Suas expressões nos indicam um outro elemento de extrema relevância no que tange o diálogo que se dá entre o espectador e o filme, a saber a interpretação. Imbuído de valores e crenças adquiridos ao longo da trajetória de vida, assistimos a um filme. No entanto, a interpretação se dá no encontro do sujeito com a obra cinematográfica, permitindo muitas vezes um choque de valores e crenças que pode lampejar modificações na forma como o sujeito analisa, reflete e age

no mundo. O cinema possibilita um espectador ativo que, ao mesmo tempo, contempla a obra cinematográfica e repensa a realidade posta no filme, mas também a sua. Isto se torna possível pelo caráter representativo do filme.

Müller (2006), ao refletir acerca da teoria de Passolini, expõe a dimensão da representação da realidade exposta pelo cinema que representa a vida humana/social através da própria vida humana. Um elemento interessante neste sentido é que o cinema representa a realidade social não somente através dos fatos concretos/objetivos da vida, mas em um entrelace entre a concretude e a subjetividade. Trazendo no jogo de cena, na luz, no zoom, na trilha sonora, a forma como as personagens vivenciam a realidade para além da concretude dos acontecimentos.

Assim, o cinema também se transforma em um dos tantos modos de se elaborar a vida e isso implica afirmar que ele, ao ser a mescla de arte e tecnologia, não tem qualidades somente intra-estéticas, mas passa por um processo de atribuição de significado cultural, embora as qualidades intrínsecas de se pensar com imagens-movimento e com imagens-tempo possam ser universais. Cada sociedade, ao explorar um tipo de arte, explora uma sensibilidade, mas social, mais que isso, é a materialização de uma forma de viver (SILVA, 2011, p.24).

O cinema articulado à educação tem se mostrado uma potente estratégia de abordagem de temáticas pertencentes ao cotidiano humano pela sua possibilidade de exibir formas de sociabilização humana em distintos contextos e por possibilitar a mobilização de afetos que permitem ao sujeito identificar-se e reconhecer a sua história facilitando com isto espaços de reflexão e ressignificação da própria realidade. Na presente pesquisa o cineclubista se caracterizou pela reunião de pessoas que se encontram de forma sistemática para assistir e debater os conteúdos de diversos materiais audiovisuais como filmes e curtas-metragens. Segundo Silva (2011, p.32) “se a prática cineclubista pode ser compreendida como um ato de ver filmes coletivamente, ela é também uma experiência física, sensorial, visceral, vivenciada na relação com o outro”.

A história do cineclubismo data de 1928 e é inclusive parte significativa no processo de elevar o cinema a instância de arte. O cineclubista se institui como movimento político de pensar e refletir acerca do cinema e de sua relevância social. Durante a ditadura militar no Brasil, o cineclubista foi censurado e só pode se instituir novamente após o fim da censura (CHAVES, 2010). Atualmente, o cineclubismo compõe diversas práticas, compondo desde adoradores de cinema, para discutir estética, por exemplo, até

como proposta de projetos de intervenção social, formação de professores, grupos universitários, entre outras formas.

Na presente pesquisa, a proposta do cineclube como uma estratégia metodológica alicerça-se principalmente pelo seu caráter coletivo. Só há cineclube uma vez que haja um coletivo interessado em refletir, independente da questão, coletivamente a partir de uma obra cinematográfica. Nesse sentido “o cineclube, desse modo, torna-se um campo de comunicação em que indivíduos com valores e hábitos diferentes, muitas vezes conflitivos, podem articular maneiras de tornar as suas experiências dotadas de sentido para os outros” (SILVA, 2011, p.24).

Desta forma, o cineclube agrega tanto as potencialidades da sétima arte, como as descritas acima, quanto as referentes a estar em grupo. O cineclube oferta a construção de um espaço no qual, além da exposição de ideias, pensamentos e sentimentos, tem-se a oportunidade do intercâmbio das mesmas entre os integrantes, viabilizando o aparecimento das diversas formas com as quais os homens percebem e se relacionam com o cotidiano.

Para trabalhar o grupo, buscamos orientação no psicólogo social argentino que construiu a teoria dos grupos operativos, Pichón-Revière (2009, p.242). Segundo ele, o grupo é um “conjunto restrito de pessoas, ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, e articuladas por sua mútua representação interna, que se propõe de forma explícita ou implícita, uma tarefa que constitui sua finalidade”. Desta forma, a análise do processo grupal circula através da tríade vínculo, papel e tarefa possibilitando ao sujeito revisitar e transformar suas formas de ser e estar no mundo, ideias, paradigmas, cristalização de papéis, a partir do compartilhamento e do estar com outros sujeitos diferentes de si. O coordenador do grupo, neste sentido, deve estar atento aos arranjos grupais, facilitando a vinculação e a circulação de papéis no grupo, a aprendizagem.

Um outro fator relevante para a utilização do cineclube, articula-se também ao fato desta estrutura horizontalizar as relações entre pesquisador e os participantes, uma vez que, sentados nas cadeiras, assistindo ao filme, todos se tornavam espectadores (JESUS, 2008). Além disso, a postura tomada durante o debate segue a ideia de que o coordenador é um facilitador do processo de aprendizagem grupal, não interferindo no plano do julgamento moral no que está sendo dito (PICHÓN-REVIÈRE, 2009). Como

se tratava de uma pesquisa, além da valorização acerca das opiniões expostas pelos adolescentes, o tom de curiosidade, transferia-os para um papel de “detentores de um saber”, no qual o coordenador/pesquisador se tratava de um provocador-aprendiz.

Para tanto, realizou-se inicialmente, um levantamento de filmes que abordam temáticas alinhadas à questão do tráfico de drogas, adolescência e desigualdade social para serem exibidos e debatidos com o grupo. A seleção inicial continha nove filmes, entre documentários e ficção. Sua ordem foi escolhida a partir da complexidade que traziam e o nível de mobilização que poderiam causar. A sequência proposta inicialmente pretendia acompanhar o nível de vinculação grupal que contornaria a possibilidade de expor ou não opiniões. Os encontros ocorreram uma vez por semana, tendo duração média de três horas, para que se pudesse contemplar tanto a exibição do filme quanto o debate.

No entanto, a sequência dos encontros e o contato com os adolescentes reconfiguraram a proposta inicial, tendo sido possível assistir apenas seis filmes no total. Um primeiro elemento que atravessa a programação quantitativa dos filmes foi à greve da polícia militar, que interrompeu os encontros durante duas semanas. Outros fatores também influenciaram a exibição dos filmes. Ocorreram momentos em que por fatores externos os adolescentes levantaram outras demandas, fazendo-nos interromper a exibição para dialogar. O tempo de três horas por encontros era muito mutável. A chuva, engarrafamento, entre outros elementos, muitas vezes atrasavam a chegada dos adolescentes a atividade. Com a vinculação, os participantes muitas vezes preferiam esperar que todos chegassem para iniciar a sessão. Desta forma, por exemplo, ocorreu a necessidade de assistir um filme em dois encontros, afim de preservar o espaço do debate.

O tempo com os adolescentes também estava contornado pelo horário de funcionamento da Central de Medidas Socioeducativas. Então, mesmo os adolescentes se disponibilizando a ficar mais tempo na atividade, nem sempre era possível porque a instituição fechava as 17hrs. Estes fatores reduziram a quantidade de filmes exibidos, fazendo com que fosse necessária uma reorganização da sequência de exibição.

No que tange a modificação das escolhas dos filmes, elas também foram permeadas pelas demandas grupais. A partir das temáticas debatidas no encontro, a

eleição do filme seguinte conectava-se a potencialização de temas que emergiram e que poderiam ser potencializados. Além disto, o encurtamento do tempo provocou a necessidade de se eleger filmes mais prioritários à intenção da pesquisa. Uma outra questão que modifica a eleição inicial dos filmes deve-se a observação de que o documentário era mais difícil de ser assistidos do que os filmes de “ficção”. A análise que fizemos acerca desta questão aponta para o fato de que o documentário era mais visceral para os adolescentes, uma vez que não contava a história de uma personagem, mas sim uma coleta de depoimentos acerca do trabalho no tráfico de drogas. Este elemento fazia com que a abordagem da temática fosse muito direta e acabava por ser mais sofrível para os adolescentes. A constatação desta análise pode ser explicitada quando assistindo ao documentário Falcão: meninos do tráfico, um dos participantes logo no início do filme diz “pronto, já fiz o meu documentário”. Neste sentido a exposição de si no debate era maior e era necessário tomar cuidados com tal exposição.

Diante de todas as alterações do planejamento inicial, produzidas pelo campo, foram apresentados cinco filmes e um documentário, na seguinte ordem: Cinco vezes favela: agora por nós mesmos; Última parada 174; Falcão: meninos do tráfico; Querô; Juízo e Escritores da liberdade.

Os debates foram registrados, com o consentimento dos integrantes do grupo, através de gravadores e anotações, a fim de que se pudesse fazer uma análise mais profunda dos discursos emergentes. Por fim, o cineclube ofertou também o espaço para a construção vincular necessária para o momento do ensaio fotográfico.

2.3.2. O Ensaio Fotográfico: álbum de importâncias

Escrever, descrever, conceituar o ensaio fotográfico, procedimento utilizado no que chamei de construção de um “álbum de importâncias”, talvez seja a parte mais difícil deste capítulo metodológico. Um tanto dessa dificuldade reside nos passos da criação deste procedimento, que reúne e sintetiza uma série de experiências anteriores. A outra, está na tentativa de reunir os conceitos e concepções que constituem a base dessa criação, isto é apresentar seus contornos teórico-metodológicos e práticos. A produção do “álbum de importância” é inspirada nas reflexões de Gagnebin (2006, p.12) sobre a necessidade do esquecimento acadêmico: “saiba esquecer sua complacência erudita para consigo mesmo, saiba desistir de seus rituais de auto-reprodução

institucional e ouse aventurar em territórios incógnitos, sem definição nem inscrição prévia”.

Acredito que o ensaio fotográfico, no modo aqui proposto, traz uma convergência de formas distintas tanto da pesquisa com a fotografia, em suas diferentes modalidades, da questão de se trabalhar com histórias de vida, do diálogo com a arte e da compreensão, trazida por Espinosa (2013) da não separação entre corpo e mente, em um exercício de ter tentado encontrar uma forma de que a unidade corpo-mente pudesse fazer-se presente na experiência de trabalhar com história de vida.

Deste modo, apresento em um primeiro momento elementos que influenciaram diretamente a produção do ensaio fotográfico, depois as ancoragens metodológicas que orientaram a produção e por fim das possibilidades abertas pelo método.

Minha experiência com fotografia se deu pela participação de experimentos feitos anteriormente com a artista plástica Natalia Cavalcante, em um projeto que denominávamos “Museu das Memórias Esquecidas”. Neste projeto, que teve somente a sua fase experimental, pedíamos a pessoas conhecidas para “abrirem as caixas empoeiradas de suas memórias”. Enquanto as pessoas narravam através de objetos considerados significativos, eu e Natalia fotografávamos na tentativa de capturar imagens que revelassem as tensões e os prazeres deste “reencontro com o passado”. Também nós nos submetemos ao método, uma vez que entendíamos como importante nos apropriar do sentir dessa experiência que estávamos propondo a outros.

Vale ressaltar também , como já citado, meu grande interesse pelo conceito de Sawaia (2006) acerca do sofrimento ético-político, que me inspirou ideias acerca da produção do que eu chamava de narrativas da exclusão. Interesse complementado pela dimensão do sofrimento indizível salientado por Gagnebin (2006), a luz dos escritos de Benjamin. Além do meu incômodo com o que temos feito com a juventude pobre deste país e meu interesse claro sobre a adolescência autora de ato infracional.

2.3.3 Reflexões teóricas sobre a narrativa

Início com o que acredito ser basilar de toda a montagem do ensaio fotográfico utilizado para ouvir os relatos das histórias individuais, a saber o porque e para que é

importante o trabalho com história de vida, memória, narrativa. Aproximo aqui história de vida e memória, que seguindo os passos de Gagnebin (2006) se dá em uma tensão entre lembrar e esquecer. Esta filósofa constata uma tarefa central, no que se refere o trabalho com a memória, que ela nomeia de “tarefa paradoxal”:

De um lado, nas esteira de Walter Benjamin, não esquecer dos mortos, dos vencidos, não calar, mais uma vez, suas vozes – isto é, cumprir uma exigência de transmissão e de escritura. De outro, agora seguindo as pegadas de Nietzsche, não cair na ilusão narcísica de que a atividade intelectual e acadêmica possa encontrar sua justificativa nesse trabalho de acumulação – pois o apelo do presente, da vida no presente, também exige que o pensamento saiba esquecer (GAGNEBIN, 2006, p.11/12).

A primeira questão a se levantar, ao trazer esta citação, se relaciona a intencionalidade para a qual se volta o interesse nas histórias de vida. Como pesquisadora, este movimento direciona-se ao futuro, no sentido do que Gagnebin (2006) dá ao esquecimento, no qual a escuta dessas histórias passa pela tentativa de esboçar transformações no presente: “ouvir o apelo do passado significa também estar atento a esse apelo de felicidade e, portanto, de transformação do presente, mesmo quando ele parece estar sufocado e ressoar quase inaudível” (GAGNEBIN, 2006, p.12).

Apesar da reflexão acima referir-se à memória histórica, elas podem orientar a análise de histórias singulares, uma vez que elas são a síntese das múltiplas determinações histórico-sociais como fala Vigotski (1999, p.315) “o social existe até onde há apenas um homem e suas emoções pessoais”. Esse pesquisador russo, criador da psicologia sócio-histórica defende uma concepção de homem materialista-histórica e dialética, na qual o sujeito integra na sua totalidade singular o universal e o particular, uma vez que sua existência se faz a partir das relações que constitui, pautado nas condições concretas da realidade, determinadas pelo desenvolvimento histórico social. Benjamin (2012, p.242) reforça este pressuposto inserindo-o na temporalidade e questiona: “não existe, nas vozes que agora damos ouvidos, ecos de vozes que emudeceram? (...) se assim é, então existe um encontro secreto marcado entre as gerações precedentes e a nossa”.

Seguindo esta bricolagem entre as discussões pertencentes à história social, a memória social, e as histórias/memórias individuais, fui compilando as histórias de vida inspirada na ideia de narrador sucateiro:

O narrador sucateiro (...) não tem por alvo recolher os grandes feitos. Deve muito mais apanhar tudo aquilo que é deixado de lado como algo que não tem significação, algo que parece não ter nem importância nem sentido; algo com que a história oficial não sabe o que fazer. O que são esses elementos de sobra do discurso histórico? A resposta de Benjamin é dupla. Em primeiro lugar, o sofrimento, o sofrimento indizível que a segunda guerra levaria ao auge, na crueldade dos campos de concentração (...). Em segundo lugar, aquilo que não tem nome, aqueles que não tem nome, o anônimo, aquilo que não deixa nenhum rastro, aquilo que foi tão bem apagado que mesmo a memória de sua existência não subsiste (GAGNEBIN, 2006, p.54).

Assim inspirada planejei três eixos de investigação: 1º recolher/escutar as histórias com as quais o discurso hegemônico não dá conta, 2º buscar a aparentemente desimportante instância do sentir, da experiência emocional dos sujeitos, posta abaixo como menos significativa do que os fatos concretos. Dizendo em outras palavras, o possível sofrimento produzido pelas histórias desses adolescentes. 3º escutar os anônimos, aqui pensado na figura do que o social nomeia como “marginal”, “infrator”, figuras destituídas de “moral”.

Segue-se no atravessamento das minhas ações, um interesse pela história dos adolescentes autores de ato infracional, que forma o triângulo: adolescência, exclusão e sofrimento. Escutar, no caso desses adolescentes, “aquilo que ainda não teve direito nem à lembrança nem às palavras” (GAGNEBIN, 2006, p.55). E como fala, Ricoeur (2010), a narrativa nos oferta a possibilidade de comunicação entre o futuro e o passado através do presente, que é este enredamento entre o que ficou do que já se viveu, o próprio presente experienciado no agora e os desejos acerca do futuro que já se presentificam, no que denominou como triplo presente.

E o que é mais importante, as narrativas da história de vida permite que ao narrar a sua história para um outro possa o próprio sujeito ressignificar suas histórias, modificando seus papéis, num ato de revisitação que permite uma reflexão sobre si (TELES, 2010).

Telles (2010, p.21) já indicava a dimensão política do ato narrativo. O autor defende a necessidade de se abrir espaços de escuta aos adolescentes autores de ato infracional, entre as questões levantadas por ele, destaca-se: “a valorização das narrativas busca recuperar do sepultamento oficial a recordação dos momentos

dolorosos, com o objetivo de suturar as feridas que distanciam o adolescente de sua reconciliação com o social”.

Para escutar as narrativas me posicionei como testemunha:

Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem a diante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por paixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente (GAGNEBIN, 2006, p.57).

Para finalizar a reflexão sobre narrativa, é preciso perguntar pelo corpo (para evitar uma interpretação linguística), “do *corpo próprio* como o mediador mais originário entre o curso da vivência e a ordem do mundo” (RICOEUR, 2010, p.392). A psicologia sócio-histórica, conforme Vigotski propõe, busca a superação da dicotomia mente/corpo e da cisão entre o pensar, sentir e agir, como dito anteriormente. Preocupação que o leva a inspirar-se na filosofia de Espinosa.

Chauí (2011, p.76) ao falar sobre esta questão espinosana escreve: “o homem, como a substância de que é feito imanente, é a unidade de duas ordens de realidade internamente articuladas ou de duas potências de agir; é um ser cuja a unidade se exprime diferenciadamente pelas operações corporais e psíquicas”. Desta forma, corpo e mente compõe juntos o plano das afetações presentes nos encontros com outros humanos na vida social.

Para demonstrar o uso do corpo pelo poder, Gagnebin (2006) retoma a novela *A Colônia Penal* de Kafka, na qual há uma máquina de tortura que escrevia no próprio corpo do condenado a sua sentença.

com o seu corpo, o condenado aprende a sentença que ele não conseguiu durante a vida, realizar. A escrita interior, essas palavras inscritas na alma ou no coração, que a tradição filosófica chamou de consciência, tinha falhado no decorrer de sua vida; agora, na agonia, essa escrita se exterioriza e se revela nas feridas do suplício (GAGNEBIN, 2006, P.126-127).

Não por acaso os corpos dos adolescentes autores de ato infracional encontram-se cheios de cicatrizes adquiridas nos conflitos com grupos rivais, bem como com o encontro com a polícia.

Trabalhar com as histórias de adolescentes trabalhadores do tráfico de drogas, trabalhar com aqueles esquecidos pela história social ou que, quando irrompendo em nossa memória cotidiana, suprimimos/esquecemos sua condição de ser social e renegamos apenas ao espaço da produção de violência e desumanidade, criando entre “nós” e “eles” um abismo entre humanos e não humanos. Mas eles guardam em seus corpos mentes essa memória de desumanização.

Gagnebin (2010) não se trata apenas de abrir os documentos enclausurados pela ditadura. Mas tentar quebrar uma indiferença, esta impessoalidade da tortura que permite que a ditadura permaneça produzindo suas torturas, desaparecendo corpos, enterrando uma gente que deseja viver.

Esse passado que insiste em perdurar de maneira não reconciliada no presente, que se mantém como dor e tormento, esse passado não passa. Ele ressuscita de maneira infame nos inúmeros corpos torturados e mortos, mortos muitas vezes anônimos, jogados nos terrenos baldios ou nas caçambas de lixo, como foi o caso dos três jovens do morro da Providencia no Rio, em julho de 2008. O silêncio sobre os mortos e torturados do passado, da ditadura, acostuma a silenciar sobre os mortos e os torturados de hoje (...). Parece haver uma correspondência secreta entre os lugares vazios, os buracos da memória, esses brancos impostos do não dito do passado, e os lugares sem lei do presente, espaços de exclusão e de exceção, mas situados dentro do recinto social legítimo, como se somente a inclusão da exceção pudesse garantir a segurança da totalidade social. O preço do silêncio imposto a respeito do passado não é “só” a dor dos sobreviventes: também se paga por nossa resignação e impotência. Urge passar da resignação não só a indignação, mas a uma resistência efetiva, sem ressentimento, mas com a tenacidade e a vivacidade da vida. (GAGNEBIN, 2010, p.185/186)

Certamente esta dissertação não tem o alcance da discussão proposta, por diversos fatores. No entanto, ação que compõem este trabalho, implica-se e inspira-se com o apresentado acima. É talvez, onde estavam expostas as bases afetivo-volitivo desta pesquisa e do modo como se construiu os procedimentos metodológicos e no que, dentro de uma gama de debates possíveis a partir da experiência com os adolescentes, se escolheu discutir. Para finalizar, trago Ricoeur (2010, p.129) “Contamos histórias porque, afinal, as vidas humanas precisam e merecem ser contadas. Essa observação

ganha toda a sua força quando evocamos a necessidade de salvar a história dos vencidos e dos perdedores. Toda a história do sofrimento clama por vingança e pede narração”.

2.3.4 Fotografia, psicologia e pesquisa

O uso da fotografia, como recurso metodológico de pesquisa e intervenção, vem crescendo e ocupando espaço no cenário acadêmico e na psicologia. A princípio era utilizada pela Antropologia, por sua possibilidade de registrar os elementos empíricos observáveis concernentes ao campo de pesquisa. No entanto, em 1942 se produz a pesquisa responsável pela fundação da Antropologia Visual, através dos trabalhos de Margareth Mead e Gregory Bateson, em Bali:

Surgiu, então, uma nova utilização da imagem fotográfica, para além da mera ilustração do ambiente e dos sujeitos envolvidos na pesquisa de campo, levando em consideração a potência da fotográfica para a reflexão e também como instrumento fundamental nas investigações, pois considera o olhar fotográfico um ato criativo e uma possibilidade de surpresa (MAURENTE, TITTONI, 2007, p.34).

Neiva-Silva (2003) fez um significativo levantamento bibliográfico do uso da fotografia em pesquisas na área da psicologia. Segundo a autora o primeiro trabalho que foi publicado, no qual utilizava-se a fotografia enquanto recurso, data da última década do século XX. A fotografia foi utilizada na função do registro, e o autor interessava-se em perceber as relações entre a inteligência e o formato anatômico do cérebro de uma mulher que já encontrava-se morta e possuía como característica a surdez, mudez e cegueira.

Do primeiro trabalho publicado até o presente momento, pode-se perceber um crescimento exponencial tanto no que tange a quantidade de trabalhos e pesquisas que utilizam-se da fotografia, quanto de suas funções. A fotografia enquanto instrumento de pesquisa tem sido utilizada tanto no plano da coleta como análise de dados, sendo reconhecida como instrumento facilitador da comunicação e da reflexão, uma vez que não exige grandes habilidades. Esta metodologia tem expansão maior fora do Brasil, mas, já se torna possível encontrar pesquisas brasileiras dentro deste formato (MAURENTE, TITTONI, 2007).

Foram levantados segundo o estudo de Neiva-Silva (2003), quatro funções pelas quais a fotografia tem potencializado as pesquisas e as intervenções no campo da

psicologia. No entanto, a autora destaca que frente à diversidade e pluralidade com a qual este campo da arte tem sido utilizado, a atribuição de significados as imagens, ocupa o centro do interesse da psicologia.

A primeira função, como já dito acima, é a do registro. Ela se volta a documentar e na análise se faz relevante o conteúdo que se encontra nas imagens. A segunda forma é a de modelo, na qual os pesquisadores elencam imagens vinculadas ao tema que se deseja debater, expõem as imagens aos participantes e a análise se direciona para as reações e percepções dos participantes. A terceira forma de uso é a autofotográfica. Neste caso, os sujeitos recebem câmeras e são direcionados ao ato fotográfico, articulado ao conteúdo que se deseja investigar. Assim, a análise pode ou não articular as percepções dos participantes, sendo importante neste caso o autor das imagens. A maioria dos trabalhos que utilizam este formato alinham as percepções dos participantes no processo analítico. Por fim, a fotografia também pode ser utilizada como feedback. Nesta proposta, os participantes são fotografados em diferentes contextos, não importando o autor das fotos, e ao final as fotos são apresentadas, possuindo a intenção de observar se o contato com a própria imagem, revelada na fotografia produz modificações nos sujeitos. De todas as funções apresentadas acima, a função de feedback se insere na que menos se desenvolveu (NEIVA-SILVA, 2003).

Acredito que a proposta desenvolvida nesta pesquisa, aproxima-se de algumas das funções apresentadas acima, tendo também como um de seus interesses a atribuição de significados a imagem. Dentro das funções apresentadas, creio que a de feedback esteja um tanto mais próxima de uma das etapas propostas no ensaio fotográfico, mas vai além, conforme apresentação a seguir.

2.3.5. Descrição, intenção e análise das possibilidades.

A intenção, como dito acima, era a de produzir “um álbum de importâncias” a partir de um ensaio fotográfico feito com os participantes. O nome “álbum de importâncias” encontra-se inspirado pelas palavras do poeta Manoel de Barros (2010, p.109) no qual “a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”. Desta forma, a fotografia ocupa, em certo sentido, a função de registro. Tendo a intenção de captar, a partir do click

fotográfico, os encantamentos, ou ainda, os momentos marcantes que se fizeram presentes na história de vida de adolescentes participantes desta pesquisa.

Acredito que minhas questões com a fotografia estejam muito próximas das levantadas por Roland Barthes no livro *A câmera Clara* de 1984. Seguindo a ideia de Barthes (1984) de que a fotografia reproduz o que jamais poderá voltar a se repetir, nos questionamos então, quais experiências não estão fotografadas, mas permanecem vivas na memória desses adolescentes? Quais passagens de suas vidas desejam deixar registrada em fotos? Que cenas são eleitas como marcantes? Barthes (1984, p.16) questiona “por que escolher (fotografar) tal objeto, tal instante em vez de tal outro?”.

Barthes (1984) constata que algumas fotografias produzem um atravessamento afetivo intenso em seu espectador. A este quase “êxtase afetivo” o autor nomeou como *punctum*. Isto ocorreria uma vez que, nem tanto pela excelência técnica da foto, mas por encontrar-se revelada algo de significativa importância para o sujeito que a observa. Segundo Martins (2011, p.56) o *punctum* “atrai o olhar e contém o indizível”. Desta forma, segundo Dallago (2008, p. 136) a fotografia “constitui-se como objeto capaz de despertar emoções, memórias, ou antes, memórias carregadas de emoções”.

O procedimento desenvolvido se constitui em três etapas. Para tanto, foi escolhido em conjunto com os adolescentes os dias e horários que eles poderiam disponibilizar para a atividade, tendo todas as etapas sido cumpridas no período de uma semana. Vale ressaltar que o procedimento foi executado próximo ao fim das atividades, uma vez que se faz de extrema relevância a constituição de um vínculo entre o pesquisador e os sujeitos de pesquisa.

Um outro ponto importante de se destacar é que somente dois adolescentes puderam participar desta etapa do projeto, uma vez que um deles encontrava-se em risco de vida e teve que interromper por algumas semanas sua participação no projeto. No entanto, vale o destaque que após retornar as atividades o adolescente demonstrou o desejo de ter sua história registrada. Desta forma, marcamos com ele uma entrevista que teve três horas de duração. No entanto, ele não completou as outras etapas, pois inseriu-se no mercado de trabalho, não tendo horários livres.

Por outro lado, acompanhava na época um adolescente que residia em um abrigo de Salvador. Por ter em sua história um longo envolvimento com o tráfico, apesar de não estar cumprindo medida socioeducativa, demonstrou o desejo de participar do ensaio fotográfico. O adolescente sabia do projeto e queria ajudar-me, contando a sua história. Sua participação auxiliará nas análises dos dois ensaios fotográficos por não ter participado de todo o projeto.

Antes de descrever as etapas, vale ressaltar que quando fomos marcar os ensaios fotográficos os adolescentes aproveitaram para tirar dúvidas e questionar a intencionalidade desta atividade. O ponto que gostaria de destacar é a forte associação entre a fotografia e a denúncia criminal. Os participantes, em tom de brincadeira, quiseram se certificar de que as imagens não serviriam aos jornais, articulando a programas televisivos sensacionalistas de Salvador, preocupação que denuncia os abusos midiáticos vinculados aos adolescentes autores de ato infracional, a exposição de seus corpos e suas vidas.

Apesar das questões apresentadas pelos adolescentes, as mesmas não se constituíram como uma resistência ou impossibilidade de participar da proposta, e eles nem fizeram objeções quanto à divulgação das imagens, tendo sido conversado acerca da possibilidade de montarmos uma exposição na Central de Medidas Sócioeducativas. O momento se tornou propício para destituir as fantasias e reforçar o intuito da pesquisa e sua finalidade.

A primeira etapa constituiu-se em um encontro voltado para que os adolescentes contassem as suas histórias de vida, tendo como foco a inserção no tráfico de drogas. Elaboramos algumas questões que achávamos pertinentes, tanto com relações a dimensão da afetividade, quanto questões elaboradas a partir das falas que emergiram durante o cineclube. Como os adolescentes, em um dos debates dos filmes, afirmaram que “na favela todo mundo tem uma linha do tempo”, iniciamos esta primeira etapa utilizando esta fala como disparador.

A primeira atividade foi a de narrar sua experiência vinculada ao tráfico de drogas. Ao final da entrevista solicitávamos que o adolescente elencasse uma média de quatro a cinco cenas que acreditassem ser relevantes em sua história de vida. Destacada as cenas, caso achassem necessário os adolescentes podiam solicitar objetos que

gostariam que estivessem presentes no momento da fotografia. Abrimos a possibilidade para, caso desejassem, levar objetos para o ensaio. Alguns pontos se fazem importantes de destacar quanto às eleições das cenas e dos objetos.

O primeiro é que grande parte das cenas eleitas não estavam presentes na narrativa biográfica dos adolescentes. Surgiam os primeiros rastros de que muito mais questões emergiriam além das expostas durante a entrevista.

O segundo ponto, é que tínhamos a hipótese de que os adolescentes elegeriam como cenas marcantes a experiência no tráfico de drogas. No entanto, os ensaios se dividiram entre cenas vinculadas ao tráfico (como a inserção, a prisão, a morte de algum amigo, ou até mesmo o ato rotineiro do trabalho) e cenas completamente desvinculadas do tráfico (como o nascimento da irmã, a paixão por alguma menina, a fé em Santo Expedito, uma viagem). Interpretamos esta distinção, como uma reivindicação que suas existências não sejam reduzidas ao ato infracional. Apesar de compreendermos que o tráfico de drogas extrapola o labor e constitui-se também como um modo de vida, os adolescentes também possuem experiências que se desvinculam do tráfico e, conseqüentemente desvincula-os do tráfico de drogas. Esta interpretação tornou-se um norte da relação pesquisador pesquisado e de minhas reflexões sobre a atuação profissional, que desenvolveremos no último capítulo.

Apesar das singularidades das histórias e contrariando as expectativas iniciais, todos os adolescentes solicitaram “um coração grandão” para o momento do registro das imagens. Este momento foi individual e os adolescentes não tiveram acesso dos pedidos uns dos outros. O que diz essa surpreendente coincidência?

Por fim, queria relatar que um dos adolescentes elegeu como cena marcante de sua história, um sonho de futuro. Elegeu registrar seu desejo de ser juiz criminalista “para ajudar a favela”. Solicitou um paletó como objeto para estar em cena.

A segunda etapa do procedimento foi o próprio ensaio fotográfico. Diante das cenas eleitas, os adolescentes prepararam-se para remontar suas memórias em uma instância imagética. Para facilitar as expressões das emoções e também para garantir que não fossem identificados, solicitamos que, em cada cena, os adolescentes fizessem uma pintura no rosto. Para tanto foi utilizado pasta d'água e tintas específicas.

Esta etapa levanta diversas questões importantes acerca do procedimento. Apesar de inicialmente não terem gostado muito da ideia de se pintarem, em pouco tempo eles estavam plenamente envolvidos com a atividade. Começaram dizendo que aquilo era uma *“loucura (...) só vocês para fazer eu fazer isso”*, ou ainda reclamavam que sujariam os cabelos. No entanto, diante das tintas e das diversidades das cores, os adolescentes mergulharam e permitiram-se viver este momento que, não se pode deixar de pontuar, tinha uma certa ludicidade. Começaram rindo de si em frente ao espelho, mas logo foram expressando o desejo de que a pintura saísse perfeitamente da forma como desejavam.

Neste momento tanto eu quanto Sandra fomos solicitadas a auxiliá-los. Diziam-nos *“faz uma linha fininha daqui até aqui”*, *“desenha um coração deste lado...aí não, mais pra cá ó”*, *“faz uma flor desse lado e um barco do outro”*. Incentivava-os para que eles fizessem, mas em alguns casos aceitávamos o convite de auxiliá-los nesta tarefa.

Uma cena importante deste momento se deu quando um dos adolescentes me pediu para pintar o seu olho, pois não estava conseguindo sozinho. Sentado na cadeira me aproximei com o pincel melado da cor que ele desejava. O menino fechou os olhos tão apertados que tive que pedir-lhe para relaxar, pois não consegui pintar direito, ao que ele respondeu: *“relaxar? Relaxar é uma palavra proibida. A última vez que tentei relaxar tentaram me matar. Mas agora que estou aqui com vocês vou tentar...mas não vai ser fácil”*.

Esta fala retoma a discussão sobre o corpo memorioso feita acima. Este corpo marcado pela história com o ato infracional, com o tráfico, com a violência como cenário por onde a vida desses adolescentes se desenvolve. Um corpo que não relaxa, corpo prontidão. Outro aspecto importante é da intervenção profissional poder constituir-se como um território que permite a esse adolescente experimentar outras formas de ser e de sentir, constituindo-se como um espaço seguro para essas experimentações: *“A partir do momento em que eu me sinto olhado pela objetiva tudo muda: ponho-me a ‘posar’, fabrico-me instantaneamente em outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente a imagem...uma imagem – minha imagem – vai nascer”*. (Barthes, 1984, p. 22-23).

O ensaio fotográfico constituiu-se como um momento tanto de reviver as cenas eleitas, quanto de colocar o corpo a registro, numa eleição por parte dos adolescentes de como este corpo deve ser registrado. Neste momento, tivemos o cuidado para que os participantes pudesse dirigir a cena, determinando a forma como seu corpo apareceria, se queria registrar o momento em pé ou deitado, parado ou em movimento.

Inicialmente, os meninos perguntavam como poderiam fazer, prontamente respondíamos que ele deveria fazer como desejasse. Pouco a pouco o movimento de posar para a foto ganhava um tom mais solto e o adolescente ia guiando a imagem, colocando-se. Diziam “assim ó” e soltavam palavras que retratavam como se sentiam “no poder”, “na ostentação”, “na tranquilidade”, “tudo de bom”, “pegando a visão”, “cara de mau”, “desespero”.

Entretanto, nem todas as imagens eram regadas de palavras. Algumas aconteciam em silêncio e o adolescente esperava que eu terminasse a foto. Às vezes, a imagem retratada era acompanhada da narração de flash das histórias que elas continham e alguns utilizaram músicas para potencializar a ação.

Vale ressaltar que as primeiras fotos raramente saem interessantes, sendo bom fazer um aquecimento, deixando o sujeito experimentar-se e apropriar-se do ambiente, acostumar-se com o ato de estar sendo fotografado. O número de fotos variou de acordo com o desejo do fotografado, quando eles dissessem “tá bom” parávamos e íamos para outra cena. Então, o adolescente lavava o rosto e preparava a próxima pintura.

Deste movimento de colocar-se para a câmera, o ensaio fotográfico acabou se constituindo como um lugar de experimentar-se de varias formas, em diferentes contextos. Uma espécie de exploração de si em momentos distintos da própria vida. Eles olhavam-se, riam das pinturas, elogiavam o que tinham feito: “pow ficou pancada essa”.

Nos dias em que esta etapa do projeto foi realizada, a Central de Medidas Socioeducativas também mudou um pouco “de ar”. Os meninos passavam da sala para o banheiro, rindo, pulando, exibindo seus rostos coloridos, gerando curiosidade nos técnicos. Nós também ganhamos outro “ar”. No lugar de ficarmos sentadas, fazendo perguntas, saíamos também para ajuda-los a lavar o rosto, segurando a toalha, limpando

os pincéis gerando também curiosidade nos técnicos e nos adolescentes que estavam esperando o atendimento na instituição. Um deles até me parou para perguntar o que estava acontecendo.

Destaco a cena que o adolescente, Galego Coringa, fez referente ao sonho de ser juiz criminalista. Ele se olhou no espelho e colocou o paletó. Pediu-nos ajuda para “endireitar” a roupa. Irrompeu o silêncio dizendo “não sabia que eu ficava tão bem de paletó”. A pintura do rosto era mínima e fazia um desenho de barba, na cor branca. As fotos eram de braços abertos, sorriso largo e foi engraçado porque em algum momento ele posou mesmo, como em fotos de revista. Deitou-se no chão com ar relaxado, rindo. Quando acabamos, ou quando achamos que havíamos acabado, ele abriu a porta da sala. Lembro que Sandra falou “vai Aline fotografar o juiz olhando a rua”. Eu estava mesmo extasiada. Saímos. Ele chegou perto do portão e ficou olhando a rua por uns cinco minutos. Tiramos umas fotos. A impressão que deu era que ao tempo que ele olha a rua “com outros olhos”, também queria ser visto diferentemente.

Por fim, no ensaio de Marley Charmosinho, faltavam duas cenas: uma referia-se ao amor por uma menina e o outro a uma cena de ostentação, de um dia específico em que ele havia ganhado muito dinheiro. O horário estava apertado e eu disse a ele que achava que só daria tempo de fazer uma. Caso ele quisesse muito fazer as duas, poderíamos marcar no dia seguinte. Ele fez cara de dúvida, resmungou alguma coisa acerca da menina e direcionou-se para os objetos pertencentes a cena da ostentação. De repente ele olhou pra gente e disse “tira a ostentação tia, eu quero Kinha”. Entre o registro do amor ou do “dinheiro, fama e poder/ostentação”, Marley Charmosinho fez sua escolha.

Esta segunda etapa foi rica no que se refere, literalmente, a poder ver os meninos por outros ângulos/lentes. Deixou os nossos papéis mais fluídos, e acabou tornando-se um espaço de experimentação de si. Diferente do que eu imaginava, o ensaio não se orientou pela ideia de “reprodução da cena vivida”. Ao contrário, os objetos utilizados foram mínimos e as fotos se aproximaram muito mais do retrato. As vivências foram expressas em seus corpos repletos de memórias, corpos camaleônicos, que pulavam entre as tristezas e as alegrias, revelando as suas histórias, as suas diversidades, seus álbuns de importâncias.

A terceira etapa do procedimento se refere à análise das imagens, quando os adolescentes foram convidados a analisar as imagens que haviam produzido. Reveladas as fotos, disparamos o encontro “você agora é um analista de fotografia e foi convidado para analisar imagens de uma exposição. Você deve olhar pra imagem e tentar dizer o que elas revelam pra você. Pensando as cores, o olhar, a expressão...”. Cada adolescente teve acesso a um conjunto de imagens, divididos de acordo com cada cena feita por ele.

Segundo Barthes (1984, p. 29) “a fotografia me devolve a mim mesmo”, o que significa que o papel de espectador/analista de uma fotografia de si viabiliza um espaço no qual o sujeito tem como demanda escutar-se no não dito, tentando decifrar a sua história tal qual ela se apresenta imagetivamente. Revisitar suas expressões, posturas, encarar os dizeres do olhar, as facetas da seriedade e do riso. Observar-se em um quadro de diferentes cenas da sua vida. Observar-se em sua diversidade de cores, formas, expressões e afetos. Em um exercício contínuo de escutar o que ele mesmo quis dizer, tendo, desta forma, uma nova possibilidade de significar suas experiências eleitas como principais.

Do ponto de vista de um espectador/analista, os adolescentes procuraram esboçar significados acerca da imagem, vasculhar no disposto do vocabulário palavras que significassem a expressão do que estava posto em imagem e sobre a qual ela silencia (ZANELLA, 2013, p.85).

De todas as etapas do ensaio fotográfico esta foi a mais intensa para os adolescentes. Os meninos ficaram um tanto perplexo com o que tinham produzido. O diálogo construído a partir da metáfora do analista também surtiu efeitos quanto ao fato de serem eles que possuíam o conhecimento. “*o que tá passando pra mim quando eu vejo isso aí?*” “*foi uma invenção praticamente*”.

Diante das fotos, os sujeitos passam a narrar a sua história de vida em uma perspectiva analítica, traçando uma análise sobre a imagem e levantando elementos acerca de como se percebem nos diferentes momentos e explicitando os movimentos de mudança subjetiva. Marley Chamosinho diz ao ver a primeira foto “sou eu mesmo? Eu vejo outra pessoa (...) penso assim, porra eu sou assim mesmo? Tem horas que eu me sinto assim”.

A “contação” imagética da própria história de vida e a análise das imagens possibilita um processo de apropriação da própria história de vida. Certamente este foi um momento bastante difícil para eles, mas também significativo e produtor de mudanças. Segundo Barthes (1984, p.39) “vejo, sinto, portanto noto, olho e penso”.

Marley Chamosinho passou toda a análise recostando-se tanto em mim quanto em Sandra. Teve vontade de chorar, mas também deu risada lembrando-se dos momentos de alegria. Nos disse *“pare com isso se não eu vou chorar, que eu nunca choro. Chorar é feio”* e no final concluiu *“Eu nunca ia imaginar que essas fotos ia me deixar assim...pensando um monte”*

Galego Coringa, em um certo momento fez greve de fala, diante de nossa insistência para que ele falasse. Comunicou-se durante um tempo escrevendo palavras soltas e só depois de um tempo retornou a atividade. Conclui dizendo que *“foi maravilhoso, gostei. Da próxima vez me chame de novo (...) às vezes eu pensava que lembrar a minha história seria ruim pelos fatos que aconteceu, mas acabei descobrindo que quando eu lembro dela só me ajuda a ser mais forte”*.

No final da atividade, solicitamos que os adolescentes escolhessem os nomes que iriam aparecer na dissertação. Os participantes se animaram com a ideia e rapidamente elegeram seus nomes fictícios: Galego Coringa, Marley Chamosinho, Negão Galinha e Dobrado.

O movimento de pensar e dirigir uma cena representativa desses acontecimentos, escolhendo elementos, organizando espaços e se posicionando diante da câmera, possibilita uma vivência emocional no qual o sujeito implicará o seu corpo como expressão das sensações e emoções experienciadas. Destituída de palavras, a fotografia permite encontrar o solavanco dos sentimentos na produção de uma imagem produzida em ato de rememorar uma experiência. Na presente pesquisa o foco da lente fotográfica foram às experiências afetivas de modo geral e as relacionadas ao tráfico.

A construção, portanto, de um ensaio fotográfico como fonte de coleta de dados articula alguns pontos de debate: o primeiro, encontrar um formato em que a afetação emerge mesmo ainda estando destituída de palavra; o segundo, a possibilidade de

analisar as experiências selecionadas e, num terceiro eixo, uma preocupação em não reduzir a arte a um instrumento metodológico, mas pensar a sua potência.

Funciona não somente como uma técnica para ouvir suas respectivas histórias de vida como também, a partir da revelação das fotos, fazer o convite para que os mesmos analisem quem são os sujeitos revelados, numa narrativa analítica acerca da própria história.

Dito isto, pode-se facilitar tanto o ato da “contação” biográfica quanto o espaço de ressignificação desta história e o assumir de novos eixos analíticos sobre sua experiência afetiva. No entanto, não é somente como narrador ou espectador de si que o sujeito põe-se a falar sobre a própria história. O momento de produção das cenas, de posicionar-se à câmera, também constituiu um espaço narrativo e de percepção de si. Afinal, este é o momento em que claramente o sujeito escolhe a forma, o contorno, a aparência que deseja imprimir da sua trajetória, elaborando a triangulação entre passado, presente e futuro. É, portanto, diante da câmera, em um ato de remontagem do passado, que o indivíduo ganha a possibilidade metafórica de reeditar a experiência, descobrindo e/ou reconectando-se com os afetos produzidos pelo passado no presente e no futuro. Também neste instante se pode contar detalhes que foram esquecidos, ou provocar-se sobre as marcas produzidas pela vivência guardada nas gavetas empoeiradas da memória e desejos de futuro.

A tripla atividade de narrar, expor o corpo a um registro fotográfico, e analisar a síntese deste percurso abre possibilidades de revisitar da própria história. Promove um encontro afetivo com o vivido, com os espaços preenchidos de palavras, mas também com os vazios da trajetória, com o que deseja se lembrar e esquecer, portanto, com as escrituras marcadas em um corpo que carrega a trama das experiências.

2.4. Da inserção no campo de pesquisa

O interesse em pesquisar com adolescentes inseridos no tráfico de drogas levantava a questão de onde poderia encontra-los. Em Salvador, fiz um mapeamento das instituições que atendem aos adolescentes autores de ato infracional. Optei pela Central de Medidas Socioeducativa, uma vez que fui informada das dificuldades de inserção na

Fundação Case, instituição responsável pelo atendimento de tais adolescentes em situação de privação de liberdade.

Enviei o projeto a Fundação Cidade Mãe³ para avaliação em meados de dezembro de 2013. No início de janeiro fui convocada a uma reunião com a vice-presidente da instituição, para resolver questões vinculadas à proposta.

Na reunião, apresentei a proposta e a finalidade da pesquisa. Fui informada acerca dos trâmites burocráticos necessários à aprovação. O projeto havia sido aprovado e a vice-presidente apresentou-me algumas possibilidades de campo, encaminhando-me a Central de Medidas Socioeducativas⁴, que era o objetivo inicial e me oferecendo a possibilidade de atuar em um abrigo no qual o perfil dos adolescentes vinculava-se a um histórico com o tráfico de drogas. Aceitei a proposta e iniciei os contatos para inserção no campo. Atuei no abrigo durante um período de quase três meses e pude perceber que as demandas presentes no ambiente eram muito mais urgentes e necessárias do que a minha proposta de realizar um piloto da pesquisa.

Finalizei minhas atividades no abrigo e decidi que esta experiência não entraria na dissertação. No entanto, gostaria de dizer que muitos das reflexões presentes neste trabalho, principalmente aquelas vinculadas à atuação profissional, estão imbuídos das experiências adquiridas junto aos adolescentes que moram na citada instituição. Estou certa de que foi uma experiência repleta de aprendizagens e as questões provocadas por este espaço foram facilitadoras de muitas mudanças na minha práxis. Neste abrigo conheci um adolescente que havia sido transferido de São Paulo e, acabei acompanhando de perto sua inserção em Salvador, bem como a transferência para uma outra unidade. Este adolescente não é sujeito da pesquisa, mas como ele participou do ensaio fotográfico, sua história auxiliará na construção das análises dos dados coletados.

³ Fundação cidade Mãe responsável por Promover a educação de crianças e adolescentes em situação de risco social e pessoal, para o exercício da cidadania na perspectiva dos direitos humanos. Mais informações em: <<http://www.salvador.ba.gov.br/index.php/8-cabecalho/9-fundacao-cidade-mae-fcm>>.

⁴ A Central de Medidas é responsável, de acordo com o princípio da municipalização do atendimento à população infanto-juvenil, pela execução das medidas socioeducativas em meio aberto – reparação do dano, liberdade assistida e prestação de serviços à comunidade – na comarca de Salvador. Como integrante da política municipal de atendimento ao adolescente envolvido na prática de ato infracional, a CMSE integra o Sistema de Garantia de Direitos no município de Salvador. Disponível em: <<http://www.promenino.org.br/noticias/arquivo/central-de-medidas-socioeducativas-em-meio-aberto-de-salvador---fundacao-cidade-mae---salvador-ba>>.

A pesquisa foi realizada em parceria com a psicóloga Sandra Andrade⁵. Sua participação enriqueceu o campo e as análises, tendo Sandra participado ativamente do processo. As reuniões sistemáticas ao final de cada encontro na Central de Medidas Sócioeducativas viabilizaram um espaço de diálogo potencializador ao campo e a escuta dos adolescentes. Além disso, juntas, nos demos suporte e escuta, cuidamos uma da outra neste processo. Produzimos e abrimos as feridas desta experiência e as cicatrizamos. Teria sido outra dissertação sem a presença tão forte e viva de Sandra. A presença dela também explicita uma crença antiga de que fora do âmbito da solidão a reflexão e a prática se tornam muito mais potentes.

A escolha pela Central de Medidas se deu por ser o local que atendia adolescentes envolvidos em atos infracionais e possuía espaço para a implementação das atividades propostas nesta dissertação. Vale a pena ressaltar que, apesar de me encontrar inserida em tal instituição, não tinha o objetivo de investigá-la. Neste caso, a instituição serviu inicialmente como ponte entre a pesquisadora e os adolescentes. Assim, organizada as documentações e vencidos os trâmites burocráticos, fiz o primeiro contato com a instituição e marquei uma reunião para falar sobre a proposta.

2.4.1. O local da pesquisa

A Central de Medidas Socioeducativas é uma instituição responsável pelo atendimento dos casos de adolescentes que estão respondendo a justiça no âmbito da Liberdade Assistida (LA) e Prestação de Serviço a Comunidade (PSC). As salas de atendimento não possuem portas e a cozinha tem acesso restrito aos funcionários. No final da pesquisa, a unidade mudou sua localização, funcionando atualmente na sede da Fundação Cidade Mãe.

Descobri que a instituição funcionava anteriormente como um abrigo através de um dos adolescentes que aos sete anos foi institucionalizado pela primeira vez lá. Este é um aspecto que abre muitas questões das quais não me aprofundei, mas que não posso deixar de registrar. Um dos adolescentes participantes dessa pesquisa iniciou sua trajetória de institucionalização no mesmo espaço geográfico no qual finalizou o seu histórico institucional no âmbito da infância/adolescência.

⁵ Além de psicóloga, é colaboradora dessa dissertação no momento da pesquisa de campo.

Recordo com clareza de como relatou com propriedade o fato de já ter morado naquele lugar. Fez questão de falar como era a distribuição do espaço da casa e pontuava que continuava igual. Enquanto o adolescente descrevia com precisão suas memórias da primeira instituição que frequentou, eu pensava na ironia que se explicitava. Dos sete aos dezessete anos ele constrói uma trajetória que caminha junto às medidas de proteção do Estado, mas se, aos sete esteve presente em situação de abrigo, aos dezessete se apresenta por cometimento de ato infracional. Tudo isto no mesmo local geográfico. Uma história que nos faz pensar e repensar as políticas sociais para a infância e adolescência ou, pelo menos, o funcionamento das mesmas.

2.4.2 Dos primeiros contatos...

Chego na instituição por volta das 10:00 horas da manhã, para a reunião com a gerente da instituição. A intenção era apresentar o projeto e negociar as possibilidades de implementação, bem como dias e horários oportunos.

A gerente aceitou a proposta do cine clube e do ensaio fotográfico, mas para a minha surpresa, mostrou preocupação com a viabilidade da pesquisa frente aos problemas da formação de um grupo e do tempo de duração do encontro. Minha surpresa se deu, pois imaginava que encontraria problemas no que se refere à aplicação metodológica, na utilização da fotografia. No entanto, a formação de um grupo dentro da Central de Medidas Socioeducativas, parecia ser a principal questão para a gerente. Falei em três horas de encontro: duas horas para o filme e uma hora para o debate. A gerente pontuou que seria difícil dos meninos ficarem tanto tempo em uma sala; eu pedi para tentar. Ela permitiu dizendo: “toda vez vai ser um experimento”. Esta foi a coisa mais certa que escutei.

Também emergiu uma preocupação com o tempo longo de três meses, pontuando que os meninos não costumam aderir, o que poderia prejudicar a pesquisa. Informou da necessidade do auxílio-transporte e do índice alto de mortes durante o processo.

Interessou-se pelo ensaio fotográfico e no final achou que poderia ser uma ação interessante! Falei da presença de Sandra como colaboradora da pesquisa e não houve objeções. Só entramos em confronto na hora de decidir o número de integrantes. Eu

disse: Dez! A gerente arregalou o olho sinalizando a impossibilidade. Fechamos com um número máximo de cinco integrantes. Depois da reunião com a gerente, estive ainda em uma reunião com os técnicos da instituição. Apresentei a proposta e eles ficaram de me enviar os casos que se encaixassem no perfil. Pontuaram que acharam a proposta “interessante” e “diferente”.

Apresentado o projeto, marcamos a data de início com o grupo. É interessante pontuar que somente uma assistente social me encaminhou adolescentes, a mesma teve o fim do seu contrato no meio do meu campo. Quando a outra assistente social que estava de licença maternidade retornou, assumiu os casos que estavam sob a responsabilidade da primeira assistente social e me encaminhou mais dois adolescentes. No final, houve um grupo formado por quatro adolescentes.

2.5. Questões éticas

A pesquisa em psicologia tem como característica fundamental o ser humano, suas relações e composições da vida. Sendo este, o marco de toda pesquisa na área, se faz necessário que o pesquisador assuma uma postura ética frente a sua pesquisa.

Neste caso, todos os adolescentes que participaram desta pesquisa, o fizeram por livre e espontânea vontade. No primeiro encontro, o ponto inicialmente enfatizado era a não obrigatoriedade da participação neste projeto. Esta fala se repetiu em diversos momentos para garantir que, mesmo sendo uma atividade feita na Central de Medidas Sócioeducativas, eles não eram obrigados a estarem presentes.

Depois desse momento, foi explicada a proposta e finalidade da pesquisa, bem como os procedimentos metodológicos, o uso do gravador e a duração das atividades. Também foi apresentado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, lido junto com eles, tendo sido tiradas todas as dúvidas apresentadas. Deixou-se o espaço aberto caso novas questões emergissem.

Nesta pesquisa, a postura ética se fez presente também nos cuidados e escuta dos adolescentes. Um dos participantes, na etapa individual, esteve presente, mas passado alguns minutos de conversa inicial, percebemos que ele não estava a vontade. Paramos a conversa, perguntei se ele estava a vontade e dei a opção para caso desejasse só

participar do cineclub. O adolescente disse então que preferia participar apenas das atividades em grupo. Agradecemos sua participação e voltamos a nos reencontrar nas atividades grupais.

Não só neste exemplo, mas durante todo o processo foi tomado o cuidado de não aprofundar em questões nas quais poderiam trazer uma mobilização muito intensa. Respeitou-se todas as vezes em que os adolescentes demonstraram não falar mais sobre algum assunto.

Também nos disponibilizamos, caso achassem necessário, para conversas individuais, ou se algum encontro tivesse disparado questões com as quais o adolescente não tivesse conseguindo lidar. No entanto, não fomos solicitadas em nenhum momento.

Por fim, este projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP e a Plataforma Brasil.

CAPÍTULO 3 – O LIVRO DAS PERGUNTAS: CAMPO, CONTRADIÇÕES E ANÁLISES.

Existe um caminho pelo qual se chega a essa dissertação, um caminho que modifica o objetivo da pesquisa, um caminho que rasga espaço para a fala dos adolescentes. Este caminho, por sua vez, não é linear nem contínuo, ele é feito e marcado por contradições e rupturas. Contradições que se expressam tanto dentro das falas dos adolescentes quanto dentro da experiência entre o que se dizia e o que se vivia.

A pesquisa então é composta por uma trajetória na qual as contradições, enunciações e encontros vão despertando curiosidades/interesses de uma pesquisadora que divide com os adolescentes o controle do passeio. Os encontros tecem cada passo que se deu, em um movimento no qual os adolescentes convidaram pouco a pouco as pesquisadoras a percorrerem suas ruas, vielas, cemitérios, clausuras, becos sem saída, grandes avenidas, jardins floridos. Seus lugares onde a vida se fez.

Quando terminei de escrever esta nota ao leitor que antecede a análise dos dados, percebi que, assim como Pablo Neruda, eu havia escrito um livro das perguntas. Esta formulação me leva a crer que toda pesquisa parece percorrer o que propõe Pablo Neruda em seu livro: a reunião de perguntas. Perguntas aparentemente inocentes, perguntas que surgem do campo e com as quais o pesquisador se depara a todo momento.

Se um projeto de pesquisa se torna possível mediante a formulação de uma pergunta/problema de pesquisa, a escrita de uma dissertação, a meu ver, se faz interessante quando o pesquisador se permite abandonar a questão originária e se abre para a formulação de novas questões emergentes da experiência.

Percebo que as perguntas mais interessantes são as mais óbvias. Pois perguntar sobre o óbvio é questionar o que aparentemente já está posto. Aquilo que não precisa ser respondido, pois já se encontra cristalizado.

Dito isto, inicio este capítulo compartilhando as questões fundamentais à produção desta pesquisa. Propondo ao leitor acompanhar não as formulações de respostas/verdades imutáveis, pelo contrário: observar o exercício reflexivo que me propus frente as questões que o campo me apresentou.

A princípio uma questão: a relação entre o sofrimento-ético-político e a inserção no tráfico de drogas, e uma pesquisadora e suas fantasias/hipóteses indo ao encontro de adolescentes autores de ato infracional. Numa equação acadêmica isso quer dizer: adolescentes/sujeitos da vulnerabilidade/exclusão social. Na imagem fantasiada do encontro: uma sala, um grupo, sons e tons de vozes adolescentes que versariam sobre a exclusão social e a articulariam com sua condição de adolescentes em conflito com a lei.

“Mas a vida é real e de viés”, já alertava a música.

A primeira desconstrução se deu no encontro com o sujeito. Diferente do adolescente da vulnerabilidade/exclusão social, os adolescentes vivem a exclusão como sujeito-homem, e aos poucos vão traduzindo os sentidos e significados deste modo de ser. O sujeito-homem pareceu, inicialmente, contrário ao sujeito que eu esperava encontrar. Distante de delegar à exclusão qualquer relação com sua inserção no tráfico de drogas, os meninos são sintéticos e objetivos ao afirmar que foram eles que escolheram entrar nessa vida.

O transcorrer do campo segue desconstruindo paradigmas e superando expectativas. Se eu disser que tive dificuldades para construir um vínculo com eles, estaria mentindo. Não presenciei nenhuma cena de violência ou desrespeito, ao contrário: os adolescentes autores de ato infracional foram se mostrando cada vez mais diversos e plurais.

Diria que somente os primeiros encontros foram marcados por certo estranhamento. O estranhamento provinha do estabelecimento de uma relação horizontalizada, pautada no respeito e valorização do que traziam, e principalmente na afetividade com a qual eu e Sandra compúnhamos os encontros.

Mas este estranhamento não apareceu somente frente aos adolescentes, a instituição me chamava a atenção pelo fato de me verem abraçá-los na chegada e na saída. Parecia que este ato era uma infração e me colocava em risco. Na verdade, a afetividade é que era estranha no ambiente.

No entanto, acredito que ao estabelecer essa relação de igualdade nos foi permitido subir ao palco do adolescente e de sua diversidade. Chamo de diversidade aquilo que transborda ao ato infracional, o que vai além da infração.

Em outras palavras, os adolescentes foram, aos poucos, se apresentando de forma muito distinta do que se pode imaginar. Os encontros na central de medidas socioeducativas foram se tornando cada vez mais prazerosos, se entrelaçando pela alegria e diversão. Fomos descobrindo que os meninos ansiavam por outros assuntos que não o delito e o crime. Seus cotidianos estavam também preenchidos de questões comuns a qualquer adolescente, como discussões com a mãe, paqueras, ambiente escolar, desenvolvimento do corpo, vaidade.

Eles chegavam cheios de histórias. Marley Charmosinho se atrasava porque cada cacho de seu cabelo era feito artesanalmente. Dobrado preenchia a sala de gargalhadas. Galego Coringa apresentava formulações interessantes sobre a vida, em uma linguagem que cambiava entre o formal e o informal. Os meninos descolaram-se do ato infracional e começaram a imprimir suas singularidades nos encontros.

Entre as discussões dos filmes -que versavam sobre a temática do ato infracional, da desigualdade e da adolescência- os meninos foram expondo sua diversidade. No encontro entre eles e a equipe de psicologia/pesquisa iniciou-se de forma silenciosa o estímulo a um convite: para nós, psicólogas, esquecer as “condições infracionais” dos meninos/adolescentes, disponibilizando-nos a sempre ouvi-los. Da parte deles, esquecer da nossa condição de pesquisadoras/psicólogas, para se abrirem para o encontro.

Uma vez aceito o convite, o estabelecimento do vínculo tornou-se possível. A dureza presente nas falas de todos eles se contrapõe à leveza que contorna os encontros. Assim, a sala onde ocorriam os encontros foi se transformando em um campo neutro. Digo isso porque, uma vez falando sobre as rixas entre grupos de diferentes facções, questionei como seria caso um adolescente de uma facção rival ingressasse no grupo. Os adolescentes foram categóricos ao afirmar “*que alí nada acontecería, pois era um campo neutro*”. O cineclube tornou-se o campo neutro do fervilhar dos afetos.

A principal contradição que se expressava no campo, e que redirecionou esta pesquisa, se deu entre o dito e o vivido. A fala dos adolescentes acerca do que é o sujeito-homem apresentava-se contraditória à forma como eles se relacionavam conosco. Efetivamente, dizer que “bandido guarda o sentimento na sola do pé”, frase sempre presente, era algo estritamente contrário às demonstrações afetivas que eles apresentavam nos encontros.

Esta contradição entre o dito e do vivido abre o livro das perguntas: afinal, se o sujeito-homem “guarda o sentimento na sola do pé”, e os adolescentes apresentavam-se como sujeito-homem, de onde vinham os meninos com os quais eu me encontrava?

Meninos que me chamavam no canto para dizer que estavam tristes porque a namorada tinha terminado com eles, que se emocionavam quando eu dizia que via muita vida em seus olhos. Adolescentes que gentilmente iam até o carro me ajudar a levar o material até a sala, que se lambuzavam com leite condensado e dividiam igualmente a pipoca do cineclube. Que agradecendo as conversas, nos diziam que nós éramos “de verdade” e presentearam a mim, Sandra e a outro adolescente com uma flor.

Frente às caracterizações do sujeito-homem, onde estavam os adolescentes que a cada encontro tinham os corpos mais soltos, que riam e contavam piadas? Que durante a greve da polícia, na qual os encontros foram interrompidos, não só expressaram saudade, como pediram para que a gente se protegesse e tomasse cuidado para nada nos acontecer.

Se os adolescentes autores de ato infracional são marcados por evasão e não cumprimento das medidas, quem eram aqueles com os quais eu me encontrava que passavam três horas em cada encontro? Que notaram que no filme ‘Querô’ a personagem só havia comido duas vezes? Por que caminhar duas horas para chegar a atividade? Por que, ainda no último encontro, tendo fechado a central de medidas, sugeriram que finalizássemos a atividade no estacionamento de um supermercado próximo, para podermos nos despedir direito? Ao chegar lá, descobri que eles queriam fazer uma série de fotos conosco. Fotos abraçando, dando beijo, fotos em que as mãos juntas formavam corações.

Se malandro não tem sentimento, porque Dobrado me disse que queria ajuda para falar palavras de delicadeza para a namorada? Porque todos pediram um coração grandão para o ensaio fotográfico? Ou ainda, porque demonstravam indignação ao relatarmos a violência policial com os trabalhadores?

Se a morte é algo banal, por que Galego Coringa usou o espaço do ensaio fotográfico para registrar a saudade permanente de um amigo que ele perdeu há dez anos atrás? Ou Dobrado, quando ficou ameaçado de morte e interrompeu

temporariamente sua participação no grupo, por qual razão bradava ao telefone: “eu quero viver Aline, eu quero ver meu filho crescer”?

Se o afeto esta fora de suas vidas, por que Dobrado pontua como cena importante o fato de nossos abraços quase quebrarem seus ossinhos? Por que diz que o mais importante foi o termos recebido com sorrisos?

Se eles estão fora do que se entende como humano, por que no último encontro ficaram extasiados ao receber uma flor? Porque Marley Charmosinho conta que um dos dias mais felizes de sua vida, foi quando sua irmã nasceu e parou de chorar quando ele a carregou nos braços?

Se a ostentação, traduzida como a busca por dinheiro, fama e poder, é o que se tem caracterizado como possibilidade de explicação para seus atos infracionais, por que Marley Charmosinho desistiu no ensaio fotográfico de registrar a cena da ostentação e por no lugar um registro de seu amor pela namorada?

Por outro lado, as investidas nas relações por parte das pesquisadoras descortinam algumas questões:

Por que ao dizer a Galego Coringa que ele é maravilhoso e que estava aprendendo muito com você, ele me diz “não creio”?

Por que frente a mãe de Dobrado, Marley Charmosinho diz que a gente é diferente porque realmente se preocupa com ele e liga quando ele se atrasa ou quando ele não pode ir?

Por que Dobrado diz que no início ficava calado pois tinha medo de que ao contar sua história nós olhássemos para ele diferente, mas que depois de tudo, ele soube que poderia contar e nós continuaríamos tratando ele da mesma forma?

Por que Galego Coringa diz que vai ficar “mal acostumado” com o tratamento que estávamos dando a ele?

Todas essas questões demonstram que a pergunta inicial sobre a relação entre o sofrimento-ético-político e a inserção no tráfico de drogas era simplista, pressupondo uma linearidade da subjetividade e uma relação causal entre ela e a sociedade. Afinal, quem eram aqueles que eu pretendia pesquisar? Esta é a pergunta na qual pretendo

refletir neste capítulo; a partir de análises das falas dos adolescentes, de ir e voltar nas transcrições, de tentar traduzir analiticamente o que disseram ao apresentar essa contradição fundante do campo de pesquisa; na plena certeza de que as questões não se esgotam.

Os rastros para as análises produzidas têm seu início entre o conteúdo das falas dos adolescentes, a experiência vivida com eles e as identidades pressupostas pela sociedade, alienada na sua atividade de infração. Foi esta contradição que direcionou meu interesse no campo para conhecer o adolescente para além do ato infracional. Afinal, diante do que eu estava vivendo, a ideia de que eles fingissem me parecia inadequada. Confiar neles parece ser o primeiro passo para conhecê-los.

Início esta reflexão apresentando as histórias dos adolescentes, definindo o conceito de sujeito-homem e a experiência afetiva no tráfico de drogas.

3.1 Para ver os meninos: tentativas de não reduzir o adolescente às suas infrações

Há três histórias que compõem essa pesquisa. Histórias de meninos que me convidaram a participar delas, que me contaram o que foi possível, compartilhando enredamentos. Por outro lado, o ouvinte não é somente um escutador. A experiência com cada um desses adolescentes gera aprendizagens produzidas pelos encontros. Cada um me fez aprender algo distinto.

No enlace de escolher uma forma de apresentá-los ao leitor, me deparei com diversas questões que me convocaram a refletir sobre o modo como escrevemos as histórias de vida. No primeiro momento, pensei na construção de um “conto”, um pequeno resumo da trajetória desses adolescentes. Quando iniciei o processo de organização dos dados, percebi que tinha em minha frente algo próximo de uma “ficha criminal”. Organizava-se a vida do adolescente pelos delitos cometidos e por um caminho que o levava à inserção no tráfico. Organizando os dados, não era possível para mim reconhecer o adolescente que conheci. Este fato implicou em uma reflexão na qual achei leviano reduzi-los a esse conjunto de dados. Não se trata da negação dos atos infracionais cometidos por eles frente a um encatamento. Na verdade, trata-se de um compromisso ético, uma vez que sua condição infracional tangencia apenas uma parte do que eles são. Querendo não me alongar nesta questão, parti então para a construção de uma espécie de “narração da entrevista”. Assim, poderia narrar a história tal qual foi contada a mim, com seus silêncios e euforias, com suas sequências e não linearidades,

com as reflexões que os sujeitos foram se fazendo ao longo do ato de narrar a própria história.

Completei esse ciclo em um primeiro modelo que permitia um acesso a subjetividade desse adolescentes, em suas dores e graças. No entanto, uma nova questão foi aberta. A primeira história continha 21 páginas. Teria eu ainda mais duas histórias para narrar. O cálculo de mais ou menos sessenta páginas de histórias impossibilitou sua concretização. Seria incabível a um mestrado, frente ao volume de páginas, ao tempo que dispúnhamos. Novamente me vi em uma encruzilhada.

Tendo feito muitas reflexões e lidado com as dores dos recortes necessários a pesquisa, busquei um caminho alternativo. Em diálogo com uma amiga, lhe roubei uma inspiração na qual pretendo apresentar as histórias em uma conexão tanto do caminho de inserção no tráfico de drogas quanto no que foi possível aprender com esses adolescentes. Numa busca constante de não reduzi-los as infrações e produzir uma escrita que permitisse ao leitor, conhecê-los um pouco mais.

A escolha em trazer os caminhos de inserção traduzem-se pela diversidade em que se apresentaram. Cada adolescente possui trajetórias singulares no que se refere a inserção. Seu ponto de comunhão, no entanto, é a presença da exclusão social. A intencionalidade foi também de explicitar que não há um motivo específico pelo qual se insere no tráfico de drogas, os caminhos são singulares.

Por outro lado, contemplo não completamente, mas em parte, o que cada um deles me ensinou. Ensinos que se ancoram na defesa desta dissertação de que se faz necessário ampliar a escuta para o que há além do ato infracional. Ensinos que me fizeram interessar-me mais pelo adolescente do que por suas infrações, e que me encantaram no que se refere a potência humana em transformar-se e erguer-se diante das adversidades.

Apresento aqui o que aprendi com cada um deles, o que eles trouxeram daquilo que existe para além dos atos infracionais. Galego Coringa, Marley Chamosinho e Dobrado, destilam ao longo destes textos suas existências, nos provocando e convidando a voltarmos para ver os meninos.

3.2 Galego Coringa

*“Pedra lascada/construiu edifícios/ varreu ruas,
escreveu poemas/ Mestre sem ofício/ tornou-se*

*pedregulho/ no rim do sistema/ Rocha/ onde a vida
queria grão de areia/ O poeta canta a sua dor/ Rima a
dor alheia/ E sem deixar pedra sobre pedra/ Do rancor/
O amor ele sampleia” (Sérgio Vaz)*

Galego coringa foi o primeiro adolescente encaminhado para participar desta pesquisa. Sentava na cadeira, meio de lado, corpo largado, com uma das pernas esticadas. Sempre muito pontual, reclamava e contabilizava os minutos de atraso das psicólogas: *“hoje vocês atrasaram sete minutos”*. A frase vinha acompanhada de seu cavalheirismo, que jamais permitia que eu e Sandra carregássemos sozinhas o material do carro até a Central de Medidas Socioeducativas. Dirigia-se a mim como “senhorita” e a Sandra como “senhora”, possivelmente por fantasiar que o anel em sua mão esquerda era uma aliança.

Galego Coringa era a voz que apresentava suas concepções de mundo em convergência com suas experiências de vida, o que permite que em seu discurso apareçam sempre pontuações sobre a vida coletiva e melhoria das condições materiais da população pobre. Ora fala de si como sujeito, ora como coletivo, representante de sua favela.

Certa feita me presenteou com um baralho mágico. Fez questão de, junto com o presente, me ensinar alguns truques. Segundo ele, assim era a vida, todo mundo sabia que era truque, mas como não tinha como provar, virava mágica.

A entrevista durou quase duas horas e apesar de Galego Coringa ser bastante falante, na hora em que começou a contar sua história anunciou *“eu não vou contar minha história toda não”*, *“eu vou contar daqui com sete (anos) mesmo para diminuir um pouquinho”*. No entanto, quase no final da entrevista, o jovem esbravejou entre risos *“falei demaissss...falei demaissss...falar demais é cagoete”*.

Galego Coringa inicia em um trânsito rápido entre passado e presente. Não obstante, começa a falar da sua vida pelo encontro próximo com a morte.

o meu cansaço, o meu passado foi bem pior que o meu presente...no meu passado eu já fiz tanta besteira, parei na Case Salvador várias vezes...naquela vida alí, seu eu continuasse naquela vida alí, eu não ia ficar vivo. Eu ia morrer viu parceiro. Já tava marcado já, já tava vendo na minha frente a minha morte...mas hoje tá bem melhor.

O garoto possui uma longa história com as instituições vinculadas à proteção da criança e do adolescente na Bahia. Esse saber é constitutivo de sua história, frente a um número intenso de institucionalizações vividas.

Desde os sete anos, Galego coringa transita pelos dispositivos governamentais para a proteção da infância e adolescência. Com a mesma intensidade que conhece as políticas de proteção à infância, seu corpo carrega também as marcas das violações causadas pelo Estado, grande parte delas advinda de confrontos com a polícia. Nesta idade passou um tempo morando na rua, e em um dos debates do cineclube narrou um pouco dessa experiência, comparando-se a um personagem do filme em questão:

o que parece é que as cenas, e certos fatos que ele cometeu, se resumem a praticamente um pouco dos fatos da minha vida né véi...ao tempo que ...eu mesmo...eu se deparo como Sandro que eu saí de casa, fui dormir na rua, acabei gostando, acabei cheirando cola como o outro também... a primeira vez que eu saí de casa fui direto pro, fui direto pra calçada, que é alí no largo dos mares também...acabei começando se drogando, acabei acreditando que aquela vida era a maior...a vida que eu pedi a Deus. Só que aí foi crescendo, eu fui tendo mais dificuldade de continuar vivo praticamente. Que eu roubava muito e acabou que nos mares, nos mares não era nessa situação, situação de chegar um carro só e descer duas pessoas só atirando (referindo-se a chacina da Candelária – RJ retratada no filme), nos mares passava combi, bocado de gente de preto meu irmão, botando todo mundo pra dentro, levando lá pro Cia (região próxima a Salvador) e matando lá mesmo. Oxe! eu cheguei num tempo, eu cheguei num tempo que...rapaz tinha um policial lá que botava o burucutu na cara e pegava a combi que tava cheio de homi, botava todo mundo dentro e levava pro Cia. Já me levaram pro Cia, e largaram lá. A minha sorte é que eu tava com uma mãe de família, uma gorda, mesmo assim ele ainda queria matar essa mãe de família ainda. Essa mãe de família falou ‘não, me mate mas não mate esse menino que esse menino ainda tem muito o que viver’, ‘ah vocês dois tinham que morrer, você porque já tá véa e você porque tá novo e pode crescer e acabar me dando dor de cabeça’ e foi assim. Acabou que se eu não abrisse o olho, eu não taria aqui hoje, teria terminado que nem ele...é isso...perto da realidade. (Ao final Marley Chamosinho aplaudiu a fala)

Da sua experiência na rua, aos oito anos, Galego Coringa relata o estabelecimento de uma amizade com um outro menino. O vínculo criado entre eles, fez com que Galego Coringa retornasse a sua casa e pedisse a mãe para que adotasse o amigo. Durante esse tempo, o jovem foi encaminhado para morar em um abrigo. Quando fugiu e retornou para a rua, descobriu que o amigo havia sido assassinado.

fiquei sabendo que o pivete morreu. O que eu pensei foi o seguinte, fiquei revoltado e acabei indo na pilha de certos elementos. Eu sei que a culpa não é dele, a culpa é minha, eu que quis ir, mas tomei o

embalo de um certo elemento e acabei descendo com os cara do camarão (uma favela de Salvador) também que é lá das minha área, tá ligado? Descendo com os cara pra meter mão em corda, que isso e aquilo, eu era o menorzinho (...) Porque eu já tava começando a mostrar um certo tipo de disposição pra colar com o bonde

Galego Coringa relata que entrou no tráfico aos nove anos de idade, depois de ter passado um tempo praticando roubos com os garotos maiores.

O que acabou acontecendo foi: eu comecei a traficar com nove, até meus treze anos de idade, um pouco, um pouco só assim. Eu continuei traficando, ví várias situações. Amigos que eu fiz, amigos não, colegas. Colegas que eu fiz nessa vida...uns caindo, outros sobrevivendo (...) Primeiro eu comecei como laranjinha. O laranjinha fica indo comprar pros cara, pra onde os cara vai, anda junto, só pra poder fazer favor...e isso e aquilo...Aí ganha umas merrequinha, merrequinha mesmo. Cinco, dez conto por cada favor que faz (...) depois de laranja, passei pra vapor. Ficar só pegando a visão, ficar só na guarita, pegando a visão pros cara, tá ligado? Os cara deixava uma peça na minha cintura, eu pegava a visão. Eu pequenininho. Rapaz, naquele tempo ainda, nós ainda usava o três dois, o antigo três dois.

Apesar de ter adquirido uma arma ao virar vapor, segundo Galego Coringa *“eu pegava, eu pegava e nunca usava. Só botava na cintura mesmo e nunca usava. Só quando os homi chegava que eu pegava na arma ou tinha que ficar ali, se eu ficar ali, ô naquele tempo a pessoa ainda é um pouco cabreira ainda. A pessoa prefere evitar pra não remediar”*. Aos doze anos Galego Coringa é convidado a mudar de posto e passa a intensificar suas atividades no tráfico de drogas:

Aí parceiro malocô, comecei a se jogar de cabeça (...) O cara me chamou pra trampo, eu peguei e aceitei o trampo né véi...parei de ficar só pegando guarita, vapor (...) Porra, com meus doze anos comecei a trabalhar com...vou falar o nome do outro parceiro, mas no vulgo (pausa) Hall. Quando eu comecei a trabalhar com Hall, parceiro era de mil grau. Comecei a fumar maconha, hum...comecei a fazer um bocado de disgrama. Minha mãe ia me chamar e as porra. Não adiantava nada. Minha mãe me quebrava no pau na frente, do lado deles, ali ó e ali mermo, ali mesmo eu ficava. Eu ficava ali mesmo”.

O jovem afirma que sua participação mais intensa no tráfico foi dos doze aos quinze anos, quando interrompeu as atividades. Aos quinze anos foi inserido em um curso profissionalizante do SENAI. O jovem relatou também que aos quatorze anos trabalhou como ajudante de pedreiro. Relata que na época em que esteve afastado, fez um grande amigo, e o retorno para o tráfico, segundo Galego Coringa, teve como disparador a revolta frente a um assalto sofrido por esse amigo e sua mãe: *“o pivete tava indo pro colégio. Meteram a máquina na cara do pivete, bateram na mão do pivete e as porra. Ah! Ai o pivete começou a se envolver”*

Galego Coringa narra o assalto sofrido pelo parceiro e sua mãe. A ênfase se dá no fato dos assaltantes terem deixado “*o pivete de cueca e a mãe dele com a cara inchada*”. Depois desse evento, o jovem e seu amigo retomam as atividades no tráfico de drogas: “*Pivete começou a se envolver, acabou assaltando duas lotéricas lá em cima. Um pouco longe e um pouco perto da localidade. Acabou voltando de novo pras área, quando voltou, parceiro, os homi bateu na porta, queria bater na gente e as porra*”

O dia da prisão é contado com bastante mobilização afetiva. Segundo Galego Coringa, no camburão da polícia, ele e seu amigo teriam negociado a liberdade. Os policiais liberaram eles, mas retornaram no dia seguinte. Os garotos foram levados para a Delegacia e Galego Coringa cumpriu seis meses de medida de privação de liberdade.

Aí o tenente mostrou as cara. A outra banda. Por isso que eu nunca gosto desses cara, apesar de uns livrar, outros só faz atrapalhar (...) Quando eu peguei a visão, o policial que tava do lado tava doido pra pegar a disgrama do pacote do patrão que foi comigo...ele doido pra pegar. Aí eu falei ‘vei vamos fazer assim ó’ ele do meu lado e o parceiro lá atrás (...) pow não quero nem contar essa parte, porque essa parte é a parte que me deixa mais cheio de ódio desse bagulho (silêncio). o policial comediou nós véi...ói, nós ofereceu pra ele, ele aceitou, deixou nós sair num dia, no outro dia ele bateu na nossa porta...ó paí que onda....pá dizer que foi flagrante em casa, pra dizer que foi mandato de busca, essas parada, sei lá...ói que porra...ele foi buscar nós, nós tava lá dentro de casa. Porra parceiro, nós perdeu foi tudo. Até o oitão do pivete eu perdi.

aí nesse dia, ele não quis amostrar que eu tava com o oitão. Porque ficou com o oitão. O que me deixa mais cheio de ódio. Porque os cara não leva? Num, num tá prendendo? Então, faz o papel. Tem que entregar tudo né... Ow, não quer me acusar de uma coisa? Me acusou de tráfico e levou o oitão. Como é que, como é que vai ter certeza que eu tava traficando mesmo? Se as droga, se as droga não tava nem na minha mão, nem nada.

O parceiro sai da prisão pouco depois de Galego Coringa. Juntos, “vão levando a vida”. Galego Coringa fala rapidamente da instância do lazer e da aquisição de bens, proporcionado pelo trabalho no tráfico de drogas. Pouco tempo depois de terem voltado as atividades, ele e o parceiro estavam dando uma volta na cidade. No caminho, o amigo encontra um velho conhecido da escola e resolve parar para falar com ele. O parceiro dele acabou sendo atropelado por um ônibus, entrou em coma e não resistiu aos ferimentos.

eu não queria nem pegar na moto. Tinha pagado caro naquela moto, não queria nem pegar a moto. Só tava pensando no pivete (...) Eu fiquei fazendo os corre, pensando que o pivete ia sair de lá de dentro (...) quando o pivete pacotou e eu fiquei sabendo, a situação pegou. Eu fiquei, eu fiquei com tanto ódio que eu acabei caçando o pivete que

não tinha nada a ver, que não foi culpa dele. Mas eu fiquei caçando o pivete. Quando ele invadiu lá nas área parceiro, eu quebrei a cara do pivete toda. Só não matei o pivete porque o patrão não deixou. Foi até bom pra mim...aconteceu que eu tenho várias outras entradas na DAI, na CAM e a minha história é essa

O fim e o início do seu fluxo narrativo andam em par com a morte. Galego Coringa disse que já teve seis passagens pela DAI (Delegacia para o Adolescente Infrator), mas não entrou em detalhes sobre elas.

Quando perguntado sobre o que gostaria de modificar da sua história, Galego Coringa responde:

a parte que eu não pude salvar meu parceiro (...) o que minha mãe adotou, ia adotar, e o pivete que colava comigo (...) se eu soubesse eu não tinha comprado aquela moto não. E se eu soubesse, eu não...não...não tinha aprontado, não tinha ido pra abrigo nenhum. Ia ser melhor assim. O pivete ia ficar comigo e se fosse morrer, ia morrer os dois...é isso...eu queria modificar isso sabe como? Pow se o pivete tivesse vivo até hoje, até hoje nós seria parceiro. Eu não tinha se envolvido nessa vida errada (silêncio), podia até ter se envolvido, até ter se envolvido mas não, não, não pelo mesmo motivo que eu acabei se envolvendo nessa vida.

Nas escolhas das imagens marcantes de sua vida, Galego Coringa homenageou os dois amigos que perdeu *“Apesar de tudo, eu quis mostrar que pode ter o tempo que passou, pode ter anos que passou e mesmo assim eu continuo pensando nele. Sinto saudade do nosso tempo, das nossas brincadeiras, da nossa felicidade”* pois era representação da *“irmandade, paz, liberdade, sei lá, união”*. Retratou a sua fé em Santo Expedito, sua segurança.

Galego Coringa sonha em ser juiz criminalista. Foi de seu sonho que ele colheu uma das imagens de seu álbum de importâncias. Disse ao ver a foto que seus olhos transmitem *“felicidade, esperança, paz e amor”*.

Com Galego Coringa entramos em um contato direto com a coragem necessária a vida. Entranhada em seu corpo, a coragem ergue-o e o faz dar passos largos, determinados, em busca de novos caminhos, resplandecendo frente aos tropeços e armadilhas de uma vida que não encontra muito lugar á sombra para encostar-se. Galego Coringa traz também a gentileza e o cuidado, e esses são seus legados para essa dissertação.

Em uma das despedidas após o encontro, Galero nos acompanhou até o carro, e solicitou que fossemos embora antes dele sair. O motivo de seu pedido era que, segundo

ele, “*é muito difícil você sair de um lugar onde você se sente bem, para ir para outro lugar onde não se sente assim*”.

3.3. Marley Charmosinho

Meu coração é cheio de pássaros. Por isso, nunca me dei bem gaiolas. (Sergio Vaz)

O menino dos cachos mais bem feitos que já ví. Miúdo, corpo magro e um bigode ralinho, que ele deve deixar para parecer mais velho. Não sai de casa feio, nem desarrumado.

Marley Charmosinho é mais calado e escorregadio que os demais. Nos encontros, suas falas sempre começam após um incentivo, uma pergunta. Com frequência, ao ouvi-lo falar, temos a sensação de que ele queria dizer um pouco mais além do que disse. Desconfiava do gravador ligado e uma vez nos explicou que “*roubo não se fala, muito menos se grava*”. No entanto, ele mesmo contrariou a regra que nos apresentou.

Chamava a gente de tia, era uma forma carinhosa de nos nomear. Talvez por isso, seja ele o que traz para o grupo a meninice. O menino que dizia “*nós é grande no tamanho, mas é pequeno no pensamento*”.

A medida que o vínculo foi se constituindo, Marley Charmosinho passou a afirmar em diversos encontros: “*a senhora tá me vendo assim, quieto, tímido, mas eu faço arte, eu não sou assim não*”; “*eu sou santinho, mas apronto. Fica aí. Eu sou assim, mas quando eu tô lá na rua, passa um alemão pra você ver*”. É interessante, porque a impressão que tínhamos era que ele não queria “ocultar-se”. Como se, frente ao vínculo conosco, ele não quisesse que nos surpreendêssemos com sua história. Afinal, uma fala marcante de sua narrativa era o fato de que todos “tomaram um baque” quando ele foi preso, pois ninguém imaginava o que ele fazia.

O jovem deposita suas crenças religiosas no Candomblé, na busca por proteção. Segundo ele, a escolha foi feita porque o Candomblé “*livra o mal do mal*”, “*lá no bairro tem três igrejas...mas o candomblé é mais movimentado do que a igreja*”.

Marley Charmosinho fala de seu bairro como um quintal de casa. Sua rua é parte constitutiva dele. Está entranhado no seu território, é lá que afirma ser seu local de segurança. Apesar disso, é desta relação tão forte com seu território que emergem as contradições de morar nas favelas de Salvador. Afirmou ser lá o local mais seguro para sí, mas em outro momento pontuou o território como perigoso. A beleza da favela e sua feiura, as contradições. Uma vez ele disse *“poxa tia, queria que você conhecesse meu bairro...mas eu falo assim de lá, mas é favela... sabe como é né? É feio também, tem esgoto, lixo, assim mal cuidado, sabe como é né?”*.

Essa intimidade com o seu território fica clara quando conhecemos sua história. Marley Charmosinho afirma que entrou no tráfico de drogas por causa de *“guerra de bairro”*.

A entrevista de Marley Charmosinho tem um início interessante e que aponta para o instigante convite de narrar a sua história para alguém. Também afirma a diversidade de modos, pontos, fios condutores pelos quais alguém pode começar a falar de sua trajetória de vida.

Aline: a gente quer conhecer a sua linha do tempo, de onde você quiser começar a contar.

Marley Charmosinho: Como assim? Da história de antes para depois? Ou de agora, continuando? Do presente continuando ou do passado?

De que fio se começa a puxar o novelo de uma história? De antes para agora. Do detrás para a frente. Do passado para o presente. No âmbito da relação, se entende que é melhor começar por uma pergunta, que deixe mais claro os caminhos possíveis de narração.

Sandra: Qual foi a primeira vez que você ouviu falar em tráfico de drogas?

Marley Charmosinho: Pô, eu nunca ouvi falar tia, lá sempre foi do tráfico. Por que lá, uma boca onde eu moro, uma rua, uma favela...e lá tem muita gente que se envolvia que morreu. Continua sendo boca lá, os menino cresceu, virou. Eu acho que pra mim tráfico é vender droga, roubar também é tráfico. Isso aí que tá perguntando.

Marley Charmosinho nunca ouviu falar em tráfico, ele viveu. O tráfico precede a existência do menino, compõe o território de seu desenvolvimento, assim como uma

árvore compõe, assim como uma casa compõe, assim como um pássaro pousa no fio da cidade costumeiramente. O menino cresce e vira, integra-se. Muita gente que se envolveu que morreu. Mas lá, continua sendo boca.

A entrevista foi confusa e muitas vezes parecia não ter fio que conduzisse a narração. Tudo é violência e ousadia, é defesa. A entrevista tem duração de duas horas e parece que caminhamos em círculos, pois toda vez que ele vai iniciar algum tipo de linearidade, se cai novamente em uma cena de violência. Roubos, tráfico, o andar junto, participar das missões. Brigar, bater, cortar, apanhar. No fim das falas recorrentemente a expressão “é muita coisa tia” e é mesmo. Ele diz, enquanto expõe o corpo “*sou um cara que já apanhou muito, um bocado de marca eu tenho aqui...aqui mermo, aqui assim ó*”

De algumas cenas é possível tentar construir uma sequência para os fatos, acompanhar a idade. No entanto, a impressão que se tem é de como se dos 13 aos 17, tudo fosse silêncio, tudo fosse muita briga, muita porrada. É raiva, é morte, é acerto de contas. Há apenas alguns momentos em que é possível respirar e sorrir.

Segundo filho de sua mãe, Marley Chamosinho possui três irmãos. A figura paterna não aparece em nenhum momento de sua história. Mora em uma casa pequena junto com seus irmãos, mãe e avó.

O jovem traz em tom de queixa o fato das pessoas não acreditarem no que ele fazia. Diz que os outros o viam pequeno, magro e não acreditavam em suas ações. No entanto, afirma que:

Eu era o mais quexão. Oxe! eu brigava direto no shopping. Eu briguei com uns 3 cabeça, eu e mais dois, oxe! A gente quebrou os 3...mas também apanhamos pá porra... nas quebrada, tudo sangrando. A gente botou os 3 pra se sair. ‘Não, peraí é barril papá’...todo final de semana é show, é pau, é briga.

A sua história com ato infracional, segundo seus relatos, começa aos dez anos. Marley Chamosinho ia para um supermercado com mais dois ou três amigos: “*Roubava chocolate de um quilo e vendia mais barato, halls. Carro da Hot wheels, eu tinha coleção...metia chocolate, halls, queimado e alimbinha*”. No entanto, era preciso driblar o segurança, que quando pegava os meninos “dava cada paulada”.

Nesse contexto convivia também com as clientes do supermercado

pegava dinheiro no carro mermo... pedia a tia dinheiro, a tia diz que num tinha. Carregava as compra dela, separava os biscoito, saco de compra em baixo do carro. Pegava a bolsa dela, corria, pulava, oxe, roubava tudo de carro pra vender, pra ganhar um real, oxe, pra jogar video game, pra muitas coisa...Eu ajudava a mulher com as compra, botava no carro. Ai tinha dia que dava, tinha dia que não dava. A gente se conformava que não vinha nada, ai se conformava... Mas ela tinha, tinha moeda que não quis dar, tinha biscoito e não quis dar, ela deu mole ...Era muita zueira tia. Naquela época trocar 10 reais era hoje 100 reais. Era massa! A gente gastava, oxi um bocado de coisa, merenda... meu irmão me pegava e me quebrava ... oxi apanhava muito, era soco...

A violência doméstica começa a entrecortar a violência da rua. Marley Charmosinho vai construindo sua narrativa alternando esses dois espaços. *“mas eu só queria brigar, com os colega, com 6, 7. Agora eu apanhava pra valer minha tia. Eu num apanhava de minha mãe não, meu irmão que vinha. Minha mãe que mandava meu irmão me bater. Me dava um bocado de murrão...fui aprendendo, aprendendo...”*

Marley Charmosinho atribui a violência doméstica ao seu comportamento indisciplinado. Segundo o garoto *“eu apanhava porque eu aprontava muito”*. *Aos treze anos, começa a “se envolver” com o tráfico de drogas de outro bairro”*.

Lá que eu aprendi o que era tráfico, o que era rua, que o bicho pegava, que era barril, trocar murro, lutar boxe, jogar capoeira, pular de telhado fugindo dos homi. Tudo lá que eu aprendi. Aí eu já fui pra rua sabendo né, os menino pensava que eu era besta...pensava por que eles me escorava, achava que eu ia ficar besta pra sempre

Vale ressaltar que Marley Charmosinho considera que seu envolvimento com o tráfico de drogas se deu somente aos 16 anos. Relata que aos 13, *“andava junto”, “fazia as arte”* com os outros meninos pertencentes a uma outra favela. Essa relação começa a ser estabelecida quando ele foi *“estudar na escola que era meu sonho”*. Segundo o jovem é neste contexto que ele começa a *“usar maconha”*.

Dos treze aos dezesseis, Marley Charmosinho esteve mais envolvido em roubos e *“saidinhas bancárias”*. Conta-nos que só fez três assaltos, uma vez que assalto sem arma não conta. Afirma que ficou *“estourado”* após o primeiro assalto, pois roubou muito dinheiro e distribuiu. A cena deste assalto foi eleita como momento marcante para o álbum de importâncias.

No entanto, o que ocupa maior espaço de fala em seu relato, são os envolvimento em brigas nos espaços de sociabilização, como festas, shoppings, praia. O “estar junto e misturado” envolvia também acompanhar “o bonde” nas missões, cobranças e acerto de contas.

Quando perguntamos o que ele fazia nesta época, ele responde prontamente que “*trabalhava, vendia lanche, picolé. Eu vendia chocolate, fazia meus corre pá ter dinheiro tia, sabe?*” O garoto também relata acerca de sua participação no carnaval de Salvador e de suas peripécias para poder “colar com o bonde” na festa de rua além de afirmar que “*já namorei com todas as meninas lá da rua*”:

ô minha mãe por favor...'não é não' ai eu 'tá bom, vou esperar ela dormir'. Cadê que dormia?...Catei minha roupa, botei num saco, joguei pela janela. Me escondi. Marquei com os menino, liguei: 'cadê vai mermo?' 'tá passando a pano em sua mae' 'sua mãe tá no banheiro? desce, desce, desce'. Aí eu pegava, vestia a roupa, guardava a outra roupa, trocava e se picava. Se chegasse de noite ia pra casa de meus amigo...se fosse de noite (pra casa) eu apanhava a noite toda, até dormir.

O evento eleito pelo adolescente como nodal para sua inserção no tráfico de drogas é a morte de um amigo, considerado como primo.

ficou três dias dizendo que ia matar meu primo...cheio de ódio, foi e matou meu primo...quando morre um, todo mundo sente falta. E é essa falta que une todos contra ele...a gente foi cobrar o que eles fizeram com nosso amigo...era um irmão, parceiro...como se tirasse um pedaço da gente e aí a gente foi cobrar esse pedaço, arrancando um pedaço deles

Marley Chamosinho afirma que quando isso aconteceu, ele se deu conta de que a guerra havia começado. A perda do amigo também é articulada a intensidade das atividades no tráfico de drogas. “*Quando matou meu parceiro tia, aí foi, eu fui ficando louco, louco, louco...Comecei a vender, vender, vender. Depois parei mermo, só andando no meio, fazendo as paradas. Depois comecei a vender de novo*”

Para além dessas questões, o jovem também afirma que neste período os trabalhos haviam acabado e ele estava sem dinheiro, sendo nesse caso o tráfico uma forma de angariar renda para as suas despesas pessoais e para ajudar a família.

o que eu ganhava eu dava pra meu irmão...meu irmão foi e construiu uma casa pra ele...se eu quiser morar lá eu moro.

Agora tem uma casa na parte de cima que eu to construindo, mas não gosto não, fico lá com minha família mesmo...gosto de ficar com minha família que eu me sinto mais protegido

A vida no tráfico possibilitava o acesso a bens e consumos e ao lazer que não seriam possíveis sem esta renda. Marley Charmosinho fala que tinha uma vida “mil grau” nesta época:

minha vida tava muito massa, tava mil grau mesmo, viu tia. Era muita onda. Eu tinha tudo, minha mãe tinha tudo, comprava presente pra minha irmã... oxe! minha irmã quando nasceu tia, eu comprei um estoque de roupa assim, uns seis, sete conjunto pra minha irmã pequena. Nem dava...minha mãe: 'já tem que usar'. Comprei, vai ter que usar o do Bahia mermo por que o conjunto do Bahia pô, bonito tia...Toda vez que ela usava eu tirava foto. Eu mermo, tem um cartão de memória lá que tem mil e duzentas fotos, desde quando ela era pequena, até agora, pra você vê. Alí é o amor que eu não tive (o nascimento da irmã foi eleito também como cena marcante para o álbum de importâncias)

Com todas as fragilidades que compõem os acordos e segurança de vida no tráfico de drogas, quando Marley Charmosinho tinha dezessete anos, o chefe da área morreu e acabou sendo preso. Segundo seus relatos, ele já havia sido preso duas vezes anteriormente. Marley charmosinho foi preso em uma madrugada, dentro de casa enquanto dormia:

ói foi assim, marcou a audiência aí eu fui. Porque eu fui pego dentro de casa, os homi invadiu tudo, só pegou a droga e a arma não achou...Aí me levaram pra um lugar, me bateram, botaram um saco, botaram pra eu cheirar droga, me bateu. Oxe! eu fui pra DAI (Delegacia para o Adolescente Infrator) todo barreado tia. Eu tenho aqui ói...o policial que me bateu, fora esse aqui ói, cortando....bateu...oxe, os policial faz perversidade (A cena desta prisão também foi eleita para o álbum de importâncias)

Marley Charmosinho afirma no final da entrevista que se vê agora como uma “*pessoa tranquila, calma*”, continua andando com os amigos mas diz que não quer mais essa vida. Quando perguntamos sobre o que vinha na sua cabeça quando falávamos a palavra futuro, ele respondeu que não pensava sobre isso. Seu sonho “*é tá perto de uma pessoa que eu num quero nem saber mais de ter ela de volta*”. Essa afirmação faz referencia a uma namorada que ele gostava muito na época e que compôs a última cena escolhida do seu álbum de importâncias.

Deste outro lado que ele tanto dizia, só conheci no momento em que ele falou sobre sua história. Do lado vivo da minha memória, lembro dele lambuzando-se de leite condensado e da tão marcante experiência de ver seus olhos lampejarem de alegria e desespero após receber cosquinhas. Aliás, quando disse a ele “eu vejo muita vida nos seus olhos”, ele me perguntou se era verdade, colocando a cabeça em meu ombro, como quem estivesse emocionado. Com Marley Chamosinho chegou o abraço, o acalento, a necessidade de cuidado. Afirmou muitas vezes que gostava de ir aos encontros, porque, ali, conosco, ele era feliz e podia se esquecer um pouco dos problemas.

O legado de Marley Chamosinho para esta dissertação é a adolescência. Era ele que trazia as tramas juvenis para os encontros. Namoros, festas, brigas, afirmação de sua hombridade. Traz também a doçura, a necessidade de cuidado e aconchego. Levou-nos até seu bairro no último encontro, apresentou-nos a todas as personagens que faziam parte de sua narrativa, mãe, irmã e avó, mas também os meninos da “resenha a noite”, a lanchonete onde matavam a larica. O nome do seu álbum de importâncias foi Em Busca da Felicidade.

3.4 Dobrado

O meu passado ficou na memória/ Registrado pela própria história/Ficará guardado na lembrança/No sorriso de qualquer criança/ Que ouviu pela primeira vez o toque do tambor. (olodum, minha história)

Dobrado é alto, magro, voz grave. Com ele vivemos um turbilhão de experiências, desde o primeiro dia que chegou, apresentando-se sério, com nome e sobrenome. Dalí, daquela breve apresentação, já se tinha uma aprendizagem. Porque foi com Dobrado, em seu primeiro encontro, que eu me perguntei que tipo de relação eu queria ter com esses adolescentes. E certamente ela estava distante desta apresentação formal. Foi com ele que descobri que eu era “*de verdade*”.

Dobrado é extremamente observador, mas não é necessariamente tímido. No entanto, sua marca para o grupo é sua gargalhada que preenchia a sala e sua sugestão de que a pipoca salgada poderia estar acompanhada do doce do leite condensado. Educado e vaidoso, sério e brincante. Sua banda predileta é o olodum.

Infelizmente Dobrado passou um tempo sem poder ir as atividades. Por conta das guerras entre facções e de seu longo envolvimento com o tráfico local, ficou por um

tempo em alto risco de vida. Essa questão impossibilitou seu trânsito até o local das atividades, principalmente depois que o mototaxista que levava ele foi assassinado.

Durante este tempo, nós acompanhamos ele por telefone. Falávamos sobre a falta que ele fazia nas atividades e ele expressava a vontade de estar nos encontros. Dobrado retornou ao grupo faltando somente dois encontros para a finalização. Fez questão de participar e disse que gostaria de contar a sua história *“para ajudar a fazer o livro”*. Como o tempo na instituição havia se esgotado, subloquei uma sala para que ele pudesse fazer o ensaio fotográfico. Nos encontramos depois de uns dois meses e ele contou sua história para nós. Como ele estava se inserindo no mercado de trabalho, não conseguimos mais nos encontrar em horário comercial para fazer as etapas restantes do ensaio fotográfico.

A história de Dobrado com o tráfico de drogas começa antes de seu envolvimento. O pai era traficante na região onde ele morava. Dobrado afirma que antes de se envolver com o tráfico de drogas já tinha desejo de se inserir, por perceber que não faltava nada em casa com o trabalho do pai. No entanto, tinha medo de se envolver e o pai parar de dar coisas para ele *“se eu ficasse de quebrada meu pai me quebrava todo”*.

O envolvimento com o tráfico tem seu início a partir da prisão do pai e posteriormente seu assassinato no induto do dia das mães. *“Mas assim totalmente eu comecei a me envolver com meus 16 anos”*

12 anos comecei a fumar maconha, a fazer uma coisas de errado. Pegar o que é dos outros, que não é de direito. Comecei a traficar. Aí os outros já me viam com outro olhar. Que os outros diziam que meu pai era isso e aquilo...então, eu era o bam bam bam...eu pensei ‘é eu sou o cara aqui’ Só que esse pensamento é pensamento de ilusão, tá ligado? Por que tem uma hora que você tem dinheiro, que tá tudo no fácil, tem mulheres...que pra gente que tá assim dentro do sistema pensa que “ah eu sou o bambambam”...mas ali não é não, ali só quer tirar o seu. Quando você morre, desculpe o palavriado, oxe...ó o amiguinho dele como tá.

A entrada no tráfico é marcada por uma cena no período em que o pai foi preso. Sentado no sofá de casa, Dobrado escutou o barulho de algo caindo: *“e eu não sabendo que debaixo do sofá tinha um tabletão de crack. Porra rapaz...eu fui sentar no sofá, fez back! Ai eu puxei o sofá assim...oxe qual foi? Quando eu ví o tabletão, eu maloquei (guardei)...eu achei que era cocaína, nem sabia o que era crack”*

Quando o pai morreu, Dobrado pegou parte do tablete e levou pra cheirar com os meninos maiores. Na rua que ele descobriu que era craque e resolveu transformar em dinheiro. *“eu vendia incubado...não era assim expressivamente”*

Para vender o tablete de crack encontrado em casa, Dobrado precisou se envolver com o tráfico local. Dos doze aos quatorze anos, ocupou postos iniciais no tráfico de drogas. Enquanto executava suas atividades, vendia por fora a droga encontrada em casa. *“13 anos tomei logo uma DAI (Delegacia do Adolescente Infrator), porque eu tava com uma quantidade de maconha que não era legal. Eu tava no porto da barra. Mas sai no outro dia. Com 14 foi vender droga e vendendo a droga de meu pai. Fui fazendo muito dinheiro”*

Dobrado relata que aos quatorze anos, com a renda que tinha, resolveu comprar uma arma. Esta aquisição possibilitou uma maior inserção no tráfico de drogas, uma vez que tornava-se possível acompanhar o “bonde” nos conflitos entre as facções e confrontos com a polícia. Nesse período também se envolvia em roubos e assaltos. Porém, é nos seus dezesseis anos que Dobrado atinge seu posto máximo no tráfico de drogas:

nos dezesseis foi quando eu ganhei mais respaldo. Eu tava lá em casa, aí tem um pé de bananeira e minha mãe botou uma rede lá. Meu pai ficava destilando nessa rede direto...oxe, eu pensei: vou fumar um nessa folha de bananeira é agora. Quando eu andei pá cá pro outro lado..oxe! meu pé afundou. Eu ví um bagulho fofo, eu fiz oxe! o que é isso? (...) cavei, cavei, cavei...que eu meto mão assim....quando eu puxei, uma caixinha....dois fuzil dentro da caixinha, 7 pistola...eu, meu deus do céu....liguei logo pro cara, ‘tem um bagulho aqui pra gente ficar fortão (...) meu pai tá com umas armas intocadas aqui.

Dobrado dá parte das armas para fortalecer o bonde. Pela sua ação, no dia de seu aniversário ele virou braço direito do chefe da área e passou a comandar um dos pontos de droga, virou patrão. Segundo o jovem, seu ponto de droga era muito lucrativo, chegando a tirar cinco mil reais em alguns dias. Nesta época morava ele a mãe e mais três irmãos.

Dobrado relata que o crescimento no tráfico lhe gerou ainda mais poder. No entanto, como o próprio jovem afirma *“ser patrão não é fácil”*. Os confrontos com a polícia se acirram e o sujeito torna-se uma figura mais “visada”. O que por um lado lhe dar mais poder, também amplia o risco de vida. É aos dezessete anos, mais

precisamente faltando dois meses para completar dezoito anos que a polícia invade a sua casa para prendê-lo.

tava dentro de casa...eu não tava nem pensando em ir preso, tava pensando que eu ia morrer...o cara (policial) 'ta sentindo sensação que eu ia te matar, não vou te matar agora não. Ainda bem que eu te peguei', começou a me bater. Minha mãe gritando...'a gente pensou que você era de maior' Fui preso...apanhei, apanhei, apanhei...começou a me dá um monte de pau...ele me deixou todo mole...eu acho que eu apanhei umas quatro horas....tinha um bondão de policial militar...três policiais da RONDESP pisando na minha cabeça...me levaram pra DAI, o médico fez curativo...eles estouraram meu ouvido, dor da porra..."

Dobrado ficou um ano e onze meses preso. Relata que neste período o mais difícil foi lidar com a solidão. Segundo o jovem, ele "manteve a mente calma" para não se complicar na instituição. Na semana que antecedeu o carnaval a liberdade chegou. Dobrado relata que demorou um tempo para se readaptar "ao mundão". No carnaval, ganhou um abadá do olodum dos amigos mas que no primeiro momento, não queria sair, tinha medo e receio. No entanto, quando ligou a televisão e o Olodum estava passando na tela, não resistiu: "*o olodum comendo no centro. Eu pensei: oxe! dá pra eu pegar ainda. Fui no banheiro, fá, fá, fá...fiquei todo bonito*"

Na festa do carnaval reencontrou os amigos. Relata que cheirou muita cocaína "minha derrota...cocaína...minha mente dizendo vou me envolver, não querendo me envolver (...)quando eu fui para o primeiro encontro com vocês, eu ainda tava me envolvendo...aí vocês abriu meu olho porque falou uma palavra...assim...foram muitas palavras...aí foi acompanhando, me acompanhando...foi tirando aquele rancor, tá entendendo? que eu tinha dentro do coração...aquela raiva que tava dentro de mim...falando o que é certo o que é errado...porque se eu continuasse nessa vida, agora eu poderia não tá aqui conversando com vocês"

Uma das coisas que Dobrado mais deu ênfase em seu discurso foi o fato de andar com menos medo e poder dialogar com policiais sem medo. "*no crime a pessoa vai ter medo de você, no crime você tem aquele poder todo porque a pessoa tem medo de você. Se você é um cidadão de bem não, a pessoa vai ter respeito por você*", "*eu quero saber o que é curtir de verdade, tá entendendo?sem andar assustado, tá entendendo? andar erguidamente, erguer a cabeça e seguir a frente*"

Um dia, dobrado me ligou para pedir uma ajuda, assim ele disse "*Aline, queria que você me ajudasse a falar palavras de delicadeza com a minha namorada*" eu só

consegui responder dizendo “*não há nada mais delicado do que isto que você acabou de dizer*”. Com Dobrado vieram as aprendizagens acerca da retomada das delicadezas necessárias ao homem. Era ele também que afirmava que homem chora sim, que ele chora, que não tem essas besteiras. Foi ele também que disse um dia a Sandra que estava aprendendo a abraçar de verdade com a gente. Com Dobrado, a clareza de que os afetos não só compõe o humano como são responsáveis por sua potencialização ou despotencialização. Com ele os abraços “*de quebrar os ossinhos*”. Mas também veio a brincadeira, as piadas, o sorriso. Veio portanto, a busca pela alegria frente as adversidades.

CAPÍTULO 4 – SUJEITO E AFETIVIDADE

A psicologia social crítica concebe o homem a partir das bases históricas, sociais e culturais da sociedade, compreendendo-o como sujeito produto e produtor de sua história (LANE, 2012). A subjetividade, dentro desta perspectiva, é entendida como uma materialidade, numa visão pela qual concebe-se “o indivíduo como um ser concreto, manifestação de uma totalidade histórica-social” (LANE, 2012, p.16). Dito isto, a objetividade, será vivida pelo indivíduo se tornando subjetiva e retornando à objetividade através das ações humanas. Para analisar a subjetividade nessa perspectiva, Lane (2012) inspirou-se em Vigotski, destacando as seguintes categorias: atividade, consciência, identidade e afetividade, indissociáveis.

Nesta dissertação, a categoria analítica é a dimensão da afetividade, que foi sendo desenvolvida, dentro da psicologia social crítica, a partir dos trabalhos de Bader Sawaia, que se ancora em Vigotski e Espinosa para compreender a instância dos afetos como ético-político e base da experiência na desigualdade social.

Para Espinosa (2013, p.100/101) os homens estão convencidos de que “o corpo, por um simples comando da mente, ora se põe em movimento, ora volta ao repouso, e de que faz muitas coisas que dependem apenas da vontade da mente e de sua capacidade de arquitetar”. O que Espinosa denuncia aqui é uma cisão histórica entre corpo e mente pela qual se construiu a ciência. Cindindo o corpo da mente, a razão passou a ter, na construção da ciência, um lugar superior e dominador do corpo e também dos afetos: quando os homens dizem que esta ou aquela ação provém da mente, que ela tem domínio sobre o corpo, não sabem o que dizem, e não fazem mais do que confessar, com palavras enganosas, que ignoram, sem nenhum espanto, a verdadeira causa dessa ação (ESPINOSA, 2013, p.101).

Segundo o autor supracitado, corpo e mente constitui uma unidade indissociável. O pensamento é, portanto, ideias da mente a partir das afetações que o corpo sofre nos encontros: “o objeto da ideia que constitui a mente humana é o corpo, ou seja, um modo definido da extensão, existente em ato, e nenhuma outra coisa” (ESPINOSA, 2013, p.61). Desta forma, é a partir das afetações sofridas nos encontros entre corpos que a mente formula ideias adequadas ou não. Neste sentido, Espinosa faz uma larga crítica ao fato dos afetos terem sido considerados como ruins ou perturbadores do humano. Os

afetos para Espinosa constituem o humano e se faz necessário compreendê-los e não rejeitá-los. O filósofo volta sua teoria para compreender a servidão humana, na tentativa de formular pressupostos para uma vida coletiva pautada na liberdade e na felicidade. Buscará responder essa questão a partir dos sistemas dos afetos, uma vez que “a vida ética começa no interior dos afetos, e não contra eles, pois constituem a base tanto da servidão como da liberdade” (SAWAIA, 2009, p. 366).

Vigotski inspira-se em Espinosa para superar a exclusão dos afetos nos estudos da psicologia. Para Vigotski, a psicologia ao não estudar os afetos se afasta do homem, cindindo os nexos entre as funções psicológicas pois as emoções e os sentimentos estão diretamente conectados ao pensamento e a ação humana. É na dimensão afetiva que conseguimos compreender o papel do contexto social no desenvolvimento do homem “la influencia del ambiente em el desarrollo psicologico de los niños y em el desarrollo de sus personalidades concientes, se construyen con sus experiencias emocionales”.(VIGOTSKI, 1935/1998, p.15) Essa é uma das contribuições de Vigotski a teoria das emoções.

A singularidade dos homens advém da experiência emocional/vivência frente às situações concretas. É pela experiência emocional que os homens incorporam o externo, o social, a objetividade em ato subjetivo. Assim, se singularizam no mundo, através dos sentidos e significados postos nas experiências. Por experiência emocional o autor compreende:

Una unidad donde, por un lado, em un estado indivisible, el ambiente está representado, a saber, aquello que está siendo vivenciado – una experiencia emocional está siempre relacionada con algo que se encuentra fuera de la persona – y, por otro lado, lo que está representado es como yo estoy vivenciando esto, es decir, todas las características personales y todas las características ambientales están representadas en una experiencia emocional. (VIGOTSKI, 1935/1998, p.18)

Para se referir a esse processo, Vigotski usa o conceito de *perejivânie*, tanto indicando a relação do sujeito com o meio social e a participação deste, quanto também referindo-se a realidade psíquica do sujeito, vinculado ao modo pelo qual somos afetados pelo mundo externo, como apreendemos o mesmo (TOASSA, 2009). Vale ressaltar que há uma extensa discussão acerca do conceito de *perejivânie*, uma vez que é um termo discutido ao longo da obra do autor, não havendo uma obra específica na qual

este conceito foi exposto. No Brasil, o interesse pela investigação do conceito é de recente data e esbarra também em problemas de tradução (DELARI, 2009).

Delari (2009, p.13) na investigação acerca do conceito de pereživânie expõe que Vigotski teria denominado-a como uma “unidade dinâmica da consciência”, estando conectada a aspectos vinculados à experiência pessoal, hereditária, histórica e social. “conclui-se que esta seja uma modalidade de experiência [opit] obtida numa situação concreta, pela qual junto ao homem constituíram-se certas atitudes subjetivas, i.e., correlatas às suas particularidades pessoais”.

Magiolino (2010, p.168), ao escrever sobre a questão das emoções para Vigotski, pontua sua influência das obras de Marx, o que nos faz retomar que todo este debate sobre os afetos e seu lugar ativo, não se conectando a uma análise organicista das emoções. Ao contrário, “as emoções desenvolvem-se na história, são impregnadas de valor no processo de tomada de consciência na relação com o outro, na e pela linguagem e o processo de significação”. Os sentimentos constituem para Vigotski (2009) a base dos pensamentos e das ações humanas. É através dos afetos contidos e significados na experiência que construímos as nossas ações:

Toda emoção é um chamamento à ação ou uma renúncia a ela. Nenhum sentimento pode permanecer indiferente e infrutífero no comportamento. As emoções são esse organizador interno das nossas reações, que tesam, excitam, estimulam ou inibem essas ou aquelas reações. Desse modo, a emoção mantém seu papel de organizador interno do nosso comportamento.(VIGOTSKI, 2009, p.139)

Longe de uma influencia perturbadora, irracional ou mesmo nociva a vida humana, as emoções e os sentimentos são para o autor as bases do comportamento humano. É através dela que podemos compreender a intencionalidade da ação, bem como os desejos do homem. Em outras palavras, as emoções e os sentimentos formam as bases afetivo-volitiva da ação humana:

O próprio pensamento não nasce de outro pensamento mas do campo da nossa consciência que o motiva, que abrange os nossos pendores e necessidades, os nossos interesses e motivações, os nossos afetos e emoções. Por trás do pensamento existe uma tendência afetiva e volitiva. (VIGOTSKI, 2009, p.479).

As bases afetivo-volitivas das ações humanas se tornam comunicáveis a partir da mediação da linguagem. Para Vigotski (2009) a linguagem humana contém dois níveis:

o significado e o sentido, de modo que o primeiro refere-se a relação entre pensamento e linguagem, tendo o seu caráter mais social e o segundo como sendo representado pelo significado mas abrangendo a dimensão mais singular do sujeito, na relação entre a linguagem interior e o pensamento (TOASSA, 2009). A palavra, para Vigotski, é, portanto, o veículo pelo qual a consciência se expressa. Na palavra, que contém este interjogo entre sentido e significado, o homem expõe a riqueza de suas vivências, simbolizações e elaborações acerca de si, de suas relações e do mundo. De extrema importância tem os afetos nesta composição, tanto que para o autor,

Quem separou desde o início o pensamento do afeto fechou definitivamente para si mesmo o caminho para a explicação das causas do próprio pensamento, porque a análise determinista do pensamento pressupõe necessariamente a revelação dos motivos, necessidades, interesses, motivações e tendências motrizes do pensamento, que lhe orientam o movimento nesse ou naquele aspecto. De igual maneira, quem separou o pensamento do afeto inviabilizou de antemão o estudo da influência reflexa do pensamento sobre a parte afetiva e volitiva da vida psíquica” (VIGOTSKI, 2009, p.16).

Tanto para Espinosa quanto para Vigotski, os afetos não possuem papel passivo na subjetividade humana, ao contrário desta ideia, os autores colocam os sentimentos e as emoções como sendo ativos nos pensamentos e ações dos homens, como orientadores do pensamento e da ação: “os afetos não são estados psicológicos ou construtos linguísticos, mas condição e fundamento do ser e do existir” (SAWAIA, 2009, p.367). Os afetos são vitais na relação que o homem estabelece com o mundo externo, nas necessidades que se apresentam frente à vivência no social.

Espinosa concebe o homem enquanto uma potência, dotado de uma força interna denominada conatus, que luta para perseverar na existência. Este esforço quando está na mente é denominado como vontade e quando articula mente e corpo, é apetite: “o desejo é o apetite juntamente com a consciência que dele se tem” (ESPINOSA, 2013, p. 106). Este esforço, que consiste em “conservar a proporção interna ao corpo, variando a intensidade dessa proporção conforme nossa vida nos faz seres cada vez mais complexos” (CHAUÍ, 2011, p. 91) não se reduz a uma noção de sobrevivência do corpo, e sim uma busca pela liberdade e felicidade, que para o autor é tão necessário quanto as necessidades físicas. A busca pela autonomia e pela liberdade se integram como força motora da existência do homem (SAWAIA, 2009).

O ser é definido a partir das intensidades maiores ou menores desta força de existência. No corpo esta força maior ou menor se relacionará pela possibilidade de afetar outros corpos e na mente estas intensidades se articularão a maior ou menor força para pensar. Isto quer dizer que mente e corpo constituem-se ativos e passivos juntos, o que rompe com uma ideia de hierarquia entre corpo e mente.

Visto que a mente é ideia de seu corpo e ideia dessa ideia (ou consciência de si), ela forma ideias dos afetos corporais, ou seja, experimenta psicicamente os afetos, ou aquilo que aumenta ou diminui, favorece ou prejudica sua potência de pensar. Assim, a relação originária da mente com seu corpo e de ambos com o mundo é a relação afetiva. (CHAUI, 2011, p.85)

Espinosa dirá que um corpo humano pode sofrer afetações de distintas formas, de modo que estas afetações podem potencializar a existência ou diminuir a potência de existir. “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (ESPINOSA, 2013, p. 98). Desta forma, a ação e o pensamento humano encontram-se diretamente conectados à potência do corpo de ser afetado. Em Espinosa as ideias são formulações da mente a partir das afetações que o corpo sofre. Para Vigotski (2009) os afetos também encontram-se entrelaçados aos pensamentos, tanto que o autor dirá que,

Em toda ideia existe, em forma elaborada, uma relação afetiva do homem com a realidade representada nessa ideia. Ela permite revelar o movimento direto que vai da necessidade e das motivações do homem a um determinado sentido do seu pensamento, e o movimento inverso da dinâmica do pensamento à dinâmica do comportamento e à atividade concreta do indivíduo. (VIGOTSKI, 2009, p.17)

Nesta conexão indissociável, para Espinosa o homem procurará sempre por encontros que acredite ampliar a sua potência de existir e julgará algo como bom ou mau a partir dessas afetações. Segundo Espinosa, a alegria e a tristeza são os afetos primários, estando o primeiro conectado a potencialização da existência, autonomia e o segundo a refração, passividade “por alegria compreenderei, daqui por diante, uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição maior. Por tristeza, em troca, compreenderei uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição menor” (ESPINOSA, 2013, p.107).

No entanto, nem sempre a mente tem ideias adequadas das afetações que o corpo sofre, podendo criar ideias imaginativas, o que seria um primeiro nível de conhecimento. Quando assim ocorre, os homens enredam-se nas paixões, ideias ilusórias que mantêm os homens na servidão (SAWAIA, 2009). Desta forma, Espinosa expõe que o sistema democrático só será atingido, quando este se encontrar fora do terror e do medo, uma vez que esses afetos mantem os homens na heteronomia e afastados da liberdade. Ao contrário, deve-se “fortalecer as emoções alegres, que são correlatas ao conhecimento e à potência de existir e expandir” (SAWAIA, 2009, p. 367).

A partir destas compreensões, o estudo da afetividade constitui-se como um ponto necessário à compreensão do homem e às construções teóricas da psicologia social crítica. Compreender os afetos e o modo pelo qual os homens, em seus determinantes históricos, sociais e culturais os vivenciam, convergem no arsenal da compreensão da realidade e de suas possibilidades de transformação. Sawaia (2006) critica a retirada da dimensão afetiva na compreensão da exclusão e procura demonstrar como, a partir da extração da afetividade e do centramento da compreensão da exclusão apenas no direito e na economia, os sujeitos em situação de exclusão foram destituídos da humanidade:

Este tipo de estudo é importante para desfazer o mito de que o pobre não tem sutilezas psicológicas e age como um rebanho tangido por determinações sociais e pela fome, como se os segredos da subjetividade fossem próprios das pessoas mais abastadas e intelectualizadas. Todos somos personagens complexos no nosso desamparo (SAWAIA, 2006, p.165).

É pelas afetações que o corpo sofre que os homens constituem ideias sobre si e sobre o mundo. Na experiência emocional, os homens se singularizam e constroem suas histórias, formando o nexos entre a objetividade e singularidade humana. É no interior dos afetos que se constroem as bases afetivo-volitivas das ações dos homens. Desta forma, compreender a vivência da afetividade explicita-se como um ponto nevrálgico no exercício da transformação social.

4.1 Apenas a matéria vida era tão fina: O Sujeito-Homem, Vida loka e racionalidade

Para auxiliar essas análises, inicio apresentando o conceito de Sujeito-homem, maneira pela qual os adolescentes se nomeiam e organizam seus comportamentos. Conceito refletido por Lyra (2013) que defende ser a forma pela qual os adolescentes se concebem no mundo e criam suas singularidades.

Lyra (2013) discute a questão da adolescência apontando para os diversos ritos de passagem que as culturas possuem nesse processo de transformar os meninos em homens. A questão é que para os adolescentes do morro, usando o termo do próprio autor, este processo não é tão claro e definido. O processo de inserção no mundo adulto para esses adolescentes começaria mais cedo. O autor elenca três fases pertencentes à produção do Sujeito-homem, a saber: a infância, a individuação e a autonomia. Vale ressaltar que o autor pontua que esta divisão é apenas didática, não contendo uma linearidade na vivência por parte dos adolescentes. Dentro deste contexto o Sujeito-homem, “categoria nativa que expressa para o jovem um status de respeito e aceitação, mas que também revela a tensão entre sua condição prática de indivíduo autônomo na sua comunidade e seu enquadramento como “menor de idade”, tal qual o concebemos no mundo legal” (LYRA, 2013, p.75).

O movimento da infância, segundo o autor, não se diferenciaria muito do modelo pequeno burguês. Obviamente o autor explicita os atravessamentos da violência e a presença do tráfico de drogas como elementos que produzem distinções de uma visão mais geral da infância. No entanto, a organização da vida e da rotina, dentro de suas especificidades, também esta voltada para a escola e a família. Segundo Lyra os adolescentes rememoram esta fase do desenvolvimento como a mais feliz de suas trajetórias. A presença da escola é retratada como um ponto basilar que divide a época em que não estavam inseridos no tráfico de drogas e se percebiam enquanto “normais”.

A segunda fase do desenvolvimento desses adolescentes constitui-se, segundo a pesquisa de Lyra (2013), como a individuação, na qual a família e a escola ainda se mantêm como referência para o jovem, mas começa a perder a força pela necessidade do bico/complementação na renda familiar. Este fator levará o adolescente a se relacionar mais com figuras adultas em seu processo de relação com o mundo externo,

O período de individuação do menino pobre é, ao mesmo tempo, anterior e incompleto se comparado ao processo vivido por outro jovem com a mesma idade, mas de outra classe social. Se, por um

lado, esse menino passa a se relacionar com o mundo exterior de forma mais precoce do que os outros meninos, por outro essa entrada abdica, em termos da mediação social com outros garotos da mesma idade, algo que só ocorrerá plenamente na sua fase de independência (LYRA, 2013, p.80).

A necessidade do bico, para complementação da renda familiar, constitui-se como elemento impulsionador do desejo de independência e autonomia dos adolescentes e não como momento pelo qual a supervisão familiar falha e abrem-se as portas para a inserção no tráfico de drogas. A percepção do desenvolvimento etário é bastante flexível na vida desses adolescentes, o que reafirma que o desenvolvimento não se dá apenas pelo cunho cronológico e etário, o desenvolvimento encontra-se atrelado ao contexto social no qual o sujeito vive, determinando suas experiências e podendo antecipar ou retroceder o desenvolvimento e a inserção no mundo adulto. Outra questão pela qual isso também se torna perceptível, refere-se ao início de inserção no mundo do trabalho dos outros adolescentes.

Nesta etapa do desenvolvimento, a partir da necessidade de complementação da renda familiar, o adolescente passará a ter essa necessidade também como sua. Nesse sentido, desejará ter dinheiro para comprar coisas para si, para sair com os amigos, para dar conta de suas necessidades pessoais.

Por fim, a fase da autonomia caracteriza-se como sendo o momento pelo qual o desejo pela independência se concretiza e o jovem passa a buscar sua autonomia. O adolescente afinará suas relações com seus pares de iguais, na construção de grupos homogêneos. No entanto, não estará em jogo neste processo de sociabilização a necessidade de uma aceitação, mas obter um status adulto frente aos outros adolescentes, que por sua vez possuem a mesma demanda. Com a liberdade amplificada, e a descoberta de prazeres e diversões que o mundo pode oferecer, a rua passa a ser o local onde este jovem passará maior parte do tempo e o adolescente vai “autoproclamar sua emancipação diante da família” (LYRA, 2013, p.83). A rua passa a ser o contraponto da casa: lugar onde é visto e reconhecido por seus pares e pela comunidade.

Lyra (2013) aponta que é nesta fase que as saídas para festas, as relações com o sexo oposto e as necessidades de aquisição de bens se amplificam, demandando cada vez mais dinheiro. É nesta fase também que geralmente se dá o experimento de

substâncias psicoativas. No entanto, segundo o autor, o uso de drogas apenas é um dos elementos que fazem parte do processo de adesão ao tráfico de drogas, estando o desejo pela autonomia muito mais presente na adesão. Um ponto importante, é que a construção do Sujeito-homem que encontra-se inserido no tráfico de drogas, não se relaciona apenas ao desenvolvimento das etapas citadas acima. Em nossa pesquisa, o conceito de Sujeito-homem aparece também em destaque, explícita ou implicitamente. O ingresso no tráfico de drogas refere-se a uma biopolítica que exige formas de sentir e de agir. É possível notar que alguns elementos pertencentes à vida adulta, como responsabilidades e a necessidade de ajudar financeiramente a família, se apresentam de forma mais precoce. A produção do sujeito-homem envolve também “uma maturidade reflexiva e emocional, que lhe permitiu compreender o “mundo do crime” e assim agir tal qual o esperado” (LYRA, 2013, p. 85).

O chamado “mundo do crime” ou ainda “vida errada” pelos adolescentes/Sujeito-homem, compõem um emaranhado complexo de códigos, regras e modos de ser no mundo, que podem ser sintetizados pela forma como nomeiam seu estilo de vida, a *Vida loka*. Esta nomenclatura emerge a partir do grupo de rap Racionais Mc e foi sendo incorporado como expressão que parece condensar os sentidos e significados de viver sob a égide da inclusão social perversa. A *vida loka*, cantada pelos Racionais, expõe “o drama cotidiano das vidas precárias, incertas, sempre no limiar entre a vida e a morte” (HIRATA, 2010, p. 332).

Uma questão importante no que tange a compreensão do Sujeito-homem e da *vida loka*, como escreve Hirata (2010), é que o que se tem nas periferias da cidade, são pessoas produzindo tentativas de sair da linha de condições de miséria e pobreza, das determinações sociais, que as enquadram dentro de um sistema desigual e desumanizador, de trabalhos precários, falta de acesso a bens e serviços, como lazer, saúde, moradia. Uma luta que se trava contra a exclusão social e também contra o sofrimento ético-político que se impõe em suas vidas. Estas tentativas diárias de existir em meio adverso, desigual, excludente, “é percebido pela maior parte das pessoas como a luta diária de todos, como as condições de luta pela vida cotidiana, e contra isso existem inúmeras estratégias que as famílias e as pessoas próxima desenvolvem a algumas gerações” (HIRATA, 2010, p.322)

Lyra (2013) expõe e conflui com os meus dados às diversas práticas de trabalhos distintos feitos pelos adolescentes. Eles ajudam os micro-empresendedores do bairro onde moram, como a vizinha que vende cachorro-quente, trabalham como ajudante de pedreiro, em lava-jato e outros tipos de trabalho que conseguem se inserir. Isto aponta para o desejo de independência calcado nos adolescentes. Segundo Lyra (2013, p. 57) “eles querem honrar os pais, libertá-los de uma rede de submissão histórica, da qual também fazem parte. É o impulso pela vida, ainda que marcado pela morte precoce, a razão fundamental da condição desses garotos”.

Esta luta diária pela conquista de uma vida digna faz com que essas pessoas compreendam-se como guerreiros nos quais a busca para superar a ausência de condições materiais de maneira criativa, na procura de novas possibilidades: “a infelicidade, as decepções e os fracassos são os desafios através dos quais o guerreiro deve afirmar a sua capacidade de enfrentamento” (HIRATA, 2010, p. 323). A busca por uma vida que extrapola os limites da sobrevivência, produz-se como clamor das necessidades fundamentais ao humano, negadas pelas condições sociais. Os guerreiros, que inclui os inseridos em atividades ilícitas, mas também os que estão fora deste recorte, são pessoas que compreendendo-se quanto humanos sabem que:

Suas necessidades e desejos não se esgotam na luta pela sobrevivênciabiológica. O impulso natural de con ser vação da vida exige a expansão de suas possibilidades, que é o fundamento do processo de humanização. A alegria, a felicidade e a liberdade são necessidades tão fundamentais quanto aquelas, classicamente, conhecidas como básicas: alimentação, abrigo e reprodução (SAWAIA, 2003, p. 55).

Neste contexto de produzir vida em condições negadoras da humanidade, ao analisar o filme *Querô*, Galego Coringa afirma: “*ah eu entendi uma coisa. Que o filho da puta nunca tem destino definido. O cara tenta ser melhor, mas como? Com uma dificuldade daquela... se o pivete come é do lixo, é esmola que os outros dá, é tudo. O pessoal que podia ajudar não ajuda*”. É interessante que, assim que Galego Coringa termina a fala, Dobrado pontua “*desse filme todo eu só vi ele comendo uma vez...duas...de dentro da cela e do viado que ele quebrou tudo*”.

É possível notar também que soma-se à ausência de condições materiais, a ausência de dignidade humana que come o lixo e a esmola do outro. Outro este que poderia ajudar e não ajuda, a outra classe, a classe dominante, detentora do poder e do

dinheiro. Como finaliza Galego Coringa: “*Querô só come dentro da cela ou pelo viado que abusava sexualmente dele*”. Neste sentido, era comum que os jovens falassem de si como guerreiros. Esta condição expõe a luta pela vida e é característica do Sujeito-homem. No caso dos adolescentes que se inserem no tráfico de drogas, Lyra (2013) aponta para uma questão central também encontrada recorrentemente no campo de pesquisa que,

Esses garotos acreditam que fazem o melhor para sua comunidade. Acreditam defende-la, organiza-la, favorece-la; creditam no tráfico um sentido de luta que, se costuma transparecer apenas no óbvio embate das balas, não deixa de estar igualmente presente na guerra simbólica pela dignidade coletiva. (LYRA, 2013, p.177)

Quando os jovens falaram sobre a figura do guerreiro, trouxeram para si o local de representatividade de suas favelas. Nesta guerra pela existência humana, os meninos envolvem-se em conflitos armados com outros grupos e com a polícia, crendo protegê-las do externo que pode ser ameaçador, como pontua na pesquisa Hirata (2010, p. 324) “o guerreiro é que age como se estivesse em um jogo de forças permanentes: move-se em um campo de batalha das dificuldades reais, e pode correr o perigo da morte violenta se não souber como atuar nesse jogo de forças”. A morte, desta forma ganha um sentido de luta coletiva, como aponta Galego Coringa “*morrer guerreando é morrer representando a favela*”. No entanto, tanto Lyra, Hirata e Malvasi apontam para o valor central da vida para estes meninos e as estratégias criativas para escapar da morte.

A concepção da vida articulada à noção de guerra se conecta tanto às determinações sociais da realidade, quanto evoca uma força de superação. Como dito acima, para sobreviver frente às incertezas e impossibilidades se faz necessário conhecer os caminhos pelos quais a vida se torna possível. Desta forma, um aspecto de extrema importância para o Sujeito-homem é sua honra, pautada no “correr pelo certo”, que traduz um respeito às regras coletivas instaladas. Em muitos momentos de debate dos filmes, os jovens narravam a presença da “lei da favela”. Esta lei sugere regras, acordos, determina modos de operar como sujeito na comunidade e em suas relações. Ela também instala-se como o fio no qual equilibristas transitam, pois pode ser determinante no que tange o limiar entre vida e morte.

Dobrado: Passou por cima da ideia do cara... o cara:“é, você passou por cima da minha ideia”.

Aline: E quem é o cara?

Marley Charmosinho: O cara é o chefe

Aline: O chefe do tráfico?

Marley Charmosinho: É sim... eu vi uma cena mesmo tia que o cara matou o filho dela... que bateu no filho dele... ele falou “ó não bata no meu filho não, se eu te pegar”... desacreditou da ideia do cara... o cara matou... aí a mãe dele chorou... aí ele chegou pra mãe dele e “pow tia desculpa aí, não queria matar seu filho não mas ele passou por cima da minha ideia... eu sou do bagulho, ele passou mal, desculpa aí qualquer coisa, se precisar de alguma coisa, pode falar comigo” ele mesmo que pagou o caixão do cara... [silêncio] barril esse bagulho.

Esta lei que determina modos de conduta atravessa as relações e dita a vida e a morte, conecta-se à noção de proceder. Segundo Hirata (2010), o proceder articula-se à uma espécie de “ideal de conduta”, que deve ser respeitado e incorporado nas práticas cotidianas. “Algo que orienta partes significativas de experiências cotidianas. Melhor dizendo, algumas junções singulares de regras e de instruções sobre condutas, em contínua transformação, verificadas em diferentes redes sociais, recebem o nome de “proceder”” (MARQUES, 2009, p. 24).

Na análise das imagens vinculadas ao tráfico de drogas, Negão Galinha pontuará a presença do proceder/lei da favela, com características de rigidez e definidora da vida e da morte, contrapondo a ideia do tráfico como “vida fácil”: *“É fácil na visão de uns... que não é nada daquilo que você pensou, tem regras, é complexo (...) É muito radical... porque se deve tem que pagar, se não pagar morre, se ramelar na favela, mexer com morador... tudo tem sentença...é como se fosse uma lei, só que é a lei do crime... quem julga é nós”*.

Não pode ser considerada fácil a vida que se enreda na incerteza, imprevisibilidade e no risco eminente de morte. Não há nada de fácil nisso. E muito menos a vida no tráfico de drogas está fora do construto de uma moral, valores e princípios que devem ser seguidos, como se a “vida do traficante” fosse regida por desejos hedonistas e centrados apenas na aquisição de lucros. Ao contrário, a inserção no tráfico de drogas tem como elemento básico a apreensão dessas regras e valores e a internalização destas na conduta, determinando uma forma de ser e estar no mundo, a garantia da vida e constituição do Sujeito-homem:

Se a vida loka apresenta-se como a vida incerta, arriscada, improvável e sob risco permanente, sobre ela pairam a incerteza sobre o futuro e a impossibilidade de um domínio sobre a própria vida. De outro lado, o proceder parece ser a maneira pela qual a figura do guerreiro consegue dar uma forma ao terreno caótico desta vida. Mas é justamente por isso que a dor aparece com força, na medida em que este controle sobre a própria vida lhe escapa a todo momento (HIRATA, 2010, p. 350).

A aprendizagem sobre todos esses códigos de conduta são tidos no trânsito da vida cotidiana, nas rodas de conversa com pessoas que tem mais tempo no tráfico de drogas, nos encontros que vão se dando no espaço da rua. Os meninos aprendem um tipo de inteligência estratégica para poder sobreviver às situações cotidianas (HIRATA, 2010). Esta questão, este aprendizado, aparece bastante no cineclube. Durante o debate dos filmes, os jovens sempre discutiam as cenas vividas pela personagem, levantando os deslizes cometidos pelos mesmos e abrindo opções de ações que poderiam ter impedido um final trágico. Narrativas minuciosas, nas quais podemos perceber como cada ação precisa ser pensada e repensada, como cada detalhe pode modificar o desfecho da cena.

Galego Coringa: A vida do crime é um perigo. Que nem a lei da selva, só sobrevive o mais forte.

Dobrado: É vida de cão pai.. essa vida aí não é pra ninguém não... é bom, tem dinheiro... mas quando aperta... é a derrota de tudo...

Dobrado: Minha vida não tem preço não... a gente arrisca a vida... a gente arrisca a vida... a qualquer momento os homi pode botar a cara ali... to desacordado, conversando com o outro, perdi a visão... com a arma na cintura... os homi vão botar em você...e aí? Ou pega um tiro, como tem muitos.. .toma um tiro fica vivo, outro toma um tiro e morre...e aí? Que é nossa vida que tá ali... minha vida não tem preço não.

Negão Galinha: É difícil a vida no tráfico... movimento cheio... ambiente de trabalho... esteja tranquilo mas qualquer coisa você pode fazer... ambiente de risco... sempre alerta... com a mente a milhão...você pode perder a visão... do consciente do ser humano, mexe com o consciente... você tem que ter uma coisa na mente... esse é meu objetivo... as chances são mínimas.

É neste contexto de alta tensão que se produzem subjetivamente esses adolescentes. Garotos envolvidos em tramas da vida quase inimagináveis e que se esforçam, transformam, para tentar ter uma vida digna e ofertá-la a sua comunidade. Constituem assim, um corpo alerta, que “pega a visão” do que está acontecendo, para não ser devorado por ela, uma espécie de corpo bélico. Apesar desta tentativa de

organização, o tráfico foi fortemente relacionado a um certo tipo de acordo com a morte. A tensão entre vida e morte, como aspecto central da vida loka, tem grande expressividade nas falas dos jovens. De diferentes maneiras e por diversos motivos, a vida desses adolescentes vai sendo escrita nos fios que tecem encontros com a violência. Como dirá Malvasi (2012, p. 92) “trabalhar no tráfico significa também olhar a morte sem fraquejar”. Galego Coringa também nos fala sobre essa questão: “*O cara entra pra morrer, tá ligado? O cara tem que entrar pra morrer, porque se tá pensando em viver, quando entra nessa vida, então é melhor nem entrar. Melhor ficar do lado de fora. Porque se entrar, meu irmão, não tem pra onde correr*”.

Malvasi (2012, p. 96) destaca em seu trabalho um importante termo que também foi encontrado nas falas dos jovens participantes desta pesquisa: a expressão “ter uma mente como uma qualificação positiva – espécie de adjetivação intimamente relacionada à ideia de inteligência”. O autor abre alguns sentidos de análise a expressão. No primeiro deles a “mente” articula-se a uma “racionalidade instrumental para resolução de situações concretas da vida cotidiana, e para o alcance de objetivos pessoais de ordem material” (p.96). Por outro lado, ter uma mente também está associado como qualidade positiva, para aqueles traficantes que conseguiram alcançar lucros com a atividade do tráfico de drogas. Frente aos riscos deste trabalho “tal inteligência prática é um atributo dominante “no mundo do crime”. Nesta caso, “ter uma mente” rima com uma inteligência prática, que combina senso de oportunidade e a arte de contornar situações difíceis”. (MALVASI, 2012, p.96)

Essa expressão recorrente nas narrativas dos jovens, parece também falar de um corpo ordenado pela razão, pelo pensamento. Este dado é uma chave nas análises desenvolvidas nesta dissertação, pela sua exigência subjetiva, como veremos mais a frente. A mente, a inteligência desenvolvida, organiza-se como espectro para viver a *vida loka*. É pela mente que os meninos acreditam analisar as cenas e os riscos aos quais estão submetidas as suas vidas, de modo a diminuir o sofrimento e ampliar possibilidades:

Ela é subjetiva, fenomenal e empregada de acordo com as situações concretas em que as ações se efetuam. A inteligência do traficante se refere a percepções da realidade, autocontrole das emoções, concepções e manipulação racional - que são trabalhadas nas relações cotidianas; ela é escolha, decisão e ação. Atitude, proceder, conduta

são expressões de quem possui uma *mente forte, blindada*. (MALVASI, 2012, p.109/110).

Esta inteligência conflui em saber posicionar a fala, expressar-se de forma precisa e, em embates, conseguir fazer com que o outro caia em contradição. O saber em expor suas ideias é um ponto de valorização do sujeito e corrobora com a sua “caminhada”, história no mundo do crime. O autor citado indica a produção de uma mente criminal, na qual o emocional, os sentidos e o cognitivo estão envolvidos: “Por meio do desempenho de uma fusão de racionalidade prática de gestão da vida cotidiana com a coordenação da palavra e a capacidade de ação, a mente criminal se fixa nas quebradas como um exemplo de realização no mundo, como um modo de vida” (MALVASI, 2012, p. 110).

A partir desta racionalidade prática da gestão da vida, que tem como um ponto crucial a formação de uma mente, na qual um de seus pressupostos envolve o autocontrole das emoções, é que podemos nos questionar sobre os atravessamentos desta questão na produção subjetiva de jovens inseridos no tráfico de drogas: Quais são as exigências subjetivas para se ter uma mente criminal?

O autocontrole das emoções se expõe como um dos principais elementos para a construção da vida que se vincula ao tráfico de drogas. É através deste controle dos afetos que se faz possível analisar e operar nas situações que vão sendo experienciadas: “o que permite conseguir transpor os perigos é uma capacidade de manter frieza em situações que podem determinar a morte e, para isto, nada no comportamento pode parecer fora do autocontrole destas pulsões” (HIRATA, 2010, p. 249/250).

O controle das emoções é uma das muitas características do Sujeito-homem, a vida de pequenos garotos que se inserem no mundo do tráfico:

O sujeito-homem que comanda o dia a dia da favela pode ter apenas 13 anos de idade, mas sua postura adulta vai muito além da arma que carrega presa na bermuda. Ele possui uma vida sexual ativa, muitas vezes resultando em filhos; tem proficiência em uma gama variada de drogas; seus rendimentos rivalizam e, dependendo da boca, ultrapassam o de seus pais. Sua curta história de vida esta repleta de atos e fatos ininteligíveis para outros garotos de sua idade e mesmo para muitos homens experimentados (LYRA, 2013, p. 91).

Toda essa construção subjetiva reverbera apenas em seus pares de iguais e no circunscrito território de sua comunidade. Fora desse eixo, ele é apenas um garoto ou ainda um marginal, que confirma “a esfera do morro como palco de seu drama” (LYRA, 2013, p. 102). No entanto, no que tange essa constituição subjetiva do Sujeito-homem, dentro da lógica operada na *Vida loka*, e o auto controle das emoções, uma característica aponta como central: sujeito-homem não chora.

4.2. Malandro guarda o sentimento na sola do pé: tráfico, silêncio, raiva e ódio.

Um rastro para começar a falar sobre a clandestinidade dos afetos, foi a máxima da proibição do choro. O interdito do choro apareceu em diversos momentos dos encontros com os jovens, seja quando eles narravam que tinham vontade de chorar, mas não podiam, como também desejos de chorar tanto na entrevista quanto no momento do filme.

Inicialmente a proibição do choro poderia ser analisada pela dimensão do gênero, da construção do masculino dentro da sociedade brasileira. No entanto, no decorrer da pesquisa, perceberemos que a proibição do choro, se conectará ao veto das demonstrações afetivas. Percorreremos os labirintos escondidos que levam aos sentimentos e as emoções. Sentimentos e emoções clandestinos e que não correspondem à adrenalina “da vida do crime”, ou prazer de se colocar em risco. Ao contrário, a proibição do choro que silencia “os calos no coração”, que não param de doer. Começemos pelo início do debate do filme *Juízo*:

Aline: O que vocês sentem vendo esse filme?

Marley Charmosinho: Fico triste.

Galego Coringa: Tristeza e arrependimento.

Marley Charmosinho: A escolha que eu fiz pra poder viver... chega da vontade de chorar.

Galego Coringa: Sério véi?

Marley Charmosinho: Sério. Fico com os olhos cheios de lágrima.

Galego Coringa: Chore não, parceiro. Chore não.

Marley Charmosinho: Chorar o que parceiro?

Galego Coringa: O único lugar que você pode chorar é debaixo de sua cama.

Marley Charmosinho: eu nem choro tia... tem umas caras que eu não choro.

Aline: Às vezes faz bem. Às vezes alivia.

Marley Charmosinho: Chorar piora tudo.

Trago esta cena porque nela podemos perceber o movimento de Galego Coringa e Marley Charmosinho, frente ao anúncio da vontade de chorar. A ideia de que o choro poderia aparecer no encontro, vai sendo contida durante o diálogo. Um jogo de papéis no qual o objetivo parece ser “engolir o choro”, “segurar a onda”. Galego Coringa relembra ao companheiro o único local no qual é permitido chorar “o único lugar que você pode chorar é debaixo de sua cama”. É interessante porque além do veto de chorar em público, no espaço privado isto deve ser feito “debaixo da cama”. A expressão sugere ser uma metáfora do local mais escondido possível.

Se Marley Charmosinho trouxe à tona o desejo do choro, ao pensar em sua escolha “para poder viver”, rapidamente ele corta a ideia afirmando que não vai chorar. Continua sua fala dizendo que não chora há muito tempo e conclui, em contraponto a minha sugestão, que “chorar piora tudo”.

Negão Galinha, ao analisar uma imagem do álbum de importâncias, na qual retratou o cotidiano no tráfico, pintou no rosto uma lágrima. Na análise, ele pontuara a presença da lágrima como algo que demonstra um “não estar bem” que não pode transparecer. Também abre uma questão sobre a polarização do bem e do mal, apontando para as contradições existentes entre esses pólos:

Negão Galinha: Da pra lembrar bem fresco...o significado que eu posso...pelo q da pra entender...as cores quer dizer, diferenciar bem e mal...e que no mal sempre tem um pouco de bem e no bem sempre tem um pouco de mal... a lágrima alí quer dizer que ele tá bem...mas o lado mal dele não tá bem e do outro lado ele tá mal mas tá bem também...a lagrima é porque as vezes ele chora, as vezes não...as vezes pode chorar...as vezes acontece alguma coisa mas ninguém nunca sabe né...vc tá alí, fazendo alguma coisa, em algum lugar...mas tá guardando e não fala pra ninguém...tá alí por necessidade, porque tem que tá alí.

Aline: tá chorando porque?

Negão Galinha: por alguma coisa...as vezes do momento, as vezes no momento que ele tá ali...ou alguma coisa que aconteceu que ele não pode demonstrar...mas que por dentro ele pode sentir mas...

Aline: por que ele não pode demonstrar?

Negão Galinha: porque o momento não é adequado...ou as vezes...ele pode até demonstrar quando tá sozinho...as vezes ele não gosta de chorar...guardar raiva, rancor, esses bagulho assim...tudo isso

Negão Galinha fala sobre afetos vinculados a tristeza e aponta que a demonstração desses sentimentos é possível no momento que se encontra sozinho. A demonstração dos afetos não é adequada no ambiente do tráfico de drogas.

Outro momento importante foi durante a entrevista de Galego Coringa, na qual ele fala sobre o desejo de chorar quando foi preso: *“Foi revoltante perder a liberdade (...) eu não podia chorar né? Mas eu tinha vontade de chorar, não vou mentir”*. Por que Galego Coringa não podia chorar? Ele explica: *“Para manter o respeito. Se o cara fica chorando lá dentro os outros fica pensando que o cara é viado, tá ligado? Powvéi, o cara é malandro. O cara que fica chorando não é malandro. Quem chora é zé mané. Isso é o que dizem, mas o que eu noto mesmo é que o cara que chora mostra seus sentimentos. Não é psicopata. Naquele tempo ali, meus pensamentos era de psicopata”*.

Ao dizer-se enquanto psicopata Galego Coringa parece esquecer que o desejo de choro existia. Esquecer ou ainda não demonstrar que dentro de si um fluxo de sentimentos circulava sem espaço para demonstração. Diz Galego Coringa que era psicopata porque *“se fosse de matar eu matava. Se fosse de morrer eu morria. Se fosse de viver eu vivia. Tanto faz, era assim”*. Esta fala traz à tona a impossibilidade de demonstração/expressão dos sentimentos. Ela contém um conflito interno que vai do desejo à impossibilidade. Chorar não é exatamente a questão. O problema é demonstrar os sentimentos, fragilidades, expor um corpo que está atravessado pelos afetos. Por outro lado, é demonstrar que não é psicopata. É interessante porque nesta fala, a dimensão dos afetos/sentimentos parece conectar-se diretamente com a noção de humanização do homem. Demonstrar os sentimentos parece abrir para o outro a humanidade, como tirar o tórax de superman e deixar sair o coração de poeta, nas

palavras de Chico Buarque⁶, ou ainda por para fora “os calos no coração”, nas palavras de Riobaldo⁷.

A pergunta que se pode fazer é: quais são as consequências de não poder demonstrar os afetos? Como se vive afetos que não podem ser expostos? Como se vive a integralidade humana do pensar, sentir e agir, uma vez que a demonstração dos afetos é, antes de tudo, se colocar em uma situação de risco? Estar vulnerável?

Demonstrar os sentimentos quebra regras pertencentes ao ingresso e permanência no tráfico de drogas: a primeira, denota uma certa “indisposição” ao crime, uma vez que o desbloqueio dos afetos pode interferir em momentos cruciais, em diferentes formas como medo, raiva e culpa; a demonstração dos afetos também constitui-se como elemento de fragilidade, como se o sujeito não fosse forte o suficiente para lidar com as questões que atravessam a *Vida Loka* e por fim, demonstrar os afetos também é narrá-los e presentificá-los, alimentando um sofrimento que tem relação direta com lidar com a própria condição de vida, marcada incessantemente pela violência. Neste sentido, Leandra⁸, complementa esses dados quando diz que aprendeu com os meninos a estar nessa vida “*se for chorar... vai passar a vida toda sofrendo*”.

Nos debates dos filmes lampejavam pequenos rastros de outras narrativas sobre o tráfico de drogas. No filme *Falcão: meninos do tráfico*, o segundo filme rodado, apresentou-se falas sobre a ostentação, festas, dinheiro, aquisição de bens e materiais. No entanto, essas falas apareceram após os jovens terem dito que o filme apresentava questões reais e que eles desejavam esquecer. Perguntamos então o que eles desejavam esquecer e se na experiência com o tráfico de drogas só haviam coisas ruins, se não haveriam coisas boas. Os meninos então disseram que as coisas boas eram só a ostentação, festas, “muito dinheiro”.

Das coisas que desejavam esquecer estavam as mortes e as guerras. O desejo de esquecer apareceu em todas as atividades de campo e aos poucos o tráfico de drogas foi sendo denominado como “cruel”, “ilusão” e pouco se falava sobre a ostentação, o

⁶ Música de Chico Buarque: A bela e a fera

⁷ Personagem do livro *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa

⁸ Adolescente que conheci durante o processo de pesquisa. O pai era traficante e a mesma teve diversas relações amorosas com adolescentes inseridos no tráfico. Passamos algumas horas conversando sobre a minha pesquisa e relatei sobre a proibição do choro e a não demonstração dos afetos.

dinheiro e as festas. É interessante, no que tange o esquecimento, que este se atrela tanto à violência policial sofrida, violência entre as facções em conflitos, ou seja, tanto a violência infringida quanto recebida. Mas também, se deseja esquecer a perda dos amigos e pouco se falava sobre as figuras de afeto.

Durante o processo de pesquisa os adolescentes foram sinalizando as suas experiências emocionais. Seja na expressão dos desejos de esquecimentos, na valorização do vínculo construído com o grupo ou ainda quando falaram abertamente sobre o tema. No que tange a crueldade do tráfico de drogas, ela foi expressa pela relação com o risco iminente de morte, sendo denominada como “lei da selva”, “a vida no tráfico de drogas é pesada”, “vida de cão”. Entretanto um diálogo chama atenção especial:

Galego Coringa: A vida do crime é cruel (...) Sentimento, sentimento de saudade, de culpa, nessas paradas na vida do crime é proibido. O único sentimento que nós pode sentir é raiva. Só isso.

Aline: Como é ser uma pessoa que só pode sentir raiva?

Galego Coringa: Porque... como é? Uma pessoa ser traficante, ser matador... só pode sentir raiva.

Sandra: Mas não pode ter outros sentimentos?

Galego Coringa: Rapaz, se a pessoa tem outros sentimentos, eu não tô dizendo que ele não tenha. Eu tô dizendo que não pode amostrar esse sentimento, porque senão ele se torna um fraco no meio, no meio das outras pessoas também.

Aline: E como é que você acha que uma pessoa... porque você tá me dizendo que a pessoa não deixa de ser pessoa porque entrou pro mundo do crime, né, então assim, a pessoa tem todos os sentimentos estão ali. Todo mundo tem todos os sentimentos do mundo. E aí ela entra numa vida onde a lei é só ter um sentimento. Como é que você acha que essa pessoa vive, como ela lida com todos os outros sentimentos que ela continua tendo e que ela não pode mostrar?

Galego Coringa: Sei não. Realmente não sei não.

Sandrinha: Como é sentir e não poder demonstrar o que a gente sente?

Galego Coringa: É péssimo. Não poder demonstrar a saudade de um parceiro. É, não é mas... a pessoa tem que lidar com isso, entrou nessa vida... é como se diz, entrou no fogo é pra se queimar. É assim.

O tráfico é dito como “cruel” por um dos adolescentes por cercear o sentir, nele “*só pode sentir raiva e ódio*”, mas, nem mesmo o adolescente soube nos dizer com propriedade como faz para lidar com este cerceamento. Apenas afirma que: “*é péssimo... a pessoa não poder demonstrar seus sentimentos*”. A justificativa torna-se o fatalismo da própria condição, na qual tudo se resume, em repetidas falas, que indicam por um lado, o acordo declarado com a morte “*mas a vida é assim...você entrou no tráfico pra morrer...*”, mas também, o processo de culpabilização de si empreendido pelos adolescentes na máxima “fui eu que escolhi”. A auto responsabilização é mais uma característica do Sujeito-homem: assumir suas ações, sem delegar a terceiros esta responsabilidade. Esta questão me chamou bastante atenção no campo, pois os jovens não atribuíam nenhuma influência para suas respectivas inserções no tráfico de drogas, nem a ausência de condições materiais, nem influência nas relações com outras pessoas. No entanto, quando debatiam os filmes falavam sobre a falta de emprego e de possibilidades de estudo como elementos que influenciavam as personagens a se inserirem no tráfico.

Para os sujeitos-homens todas as decisões e consequências dos seus atos dizem respeito somente a eles, negando a influência ou contribuição de qualquer elemento externo à sua própria vontade. Assim, o sujeito-homem jamais se coloca como vítima de uma situação, não importa o contexto, não importa o preço. Ele é sempre o agente, o instrumento vivo de sua própria condição existencial. (LYRA, 2013, p.249)

Uma questão relevante nesta fala também diz respeito às contradições expressas no que se refere aos sentimentos. Apesar de ter dito que no tráfico só é permitido sentir raiva e ódio, Galego Coringa pontua também que isso não quer dizer que o Vida loka, não tenha outros afetos. Toda a questão gira em torno da impossibilidade de externalização de outros tipos de sentimentos. O vida loka/sujeito-homem é atravessado por outras formas de sentir, a questão é que demonstrá-los conecta-se diretamente a noção de fragilidade, que parece deslocar os afetos distintos da raiva e do ódio à clandestinidade.

Dizer que só é permitido sentir raiva e ódio no tráfico de drogas é um elemento que aparece apontar para uma gestão dos afetos presente no tráfico de drogas. Em um outro momento da análise das imagens, Galego Coringa ao referir-se a vida do tráfico

como “a lei da Selva” na qual só sobrevivem os mais fortes, dirá o que é necessário para manter-se vivo:

Aline: Como é que se torna o mais forte na vida do crime?

Galego Coringa: Permanecendo vivo. Se mantendo vivo você se torna mais forte.

Aline: Vamos supor que fosse uma porta a vida do crime e a gente entrasse nessa porta e aí na portaria tivessem... na viagem, vai viajando comigo, tivesse um armário bem grande com o seu nome e lá você tivesse que deixar as coisas que você acha que você não pode ter para se tornar forte e pegar algumas coisas desse lugar para se tornar forte. O que que você deixa no armário pra entrar nessa vida do crime e o que você precisa pegar para continuar forte e sobreviver?

Galego Coringa: Pô, você tem que pegar bondade e deixar no armário. Pegar amor e deixar no armário. Apesar de que o vida louca também ama. Mas o caso é, amor proibido. Então você tem que pegar o amor, colocar dentro do armário. E pegar do armário pra vida do crime, você tem que pegar ódio, justiça, um pouco de lazer. Umas coisas que na vida do crime podem ser usadas. Não ao lazer como na vida normal, mas a um lazer perigoso, um lazer proibido. É isso.

Aline: Então o amor e a bondade são coisas que se deixa no armário pra entrar nos portões da vida do crime? Certo. E depois? A pessoa entrou, deixou o amor, a bondade lá, pegou o ódio, a raiva, e aí tá lá vivendo na vida do crime. E aí chega a hora de ir pra casa. Foi pra casa, entrou dentro do quarto, fechou a porta...

Galego Coringa: Pega o amor de volta no armário, pega tudo de volta. Aí no outro dia de manhã quando você for saindo, bota tudo de volta no armário, é assim.

A metáfora do armário denuncia a gestão da afetividade no tráfico de drogas, a sua clandestinidade, em termos psicológicos demonstra que é impossível eliminar os afetos. O que se consegue é deixa-los no armário. Segundo Sawaia (2004), as condições sociais pautadas na dominação necessitam enredar os homens nas emoções tristes, pois através destas, o homem tem sua autonomia diminuída e acabam por se manterem passivos. Constitui assim, uma política da afetividade voltada para o autoritarismo e para o desamparo: “os homens se submetem à servidão porque são tristes, amedrontados e supersticiosos. Enredados na cadeia das paixões tristes, anulam suas potências de vida e ficam vulneráveis à tirania do outro, em quem depositam as esperanças de suas felicidades” (SAWAIA, 2009, p. 366).

Vale ressaltar aqui a dimensão de que o homem sempre busca a expansão da sua potência de existir. Porém, nem sempre a mente produz ideias adequadas acerca das afecções sofridas pelo corpo. Quando a mente produz ideias inadequadas, Espinosa nomeia como uma paixão:

Paixão equivale às ideias ilusórias e à passividade (ser determinado a existir, desejar e pensar com base em imagens exteriores que operam como causas de nosso apetite). É a situação em que a força do *conatus*, tendo se tornado enfraquecida sob a ação de forças externas, submete-se a elas imaginando submetê-las e fica sujeita a forças contrárias que a puxam para lados opostos (SAWAIA, 2009, p. 367/368).

Desta forma, os jovens que se inserem no tráfico de drogas acreditam que assim estarão expandindo a sua existência e adquirindo poder. Mas como vimos, a experiência, o atravessamento dos afetos, acaba por fazer emergir questionamentos e sentimentos de que estão, na verdade, submetidos ao desejo do outro, tolhidos e servis. No entanto, envolvidos nas paixões tristes, a força de seus conatos encontram-se diminuídas, o que significa que o corpo e a mente perdem a força de agir e pensar, respectivamente. Segundo Espinosa (2009, p.18/19): “quanto mais os homens se debatem com a ira, a inveja ou algum afeto de ódio, mais se deixam arrastar de um lado para o outro e estão uns contra os outros (...) e uma vez que os homens estão a maior parte do tempo sujeitos por natureza a tais afetos, os homens são por natureza inimigos”.

O que sustenta tal condição é o imperativo de reprimir os afetos, produzindo uma cisão entre razão e emoção, entre o pensar e o sentir. Seguindo Espinosa, o bloqueio da capacidade de ser afetado é condição de servidão, ressaltando que esta capacidade pode ser diminuída, mas não eliminada. Não se pensa sem afeto, o que explica a aparente contradição na fala de Galego Coringa: “*apesar de que o vida loka também ama. Só que amor proibido*”. Contradição aqui que tem relação com tornar clandestino os afetos, para não perder o lugar tão caramente conquistado de vida loka, mente blindada. Segundo Espinosa:

A razão pode certamente muito a reprimir e a moderar os afetos; mas vimos que também que o caminho que a mesma razão ensina é extremamente árduo; de tal modo que aqueles que se persuadem de poder induzir, quer a multidão, quer os que se confrontam nos assuntos públicos, a viver unicamente segundo o que a razão

prescreve, sonham com o século dourado dos poetas, ou seja, com uma fábula. (ESPINOSA, 2009, p.9)

O *vida loka*, o sujeito-homem, os garotos amam mesmo que clandestinamente. Negão Galinha, em uma conversa chega a afirmar que se fosse fazer um filme sobre o Sujeito-homem, seriam criadas duas personagens: um com a cara fechada, e com características de maldade e um outro que em casa gosta de dar e receber carinho, é alegre e afetuoso. A clandestinidade dos afetos parece corroborar como processo de sobrevivência a partir da desumanização, uma vez que se quebram as conexões que envolvem a totalidade humana do pensar, sentir e agir. Por outro lado, veremos que esta mesma clandestinidade parece ser o transgredir do processo desumanizador, clandestinizar os afetos, para mantê-los vivos e porque eles não podem ser eliminados.

Por fim, o tráfico foi nomeado como ilusão também. A ilusão partiu de uma ideia de que o lugar de poder, o acesso a bens, a conquista de mulheres, na verdade estão em risco permanente, como vimos mais acima. Um aprofundamento desta ideia de ilusão veio quando perguntamos a Galego Coringa como alguém se torna Sujeito-homem, vejamos sua resposta:

Galego Coringa: Como? Sabe como? Quando o cara começa a melhorar de vida, né ficando na vida errada não. Quando o cara sai dessa vida o cara vira sujeito homem, isso sim. Sujeito-homem, sujeito homem, que continua nessa vida é sujeito otário... é otário que fica se iludindo com o que vê...é isso

Aline: E o que ele vê?

Galego Coringa: O que é que vê? Nós vê dinheiro, fama, poder, paz, justiça e liberdade. Algumas palavrinhas que combina e ao mesmo tempo não se combinam, aonde tem dinheiro, fama e poderé barril, não tem paz, justiça, nem liberdade... é isso.

Esta fala de Galego Coringa abre uma questão importante. A ideia de que um dia todos poderão ter dinheiro, fama, poder, paz, justiça e liberdade, não pertence somente ao tráfico. Ela é também a grande fantasia criada pelo capitalismo, de modo que, se pode perceber que o tráfico de drogas reproduz muito mais a lógica capitalista, do que opera destituída dela. Diferente da cisão entre mundo certo e mundo errado, o que parece sugerir a fala de Galego Coringa, é que nos deparamos com uma reprodução desse sistema que inverte os valores humanos e centra na dimensão do dinheiro uma possibilidade de igualdade.

Nos manuscritos econômicos-filosóficos, Marx escreve, no último capítulo sobre o lugar do dinheiro. No capitalismo o dinheiro se torna o vínculo pelo qual o homem conecta-se a vida humana, ao social. Ele compra atributos que o homem não tem. Marx dá alguns exemplos como um homem feio que compra uma mulher bonita, o homem sem escrúpulos que por ter um dinheiro, sendo este honrado, torna-se também honrado. Os atributos colocados no dinheiro passam a ser atributos humanos, de forma que o dinheiro é “a inversão universal das individualidades”:

Enquanto tal poder inversor, o dinheiro se apresenta também contra o indivíduo e contra os vínculos sociais etc., que pretendem ser, para si, essência. Ele transforma a fidelidade em infidelidade, o amor em ódio, o ódio em amor, a virtude em vício, o vício em virtude, o servo em senhor, o senhor em servo, a estupidez em entendimento, o entendimento em estupidez (MARX, 2010, p.160).

Daí temos a inversão do ser pelo ter: o dinheiro é a confusão, o mundo invertido, pois cambia as qualidades do homem e se configura como um bem supremo. No entanto, esta não é a verdadeira vida humana, ela está posta em sua aparência, na representação da vida. Marx finaliza o texto com uma bela passagem, pela qual podemos compreender que somente o homem pode ser causa de si mesmo e que o dinheiro nada mais cria do que uma ilusão na realidade:

Pressupondo o *homem* enquanto *homem* e seu comportamento com o mundo enquanto um [comportamento] humano, tu só podes trocar amor por amor, confiança por confiança etc. Se tu quiseres fruir da arte, tens de ser uma pessoa artisticamente cultivada; se queres exercer influência sobre outros seres humanos, tu tens de ser um ser humano que atue efetivamente sobre os outros de modo estimulante e encorajador. Cada uma das tuas relações com o homem e com a natureza – tem de ser uma *externação determinada* de tua vida *individual efetiva* correspondente ao objeto da tua vontade. Se tu amas sem despertar amor recíproco, se mediante tua *externação de vida como homem amante não te tornas homem amado, então teu amor é impotente, é uma infelicidade* (MARX, 2009, p. 161).

4.3 Torax de Superman e coração de poeta: a clandestinidade dos afetos

O filme *Querô* mobilizou muitas questões sobre o afeto e o disparador foi a pergunta que Sandra fez a eles, na qual questionava de que maneira *Querô* poderia ter tido um outro destino. Os jovens começam a elencar elementos necessários: “ter um emprego”, sendo importante frisar que eles especificaram este emprego como “trabalho

honesto” e também pontuaram as necessidades materiais de modo que não é qualquer emprego, demonstrando indiretamente o que os atrai no tráfico:

Dobrado: Se você gosta de sua roupa de marca, você vai querer vestir, você vai querer dar uma coisa melhor a sua esposa, você vai querer dar uma coisa melhor a seu filho...vai querer botar uma tv mil grau dentro de casa, um som. Como é que qualquer trabalho vai dar pra isso? Alimento...oxe! é muito gasto...meu deus do céu...se eu gosto das minhas coisas...se eu gosto de andar bonito.

Os jovens continuam falando: “fazer uma família”, “ter fê”. A seguir, perguntamos se o sentimento seria um fator importante para a mudança, e é Dobrado quem responde em formato de pergunta, como se fosse um tanto óbvia a nossa questão: “*Como é (que tem mudança) se a pessoa não tiver sentimento? Como é que ela vai ser feliz?*”. Marley Charmosinho complementa “*vou passar um mês longe da minha figura, eu sinto falta*”.

Perto de acabar o encontro, perguntei a eles se Querô era Sujeito-homem. Os jovens debateram a questão afirmativamente e eu perguntei:

Aline: onde é que o sujeito homem guarda o sentimento?

Galego Coringa: aonde?

Marley Charmosinho: embaixo do pé, viu tia. Sentimento só por sua mãe.

Galego Coringa: coração de ladrão

Dobrado: sentimento eu só vou ter quando achar uma mulher igual a minha mãe...guerreira, trabalhadora...

O grupo fica agitado, fala ao mesmo tempo...

Marley Charmosinho: olhe, vou falar tia...quando a gente vai, assim, para uma fita...tem sentimento,né não tia? Qualquer um é qualquer um...nós também falha...a gente vai roubar, a gente não tem sentimento com quem tá la dentro não, a gente quer tudo de todo mundo...ah! vai chorar, vai deixar ele se sair...até os pessoal lá fala (pessoal da rua dele)...foi igual no ônibus, o cara de lá da rua roubou lá...só não roubou a coroa...pq não roubou ela? O pessoal fica pensando nisso...sentimento atrapalha.

Ao tempo que diz que quando vai “fazer uma fita” não tem sentimento pelo outro, dá um exemplo no qual deixa no ar hipóteses que teriam feito a pessoa não ter

roubado “a coroa”. “porque não roubou ela? O pessoal fica pensando nisso...sentimento atrapalha”. A ideia de que “bandido guarda sentimento na sola do pé” me causou uma intriga tremenda, por um simples fato: por que guarda? Por que na sola do pé? De quem escondem este sentimento?

A palavra sentimento que se encontrava ausente nas narrativas e só se presentificava nos encontros na central de medidas, parecia romper o silêncio. Era chegada a hora de saber um pouco mais sobre essa questão.

Complementando as reflexões orientadas por Espinosa acima, tomo de empréstimo a ideia de sofrimento indizível, de Gagnebin (2006) ao discutir a questão trazida por Walter Benjamin, ao se referir aos soldados que voltaram mudos da guerra, podemos compreender que o sofrimento vivido na experiência com o tráfico de drogas, também se configura como indizível. Segundo Gagnebin (2006, p.51) “os sobreviventes que voltaram das trincheiras, observa Benjamin, voltaram mudos. Por quê? Porque aquilo que vivenciaram não podia mais ser assimilado por palavras”.

A inspiração no conceito de sofrimento indizível possui aqui duas dimensões: a primeira e mais debatida nesta dissertação relaciona-se a impossibilidade de narrar os sentimentos/sofrimentos produzidos pela experiência no tráfico de drogas, pela exigência desse. Numa correlação entre demonstração/expressão dos sentimentos como ponto de fragilidade e de risco de vida. Por outro ponto, o embrutecimento produzido por este “estado de guerra” na qual a produção da violência se mostra preponderante.

Indizível, nesta dissertação, faz relação com aquilo que não pode ser dito, tanto pela dureza dos fatos concretos, quanto pela necessidade de estar em pé e forte para seguir na *vida loka*. O sofrimento ético-político entrelaça-se no sofrimento indizível, que não encontra espaço de narração. Com o silêncio do sentir, a solidão. Tomemos este conceito de empréstimo também para falar sobre o indizível.

A primeira cena escolhida por Marley Chamosinho parece auxilia-nos nessa tessitura, no exercício da reflexão. Na análise das imagens do ensaio fotográfico, a primeira cena de Marley Chamosinho refere-se ao primeiro assalto armado. O adolescente ao deparar-se com a imagem pergunta: “é eu mesmo?”, pede para pular,

deixar por último. Depois acha melhor começar por esta cena mesmo, já que a próxima falava sobre o dia da prisão. O adolescente começa falando das cores:

Marley Charmosinho: Foi uma invenção praticamente...Foi uma invenção que veio na cabeça. O branco significava a luz que tinha, que eu sabia que ia e ia voltar. O rosa era a esperança em conseguir né, e o preto era o ódio que eu tinha, que fazer que eu sempre queria fazer, tá ligado?e tive oportunidade...queria mostrar disposição.

O ódio aparece como parte integrante da ação. A oportunidade que teve para mostrar disposição para o mundo do crime. Porém, existia uma pergunta importante para ser feita, antes de passar para a próxima cena:

Marley Charmosinho: É tia, é que esses olhos aí tá meio triste. Nos olhares eu vejo a mágoa, amargurada, triste (...) Porra tia! transmite solidão que eu vejo nos olhos né, amargura, e eu vejo uma luz dentro daquele olhar ali que tem, tá tudo escuro quer se abrir, quer se demonstrar.

A solidão, a amargura, transparece nos olhos captados pela imagem. É não se reconhecendo que Marley Charmosinho narra sobre afetos clandestinos gritante nos seus olhos. Por detrás da imagem do primeiro assalto bem sucedido, da oportunidade de demonstrar disposição para o crime, está grafada também a solidão e a amargura, o sofrimento. Ele disse que não gostou dessa foto, gostou de uma outra, da mesma cena, na qual tinha “cara de ódio, gostei”. “eu não sou assim” ou ainda “esse não sou eu” não é apenas negação de si, mas sustentáculo da experiência na violência e em uma tentativa às avessas de manter-se erguido frente as determinações sociais impostas pelo contexto histórico provocado pelo capitalismo.

No entanto, este sofrimento também se configura, na sua impossibilidade de expressão, pela gestão dos afetos no tráfico de drogas. Tomemos uma das falas em que o adolescente homenageia um amigo que morreu durante a sua inserção no tráfico de drogas.

Galego Coringa: Pô, é um cara que, sabe, sente saudade de outro parceiro, mas só que como eles estavam nessa vida do crime, ele representa essa vida do crime. Representa saudade.

Aline: Hum, que interessante, como é que se representa a saudade antes da vida do crime e como se representa saudade depois da vida do crime? Como se vive a saudade nesses dois espaços diferentes?

Galego Coringa: É, a pessoa quando não tá na vida do crime, a pessoa não representa com violência, entendeu? Eu acho que é quase a mesma coisa, só que a diferença é que na vida do crime você tem uma ostentação, você tem isso pra fazer e aí na vida normal não. Na vida do crime você não pode representar sua saudade conversando com alguém, na vida do crime você tem que ficar pra você mesmo.

Aline: Por quê?

Galego Coringa: Porque a vida do crime é cruel.

Aqui, o adolescente denuncia uma impossibilidade de dar voz aos atravessamentos de afeto produzidos com a perda da morte de seu amigo. Na vida certa você pode conversar com alguém sobre sua dor. Na vida errada, o silêncio percorre este espaço, inviabilizando a expressão. Na verdade, a demonstração dos afetos produzidos pela perda do amigo pode materializar-se apenas em situações de violência. A expressão dos afetos depara-se no circunscrito trecho da violência, na raiva e no ódio, os sentimentos permitidos no tráfico de drogas. A saudade escapa pela aparente única via possível:

Galego Coringa: Rapaz, se o parceiro fazia a mesma coisa que você (estar na vida do crime), você só pode fazer uma coisa: representar ele fazendo a mesma coisa que ele fazia.

Sandra: Tipo o que? Dá um exemplo assim.

Galego Coringa: Se você é matador e tem um parceiro matador, você mata algumas pessoas e representa ele, em homenagem a ele. É isso. Tinha um cara que ele não ia com a cara, em homenagem a ele. Assim que é vida.

Se os sentimentos, como vimos anteriormente, segundo Vigotski, constituem as bases afetivo-volitivas da ação e do pensamento e, uma vez que a partir das falas dos adolescentes compreendemos que a gestão dos afetos produzida pelo tráfico de drogas se dá pela raiva e pelo ódio, o sentimento de saudade e a necessidade de homenagear o amigo, transmutam-se para a possibilidade do real: a violência. Neste momento também se reduz o sujeito a sua ação criminal, o amigo passa a ser homenageado pelo recorte do crime.

Quando perguntamos um pouco mais sobre a questão, Galego Coringa nos indica outras possibilidades, clandestinas, escondidas, solitárias. Rupturas e vãos abertos para poder vivenciar sua dor de outra forma:

Sandra: Representa matando? Mas o pássaro também não era outras coisas além de matador?

Galego Coringa: Fazer o que? Também fazia coisas que ele fazia. Mesmo sendo sozinho, aquelas coisas que só dá de fazer de dois, você faz sozinho pra representar ele também.

Aline: Tipo o que?

Galego Coringa: Sei lá, jogar videogame como a gente jogava. Se joga videogame sozinho pra poder representar. Dá um role na barra de moto pra poder representar o parceiro. E é isso.

Se na fala anterior temos o infrator, que “mata algumas pessoas para representar ele (o amigo)”, com um pouco mais de inquietação, a sequência nos revela o adolescente que “também fazia coisas que ele fazia. Mesmo sendo sozinho, aquelas coisas que só dá de fazer de dois”. Revela-se a cena sobre outra janela espionada. O viver e expressão da saudade no ato brincante do menino. Dor, saudade e juventude: a clandestinidade emerge, na respiração necessária da violência.

O que os dados parecem falar é sobre uma gestão dos afetos, que serve a manutenção da vida no contexto do tráfico de drogas. Para além das questões de gênero, que certamente atravessam esta questão, existe aí a necessidade de “blindar a mente” para sobreviver. Blindar a mente dos atravessamentos dos sentimentos e das emoções produzidas na experiência com o tráfico de drogas.

Marley Charmosinho: Pronto tia! Maior onda viu tia..

Aline: Maior onda quer dizer o que?

Marley Charmosinho: Maior onda é quando a pessoa fica apertando a mente

Aline: Mas você diz maior onda pra isso, você diz maior onda na hora que a gente faz cosquinha, diz maior onda quando Sandra diz pra você tomar cuidado pra não pegar um resfriado...

Marley Charmosinho: É encurralação..

Aline: Que tipo de encurralação?

C: Pô é maneira de falar, tia...que a pessoa quando ficar zoando muito dos outro... a gente sabe o que tem que fazer, a gente sabe, não precisa ficar falando toda hora, você fala uma vez só...Eu peço pra senhora parar de fazer cosquinha, tia, a senhora não para...mó onda

Aline: E é ruim quando faz cosquinha

Marley Charmosinho: É sim, eu não gosto de tá feliz não tia.

Aline: Por quê?

Marley Charmosinho: Por que não sinto felicidade em mim não

Sandra: Pra mim você não gostava era de ficar triste, mas gostava de ficar feliz.

Marley Charmosinho: Eu não gosto nem de ficar feliz, nem triste. Quando eu tô feliz demais, sempre tem uma pessoa que machuca, aí se transforma em tristeza, aí eu procuro nem ficar feliz nem triste, fico tranquilo.

Sandra: E dá pra não ficar feliz?

Marley Charmosinho: Sempre tem momentos felizes que acontecem de uma hora pra outra, como a gente tá aqui ne..

Sandra: Estar aqui? É um momento como?

Marley Charmosinho: Feliz, certeza. Agora eu vou lá em casa, chego em casa um stress, chego lá na rua, já me deixa triste, acaba minha felicidade, você sabe né, mó onda tia.

Aline: Como é não poder querer estar feliz?... É por que você me disse “eu não gosto de ser feliz”

Marley Charmosinho: Eu gosto tia.

Para dar conta dessa inscrição de vida, projeta-se um corpo que tenta permanecer blindado tanto as balas das armas de fogo, quanto dos sentimentos e sofrimentos produzidos. Na análise de Marley Charmosinho esta questão aparece como um desejo, ou ainda uma ordem, em que impera o desejo de não estar nem triste, nem feliz, o imperativo por um corpo que não se afeta, parece uma exigência para viver a *vida Loka*. Segundo Sawaia:

Os corpos, individual e político, impedidos de serem afetados e de afetar, embotam a capacidade de sentir e, portanto, de ter ideia adequada das necessidades de seu ser, colocando o desejo fora de sí, nos desejos e ideias de outros. Dessa forma, podem facilmente, enredarem-se em uma cadeia de paixões de padecimento e servidão. (SAWAIA, 2004, p.38)

A felicidade encontra-se em risco contínuo sendo melhor, quando possível, não senti-la. Uma vez que a violência espreita a vida e pode arranca-la de forma abrupta:

Sandra: Mas você prefere não ficar muito feliz?

Marley Charmosinho: É, ser feliz demais...**Felicidade demais eu passo mal.** Até agora tá gravando é? Eu não me sinto muito feliz não. Eu tô aqui feliz, aqui eu vou continuar feliz minha tia. Mas lá na rua, no meu bairro, na minha casa, eu não fico feliz...eu sempre procuro minha felicidade (...) Lá é assim tia, a gente tava feliz, igual no domingo no Garcia, foi aniversário de Buía no sábado...Feliz da vida, comemorou no Ed Dez, de boa... Samba Crueldade, feliz, ah amanhã é no Garcia, tudo nosso..aí todo mundo foi pro Garcia. Chegou lá ele morre. Imagine, se o aniversário dele fosse no domingo? Ele morrer no dia do aniversário dele, a tristeza que seria pra mãe dele? É ser feliz demais que sempre tem um atrasa lado que atrapalha nossa felicidade...É isso ai minha tia.

Aline: E é isso gera medo de ser feliz?

Marley Charmosinho: É sim, só estou feliz, só me sinto feliz quando tô perto de Deus, perto de minha mãe.. Em casa mermo eu não me sinto seguro. Por que eu fico sempre preocupado de não acontecer nada, não invadirem minha casa, minha família toda la...

A vida, nas palavras de Feltran sob o fio da navalha, nas fronteiras de tensão, nas de Hirata do sobreviver na adversidade, nas interfaces da *vida Loka* de Malvasi, produzem, entre outras coisas, o medo de ser feliz. “*felicidade demais eu passo mal*”. Para Espinosa (2013, p. 186) “nada, certamente, a não ser uma superstição sombria e triste, proíbe que nos alegremos” e é o que eles relatam. Há o desejo da felicidade, como ele disse anteriormente, mas há o medo: “o medo ensandece o homem e perdura, quando alimentado por outras paixões como ódio, cólera, humilhação e aversão a felicidade (...) Por isso o medo equivale a impotência da alma que, dominada e submetida, imagina novos medos e nutre esperanças em ultrapassá-lo (SAWAIA, 2009, p. 367).

O medo de deixar-se invadir pelos afetos que potencializam a existência, nas palavras de Espinosa, é gestado e continuamente alimentado na “experiência emocional”, nos termos vigotskianos, porque a felicidade desmorona-se frente aos atravessamentos da violência. A própria experiência vai constituindo uma aprendizagem na qual a felicidade é parte da dramaturgia de uma tragédia. A tragédia porque a felicidade sentida não se desvincula de uma vida que não tem como ser narrada sem a presença do sangue e da morte, das perdas dos vínculos, das violências produzidas e infringidas em seus corpos. Sofrimento negado em narração, sofrimento indizível, tanto pelas imposições do tráfico de drogas quanto pelo social que existe fora dele, lembrando

as máximas dos adolescentes que “bandido guarda o sentimento na sola do pé”, quanto as máxima dos “cidadãos de bem” que diz “bandido bom é bandido morto”. Máximas criadas em explicações simplistas acerca da violência social e da desigualdade, carregada de historicidade acerca das concepções e estigmas que permeiam a pobreza e que destitui a afetividade, bem como o sofrimento produzido pela inclusão perversa.

Negão Galinha: alguma coisa tipo, não sei...decidido...mostra disposição...as cores...que as vezes nem tudo que brilha é ouro...e as vezes ...em qualquer lugar que você tiver, sempre vai morrer alguém, sempre vai acontecer alguma coisa de ruim, sempre pode acontecer algo com você, tomar um tiro...o ódio toma conta, te domina. você vai acumulando a raiva, perde a linha, faz alguma coisa que você não devia...

Nas palavras de Marley Charmosinho “*aí uma felicidade sempre acaba numa tristeza*”. Abrir para as palavras a narração sobre os afetos, ou melhor dizendo, sobre os sofrimentos produzidos e acumulados ao longo da inserção no tráfico de drogas, provoca como um refletor da sua condição. “*esse não sou eu, esses zói tão meio tristes, eu só vejo amargura e solidão nesses olhos*”. Abre, portanto, para a verificação de um eu atravessado pelas marcas da inclusão perversa e da violência produzida e produtora pelo tráfico de drogas. Um movimento constante de tamponar o sentir pela racionalidade, como em uma tentativa de produzir um sujeito sem afetações “*eu não gosto de ficar nem alegre, nem triste, gosto de ficar sempre tranquilo... porque quando a gente fica feliz sempre tem um atrasa lado... outro dia todo mundo no Garcia feliz comemorando o aniversário de um brother... foram lá e mataram ele*”.

O tamponamento dos afetos positivos que nos vinculam ao outro e o estímulo aos negativos, parece garantir a sobrevivência na vida trágica do ciclo da violência. O sofrimento ético-político que indica as marcas produzidas na experiência emocional da injustiça social encontra seu sustento de vida no bloqueio narrativo do sofrimento. Torna-se apenas possível anunciar o sofrimento, narrá-lo parece demasiado pesado, como nos indica o adolescente:

Marley Charmosinho: Mas num gosto de ficar lembrando, pensando nisso não, tá ligado? A gente lembra na nossa galera, nosso meio, a gente resenhando, tá ligada tia? Falando assim pra você eu me sinto triste, solitário, não consigo nem falar

Aline: E qual a diferença de falar aqui?

Marley Charmosinho: É muita né tia.. Por que eu teconheço...Parece que eu te conheço das antiga né tia..Sempre passo aqui,me divirto, dou risada...é muita coisa viu tia, por que lá é sério mesmo, só tem gastação quando é gastação mesmo, por que lá a coisa é séria.

Negão Galinha também elucida esta distinção ao falar sobre como foi fazer as etapas do ensaio fotográfico:

Negão Galinha: O que vai ficar pra mim, é que é difícil e é bom contar pra uma pessoa. porque eu nunca contei pra ninguém, só pra meu irmão. É bom, você se sente mais aliviado, alguém que entende seu lado, tá te ouvindo. É porque quando você tá com seus parceiros e você conta: fiz um assalto, não vai te julgar pelo contrario ele vai te deixar mais confiante, pensando sou foda...contar pra outra pessoa (que não tem envolvimento com o crime), ela vai achar que sua vida foi bizarra...é estranho...

A questão levantada por Negão Galinha tem primeiramente o movimento de narrar as ações no grupo de jovens inseridos no tráfico. Esta questão relaciona-se com dois aspectos: contar envolve mostrar disposição, um termo que se refere a uma demonstração que o sujeito tem “apetite” para o crime. Quer dizer que ele é capaz de produzir ações infracionais, que ele não tem medo. Durante o campo a dimensão da disposição emergiu sendo referida a assaltos, roubos, participação em cobranças de dívidas, ir para os conflitos entre as facções ou com a polícia, ou seja, tudo que envolve a inserção no “mundo do crime”. Mostrar disposição faz parte do processo tanto de inserção quanto de manutenção no tráfico de drogas. Tem relação com a coragem, ausência de medos ou receios, integrando características da figura do sujeito-homem.

Por outro lado, este ato também auxilia no movimento de “distrair a mente”. A distração da mente refere-se a esquecer os sofrimentos contidos nas ações de violência. Contar nos grupos faz com que uma ação que está atravessada por afetos contraditórios seja reforçada e significada como potente, abafando os sofrimentos produzidos pela mesma. Em alguns momentos, os adolescentes narraram terem pesadelos, questionamentos se deveriam ou não fazer a ação, entre outros.

Marley Charmosinho: antes da pessoa fazer uma arte , exemplo assim, roubar, matar, sempre vem aquele pensamento...faz ou não faz?

Dobrado: não existe sofrimento...existir existe...o cara faz uma coisa que não agradao o cara, o cara vai chorar...vê família destruída. O cara pow ó práí, destruí essa família, a família que ele tanto amava eu tirei a vida do cara... qual foi?

No entanto, os jovens parecem saber, como demonstrado na discussão do filme *Querô*, que um homem não vive feliz sem sentimentos. Empreendem assim, movimentos infracionais a regra do tráfico de drogas no silêncio de seus afetos. Escondem, oras do grupo, oras de si, mas sozinho, à noite, choram e sofrem e também recriam vida. O armário no qual se deve deixar a bondade e o amor para entrar no mundo do crime, da metáfora respondida por Galego Coringa, como mostrado anteriormente, não fica nos portões de entrada, está em seu quarto, em seu lugar íntimo, preservado. Quando chega em casa, é hora de abri-lo e, aliviado, certificar-se de que a *“bondade e o amor”* permanecem ali guardados *“porque a vida do crime só tá em você enquanto você está nela”* (Galego Coringa).

A clandestinidade dos afetos é uma questão. Primeiro porque as emoções e sentimentos, como vimos em Vigotski, orientam a ação humana e é através da experiência emocional que nos singularizamos. O veto dos afetos impossibilita a reflexão sobre a vida e a existência. Corta os caminhos da própria saída do tráfico de drogas, uma vez que os adolescentes sabem que suas ações são ilícitas, mas pouco encontram espaços para acessar o como se sentem frente às suas inserções no tráfico de drogas.

No entanto, os afetos continuam atravessando suas vidas e potencializando suas existências. Os ensaios fotográficos se dividiram entre a dor, o sofrimento, a revolta e a alegria, a felicidade, o amor, uma vez que:

Nosso ser é constituído por um sistema de forças de intensidades distintas, ou seja, nossa potência é perpassada pelo jogo interno de intensidades fortes (alegria e desejos alegres) e fracas (tristeza e desejos tristes), e é exatamente essa multiplicidade de intensidades que nos permite vencer afetos tristes por alegres, mas também oscilar incessantemente entre alegrias e tristezas (CHAUÍ, 2011, p. 93).

Desta forma, não poderia deixar de compor a análise da afetividade desses jovens inseridos no tráfico de drogas, suas memórias de alegrias e felicidades que produzem forças contrárias aos enredos da tristeza. Galego Coringa trouxe as memórias infantis junto com um amigo, preservadas e homenageadas nas cenas de sua vida. Para Galego Coringa essa relação, mesmo que ainda infantil, ensinou sobre união:

Galego Coringa: Apesar de tudo eu quis mostrar que pode ter o tempo que passou, pode ter anos que passou e mesmo assim eu continuo

pensando nele e sinto saudade do nosso tempo, das nossas brincadeiras, da nossa felicidade, é isso (...) tô vendo que ele tá tentando mostrar uma foto de quando ele e o parceiro dele tavam vendendo picolé, tavam na barra, tava fazendo uma porção de brincadeira. É isso que eu to vendo aí.

Marley Charmosinho registra o nascimento de sua irmã e o amor por uma namorada, fontes de felicidade e amor:

Marley Charmosinho: Minha irmã foi tudo lindo quando nasceu tia, foi isso ai mesmo, que eu amo minha irmã desde pequena (...) Lembro como hoje.. minha irmã nasceu...Tudo lindo, tudo massa. Foi uma felicidade da porra! Dois dias pra ver minha irmã, querendo ir lá (no hospital) e nada, nada, nada...aí um dia minha mãe veio com ela, eu peguei ela e não deixei mais ninguém tocar, tocar mermo, ela chorava, chorava, quando chegava em meu braço ela parava de chorar. Minha mãe tava dormindo ela chorava e eu “deixa que eu pego”, botava ela pra dormir...pô era lindo mermo tia (...) Minha irmã tem três anos, tia. Eu vou pro curso, de manhã cedo ela acorda, aí ela bate, quatro horas da manhã: irmão, acorda pra tomar banho. Aí eu: você num vai tomar banho não? Ai ela, não! tá cedo irmão, quer sete e meia ai vai (...) Aí quando eu saio, me arrumo, me apronto ela 'mãe cadê meu beijo? Aí já é, ô bebê te amo... Aí eu vou, cadê o beijo de vovó? De mamãe? Aquela menina ali me ama tia.

Marley Charmosinho (referente a namorada): Por que essas cores aí, esse azul aí, esse branco, esse coração, muitos momentos bons que eu tive com ela, felicidades, brilho...sempre tem, muito amor.

Negão Galinha escolheu como momento marcante de sua vida, a viagem para Salvador. Essa viagem é significada como marcante, pois simboliza a saída dele do tráfico de drogas. Segundo Negão Galinha, com o afastamento do tráfico ele pode ter outras experiências e repensar sua história:

Negão Galinha: Pela expressão, pelos gestos, significa amor, muito amor...tá feliz, outro lugar, outra rotina...um mar de rosas...mas nunca deixou de ser a pessoa que sempre foi, alguma coisa que ele fez no passado, se arrependeu. Não podia rir, agora tá podendo rir... agora tá feliz!

Silva (2014) em sua pesquisa com adolescentes autores de ato infracional, constata que os movimentos de saída do mundo do crime estão, em sua maioria, vinculados ao atravessamento de afetos que ampliam a capacidade de existir dos adolescentes:

O desejo de mudança está ligado a afeto da ordem do carinho, responsabilidade e amor. Quando relatam os motivos que os levam a refletir e sair da criminalidade, são unânimes em afirmar o caráter

afetivo dessa escolha, seja para evitar o sofrimento da mãe, pelo nascimento da sobrinha ou dos próprios filhos. (SILVA, 2014, p.107)

Complementa os dados da autora a noção de que os afetos são elementos transformadores do ser humano. Na discussão do filme *Querô* o afeto e a solidariedade aparecem como elementos propiciadores de mudança. É interessante notar que estes dois fatores conectam-se à noção de que a mudança necessita ser coletiva. Apesar de em muitos momentos os jovens levantarem a bandeira de que foram eles que escolheram, que ninguém influenciou, em um processo de individualização e culpabilização das vítimas sociais empreendidas pelo discurso capitalista, eles sabem que as transformações individuais conectam-se ao social. Segue parte do debate:

Galego Coringa: Se ninguém dá oportunidade, se não estende a mão, não tem como a pessoa que quer mudar conseguir.

Marley Charmosinho: Se não tem amor, não tem felicidade.

Galego Coringa: Se a pessoa que tá ali, tentando melhorar, não tem uma mão para alcançar, segurar, se suspender, se levantar... meu filho, não dá não, continua daquele jeito.

O amor e a felicidade aparecem como afetos da transformação humana. No caso do filme *Querô*, estes afetos se encontram atrelados à solidariedade, à possibilidade de mudança a partir da oferta de bons encontros entre os homens. A solidariedade elencada como uma possibilidade de mudar o destino da personagem do filme parece denunciar uma análise da própria história: “provavelmente, ele mesmo gostaria que tivessem percebido seu próprio sofrimento quando criança, que tivessem evitado seu futuro sórdido, que alguém, um que fosse apenas, o tivesse *fortalecido* no momento de sua frágil infância” (LYRA, 2013, p. 242).

Segundo Lyra (2013, p. 236), o termo fortalecimento é empregado pelos adolescentes para fazer referência a atos solidários “aquele que fortalece intervém numa condição de fraqueza, modifica um status de fragilidade, procura sanar com seus próprios meios os problemas de um terceiro”.

Mas não somente através do tráfico de drogas há o desejo de fortalecer a sua comunidade, como se esta questão do fortalecimento emergisse para diminuir os impactos negativos do tráfico de drogas nas comunidades. Ao contrário, em alguns momentos os adolescentes chegam a citar o tráfico como algo danoso à favela,

principalmente no que tange à influência exercida no período da infância. Esta questão emergiu na entrevista de Galego Coringa e no debate do filme *Falcão: meninos do tráfico*,

Galego Coringa: hoje nem a comunidade mais tá se livrando do tráfico. As criancinha já tá tudo crescendo já com o nome da facção que vai querer ser...isso é loucura!!! ainda bem que eu saí dessa vida...

Marley Charmosinho: igual como a mãe dele falou, que o filho dela tem dois anos, vai fazer três anos, já tá pensando em roubar, matar...podia tá com o pensamento de estudar, trabalhar, ter uma família, cuidar da mãe, dos parentes.

A preocupação com a criança merece destaque neste trabalho. Apesar de não ter sido um ponto explorado durante a pesquisa e de ter emergido pontualmente durante o campo, no trabalho de Lyra, podemos compreender melhor a preocupação e o afeto dirigido a essa personagem. A criança “remete a uma perspectiva de futuro, que visa à melhora ou cuidado, mas que também engloba o passado do próprio jovem, no qual foi ele a criança que precisava de atenção. O sofrimento de um é o do outro (...) é pela criança, o zelo de seu futuro, que ele parece realizar a cura do seu próprio passado” (LYRA, 2013, p. 243).

A figura da criança, se torna, portanto, uma metáfora/síntese da fragilidade vivida pelas pessoas na desigualdade social. A criança encerra a maior fragilidade deste contexto, refletindo para o jovem a sua própria história e seus desejos de cuidado e atenção, como “é dela a mais aguda condição de fragilidade e o maior foco de cuidado; é a criança, como categoria simbiótica entre o “eu” e o “outro”, o elemento que faz do garoto armado, até então fortalecedor, um caidinho a ser fortalecido” (LYRA, 2013, p. 244).

Além dessa questão, Galego Coringa escolhe como uma das imagens do seu álbum de importâncias, no ensaio fotográfico, o seu desejo de se tornar juiz criminalista. O desejo por esta profissão, segundo o adolescente, articula-se a vontade de “ajudar a favela”: Por essa questão, resolvemos perguntar a ele, se caso ele fosse um juiz e recebe a própria história como um caso, como ele o defenderia?

Aline: Você falou em ser juiz criminalista. Se você já fosse um juiz e você recebesse um envelope e nesse envelope tivesse escrito assim, entre na onda, viu, na viagem, e nesse envelope tivesse escrito assim:

para senhor doutor Galego Coringa, um novo caso. O senhor vai ter que defender essa pessoa. E dentro desse envelope só tivesse essas fotografias (as imagens do ensaio fotográfico dele). Sem explicação. Só as fotografias. E você tivesse que produzir uma análise final pra essa pessoa.

Galego Coringa: Eu diria que essa pessoa é uma pessoa que já sofreu muito na vida, que já passou por muitas dificuldades. E que além de tudo cometeu muitos erros, muitos acertos, como todo mundo. Que ama umas, que tem capacidade de amar e que agora ta melhorando de vida. Está correndo atrás do seu futuro.

É importante notar que Galego Coringa pontua como elementos de defesa, o sofrimento presente em sua trajetória e o reconhecimento de que os humanos, independente do envolvimento com o crime, cometem erros e acertos. Chama a atenção que o adolescente elenque como argumento a presença da capacidade de amar. Esta questão sinaliza uma concepção que vem sendo criada em torno do adolescente autor de ato infracional como uma figura desprovida de afetividade, de amor, excluindo-o ou ainda diminuindo sua humanidade. No entanto, ao que aponta os dados dessa pesquisa, os jovens não perdem sua capacidade de amar. Ao contrário, clandestinam seus afetos, guardam em armários, preservam-no dos maus encontros provindos da violência. Na verdade, eles estão cheios de desejo de poderem demonstrar/expor e exercer toda esta afetividade contida.

Como veremos na sequência da análise das imagens, o abafamento de sua vida afetiva, encontra-se entrelaçada pela experiência na desigualdade social, pelas injustiças, humilhações e descrédito nas pessoas. Na verdade, no que tange principalmente a população jovem pobre, mais do que um descrédito, o que se tem é uma intensa cristalização e discriminação destes como potencial marginal. Em Salvador há, inclusive, uma expressão que diz que a favela é estufa de marginal. Após elencar os argumentos de defesa, solicitei que Galego Coringa dissesse quem ele acusaria, apesar de não ter entendido inicialmente, ele aponta para o governo e para a vida como algozes da sua história:

Aline: E como advogado, juiz, se você tivesse que acusar alguém.

Galego Coringa: Acusar? Acusaria ele por...

Aline: Não! Não ele.

Galego Coringa: Acusar quem?

Aline: Você está fazendo a defesa dele.

Galego Coringa: Eu acusaria, eu acusaria o governo que não deu oportunidade direito pra ele. Acusaria também... ou só acusaria o governo mesmo. O governo e o tempo.

Aline: E o tempo?

Galego Coringa: Foi cruel com ele. Eu acusaria a vida. Foi cruel com ele. É isso.

Aline: E qual a medida socioeducativa você daria para o governo e para a vida?

Galego Coringa: Pro governo eu daria a verdadeira cadeia. Pra eles sentirem na pele o que todas as pessoas, igual esse meu caso sentiu. E pra vida eu daria um verdadeiro, uma verdadeira ressocialização pra aprender a cuidar das pessoas melhores. É assim.

Aline: Como é que a vida pode aprender a cuidar das pessoas melhores? Qual seria o lugar que você levaria a vida?

Galego Coringa: Eu levaria a vida para conhecer a verdadeira história da vida dele. Pra ver se ela ia gostar de passar pelo menos as dificuldade que ele passou. É isso.

Aline: E se tivesse um poço de qualquer coisa que você queira imaginar. Onde você banharia essa pessoa, esse seu caso?

Galego Coringa: Lá onde Jesus. Se lembra daquele rio que Jesus foi abençoado? Como é o nome dele? Que João, foi João que batizou. Eu daria um banho dele, eu batizaria ele lá. Eu banharia ele lá.

Sandra: E nesse batismo você diria o que? Porque Jesus falou algumas coisas pra João, quando ele foi batizado.

Galego Coringa: Eu diria que agora, eu diria que agora ele está recebendo a oportunidade de mostrar pras pessoas que tão vendo ele, que ele é diferente. Que ele tem futuro e pode melhorar na vida. É isso. Chega.

Apesar de não achar necessário comentários/análises sobre esta fala, uma vez que acredito estarem explícitas as questões, farei algumas considerações. A primeira foi o estranhamento em ser defendido, isto aponta para as marcas de uma imensa estigmatização, como dito acima, a qual estes jovens encontram-se submetidos. A imagem dos jovens pobres só aparece no cenário público, através da mídia, articulados a produção de violência social, da infração. Somente nestes atos, são vistos e reconhecidos como parte que integra a sociedade. Saem da invisibilidade, através da invisibilidade perversa, produzida pela desigualdade social. Fora do nicho da violência,

apenas carregam anônimos e invisíveis as marcas em seus corpos da violação dos direitos humanos e da inscrição de suas trajetórias em condições indignas de vida (SALES, 2004).

O outro ponto envolve a descrença no governo e em suas intervenções sociais. Uma vez que para ele a polícia e os juízes são corruptos e não se preocupam verdadeiramente com a população pobre. Mais do que isto, suas propostas de punição desumanas que de nada se conectam com a noção de ressocialização. Para o governo a cadeia, para que os representantes públicos possam sentir os sofrimentos e marcas sofridas pela experiência do cárcere. Inclusive, em outro momento perguntei à Galego Coringa se havia algum momento em que ele achou que nunca mais sentiria amor, sua resposta foi rápida e certa:

Galego Coringa: Tem sim. Quando você tá preso. Ali é a faculdade dos criminosos. É onde você entra com amor e sai com ódio. Ali sim é o verdadeiro armário onde transforma amor em ódio.

Sandra: E mesmo saindo de lá não dá de pegar o amor e a bondade de volta?

Galego Coringa: Depende. Alguns sim outros não. Alguns entram, perdem o amor e não tem a opção de pegar de volta. Outros entram, saem, e tem a opção de pegar de volta. Como eu disse, só os fortes sobrevivem.

No tráfico de drogas, é possível tornar clandestino os afetos para poder preservá-los, na cadeia apresenta-se como a única possibilidade de perder a capacidade de sentir amor, uma máquina de desumanização do homem. Vale ainda ressaltar que aparece na fala a articulação entre os bons afetos e a sobrevivência, porque viver é mais que sobreviver. Esta concepção parte de suas próprias experiências, frente as intervenções policiais nos territórios onde vivem. Em vários momentos, os adolescentes narraram violações de direitos humanos cometidas pelos policiais e violência sofridas quando foram presos e no período da internação. Além disto, falam com revolta de verem policiais “*dando tapa na cara de trabalhador*” (Galego Coringa).

Para a vida, Galego Coringa ensinaria a cuidar melhor das pessoas. Seu método para tanto, parte de tornar visível as condições reais pelas quais vivem as pessoas excluídas. Galego Coringa quer mostrar/expor seus sofrimentos, torná-los visíveis, para que então, frente a este compartilhamento, a vida possa compreendê-lo e produzir os

cuidados, para utilizar suas palavras, necessários a transformação, a dignidade e a felicidade. Segundo Sawaia:

A desigualdade social se caracteriza por ameaça permanente à existência. Ela cerceia a experiência, a mobilidade, a vontade e impõe diferentes formas de humilhação. Essa depauperação permanente produz intenso sofrimento, uma tristeza que se cristaliza em um estado de paixão crônica na vida cotidiana, que se reproduz no corpo memorioso de geração a geração. (SAWAIA, 2009, p. 369/370)

Essa condição social alimenta continuamente sentimentos negativos, dentre eles o medo de ser feliz. Os únicos encontros capazes de quebrar esse círculo de paixões tristes, elencado pelos adolescentes, foram trazidos no ensaio fotográfico como o nascimento da irmã, o desejo de tornar-se juiz criminalista, a viagem que lhe tirou da inserção no tráfico de drogas. A prisão só alimenta as paixões tristes como a raiva e o ódio, que interessam ao tráfico. De uma forma ou de outra, fica clara a presença da negligência do Estado no que se refere à obrigação de prover condições dignas de desenvolvimento humano-social. Frente à desigualdade social, e sob a égide do sofrimento ético-político, os jovens compreendem que a proteção e a garantia de direitos, a luta pela vida digna, pela justiça e felicidade, partem da própria população excluída, uma vez que a experiência na desigualdade social lhes revela a indiferença do Estado e da sociedade civil, frente aos sofrimentos vividos por eles. E não esperam a felicidade pois a experiência lhes mostrou que se ela aparece, logo um sofrimento maior aparecerá.

Todas essas falas, narrativas da exclusão, narrativas de uma juventude brasileira, exigem uma delicadeza de escuta e cuidado de análise. Os jovens abriram os vão de suas histórias, os buracos, os sussurros de uma experiência que vai sendo ocultada por outros dizeres. Esta questão parece ser um dado importante, uma vez que podemos compreender os custos subjetivos que estes adolescentes pagam em suas inserções no mundo do crime, induzidos pela desigualdade.

Tomemos de empréstimo a questão aberta por Riobaldo, jagunço narrador de *Novas veredas* de Guimarães Rosa, quando questiona como é que a alma "vence de esquecer tantos sofrimentos e maldades, no recebido e no dado? Há como? o senhor sabe: há coisas de medonhas demais, tem. Dor do corpo e dor da ideia marcam forte como todo amor e raiva de ódio".

Espinosa responderia a esta questão afirmando que a razão não transforma uma paixão triste em uma felicidade. A transformação só pode ocorrer pelo encontro com um afeto contrário e mais potente, como o amor e a felicidade. Os meninos mostram na sua crueza, que o castigo, punição, amedrontamento não transforma, só o sentir-se amado e respeitado. Fiquemos com as palavras de Dobrado ensinando como “arrancar o ódio do coração”:

Dobrado: quando eu fui para o primeiro encontro com vocês, eu ainda tava me envolvendo...aí vocês abriu meu olho porque falou uma palavra...assim...foram muitas palavras...aí foi me acompanhando, foi tirando aquele rancor, tá entendendo? que eu tinha dentro do coração. Aquela raiva que tava dentro de mim...porque se eu continuasse nessa vida, agora eu poderia não tá aqui conversando com vocês

Aline: como é que arranca o ódio assim do coração de uma pessoa?

Dobrado: Arrancando assim...você em uma palavra...tiver com a raiva...para uma pessoa que tá se adaptando, vendo que a outra quer seu bem, você não vai abraçar a ideia daquela pessoa aí? Eu tô vendo que você queria meu bem (...) você e Sandrinha começava a demonstrar o amor que sentia, eu pensei: pow esse amor não é falso não, é verdadeiro...aí já criou já um vínculo...logo no comecinho a pessoa fica meio assim, meio coisa...tá entendendo? Eu ví que vocês foram criar um vínculo de verdade, essas pessoas são maravilhosas, vou conquistar essas amizades. Comecei a conversar com vocês, teve aquele problema, vocês aí: calma Dobrado...já passei muitas coisas na vida, mas essa foi a única coisa que uma pessoa da rua me ajudou...porque a gente fez um vínculo, porque eu tava cumprindo uma medida, aí já participei de um grupo pra cumprir um horário de medida...eu num vim pensando vou fazer vínculo, eu vim cumprir minha medida e ir embora...aí eu acabei criando um vínculo com vocês...aí eu paro assim...vocês fala, conte sua vida...eu num sei contar, eu só sei contar o que me fez mudar...a mulher que eu tenho, vocês e minha mãe

4.4 Compartilhamentos de ideias sobre o afeto na intervenção psicossocial.

Esta ultima questão a ser debatida compõe as reflexões feitas ao longo do mestrado acerca da intervenção psicossocial. Pensamentos e reflexões que foram sendo tecidos ao longo da experiência com os adolescentes, e que trouxeram a tona a afetividade na intervenção psicossocial.

Pensamentos que constituem-se dos compartilhamentos de ideias e análises feitos ao longo do período, a partir das vivências com os adolescentes. Exploram as aprendizagens produzidas nos encontros, na tentativa de esboçar, como diria Caetano

Veloso, “outras palavras” para o encontro entre o psicólogo e o adolescente. O intuito é fazer frutificar palavras novas, numa construção *com* e não *para*, sem abafar a voz do adolescente pela sobreposição de um saber profissional. Segundo

A possibilidade da invenção na intervenção é um movimento que encontra sua condição de possibilidade no encontro com esses modos de ser de jovens tão diferentes dos nossos, tão diferentes dos jovens-conceito dos livros e discursos sobre eles; isto é, uma potência de invenção que reside no encontro, portanto local e datado, com jovens. (SOUZA, 2009, p.117)

É importante a ressalva de que em nenhum momento pretendeu-se pesquisar a atuação do psicólogo, metodologias, ou a relação que os técnicos da Central de Medidas Socioeducativas estabelecem com os adolescentes. Por outro lado, os dizeres dos adolescentes e as possibilidades abertas a partir da relação estabelecida com os mesmos, impulsionam a escolha acerca do que dizer nestas últimas páginas.

Se por um lado a tentativa desta dissertação foi analisar a experiência afetiva de adolescentes inseridos no tráfico de drogas a partir do desejo dos adolescentes de falarem sobre o sentimento, agora tentamos pensar a dimensão dos afetos na atuação do psicólogo social. Segundo Bocco (2008, p.50) “Sempre encontraremos no analisando, no aluno ou no objeto investigado aquilo que acionamos e criamos na relação que estabelecemos com eles”. Dito de outra forma, pode o encontro com o psicólogo constituir-se como uma experiência afetiva? Sigamos com essa questão.

Durante um tempo, pensava nos encontros com os adolescentes como sendo “o sal e o doce”. Fazia referência a pipoca e ao leite condensado, que foram os acompanhamentos gastronômicos desta experiência. Acredito também que tanto eu quanto Sandra pudemos experimentar estes dois sabores presente nos adolescentes. Suas marcas geradas pela violência, presente dentro e fora do “mundo do crime”, mas também doces marcas presentes em suas vidas. O Sal e o doce que carregam consigo e que lhes foi possível ofertar a nós, dentro daquele contexto.

É também do sal e do doce dos adolescentes, que pude descobrir outros sabores presentes no fazer pesquisa e na atuação profissional, viabilizando portanto o revisitar das minhas aprendizagens e as transformações necessárias neste processo. Do sal e do doce, a constante produção de sínteses que permearam cada encontro e repercutiram em

minha atuação enquanto profissional. A possibilidade final de entender que o sal e o doce do outro só se tornam possíveis na demonstração também dos nossos sabores e que o caminho de repensar uma atuação comprometida com a transformação da realidade implica na abertura para a escuta do cotidiano, no diálogo e mais ainda, na possibilidade de arriscarmos novos caminhos. Como diria Gilberto Gil “anoitecerá tomate amanhecerá mamão...refazendo tudo, refazenda”.

Espinosa (2009) faz uma forte crítica a retirada dos afetos do campo da ciência. Segundo o autor:

os filósofos concebem os afetos com que nos debatemos como vícios em que os homens incorrem por culpa própria. Por esse motivo, costumam rir-se deles, chorá-los, censurá-los ou (os que querem parecer os mais santos) detestá-los. Creem, assim, fazer uma coisa divina e atingir o cume da sabedoria quando aprendem a louvar de múltiplos modos uma natureza humana que não existe em parte alguma e a fustigar com sentenças aquela que realmente existe. Com efeito, concebem os homens não como são, mas como gostariam que eles fossem. (ESPINOSA, 2009, p.5)

Espinosa não expõe esta questão para acirrar o debate dicotômico entre razão e emoção, ao contrário, o filósofo explicita a não separação dessas duas instâncias, compreendendo-a como parte da totalidade humana. Não há uma hierarquia entre a razão e os afetos, menos ainda os afetos são passivos em relação a razão. Os afetos são ativos, constituem-se como organizadores da ação e do pensamento humano. (VIGOTSKI, 2010)

Chauí (2011) recorda-nos que a produção da ciência moderna parte de uma filosofia natural, na qual a realidade humana será interpretada dentro dos pressupostos da mecânica clássica e da metafísica. Tem como pensamento fundamental a ideia de que “a realidade não encerra mistérios, está prometida ao sujeito do conhecimento como inteligibilidade plena e ao sujeito da técnica como operacionalidade plena, afirmando a vitória da razão contra o irracional, que não cessa de rondá-la e ameaçá-la”.

Neste sentido Sawaia (2009) critica o quanto a subjetividade foi compreendida como algo maléfico a produção do conhecimento. No debate acerca da relação entre a subjetividade e a desigualdade, a subjetividade é posta como perturbadora “a única maneira de tratá-las só pode ser por controle, disciplinarização ou eliminação, e até mesmo pela patologização”. (SAWAIA, 2009, p.365)

Bocco(2008, p.43) expõe o racionalismo presente na psicologia, advindo da produção da ciência positivista, na qual se impõe uma lógica “que tudo torna passível de compreensão e interpretação, tudo reduzível à consciência e às palavras”. A questão é que este racionalismo vem de um processo histórico no qual a ciência tentou aplicar os pressupostos das ciências exatas nas humanas, procurando uma exatidão matemática na compreensão da vida. Há ainda, uma concepção que acompanha a psicologia, “um forte credo na verdade última sobre os sujeitos, como se estes fossem um código fixo a ser decomposto” (p.43)

O psicólogo é representado por uma imagem um tanto frígida, se assim podemos dizer. São características deste profissional o silêncio, o distanciamento, um mistério proveniente de sua capacidade analítica, um saber sobre a forma certa de resolver situações. Não somente nas representações sociais este modos operandi é conduzido. A própria teoria psicológica, produz conceitos reforçadores dessa imagem, como o de “distância ótima”. (BOCCO, 2008) Por outro lado, podemos dizer que há uma certa higienização afetiva do profissional, para que ele não seja afetado pelas histórias que escuta e conseqüentemente não produza intervenções inadequadas. Concepções orientadas pela ideia de emoção como “*perturbatio animi*”, conforme afirma Sawaia (2009).

Não estou aqui querendo colocar por terra estes conceitos e negar tudo o que a psicologia vem construindo ao longo de sua história. A questão é como eles vão sendo transformados em práxis e acabam por silenciar os afetos circulantes nos encontros. A questão não está no conceito em si, mas em como eles podem ser utilizados para inviabilizar o reconhecimento das afetações dos encontros.

Trata-se, deste modo, não de apresentar um novo modelo de psicologia. Trata-se de fazer consistir uma ética e um modo de fazer psicologia que abra mão de procedimentos pré-estabelecidos pelas tristes utopias do governo sobre os sujeitos e da moral, e partir do estar com, fazer com e pensar com como prática de cuidado coletivizado. (SOUZA, 2009, p.118)

Na presente dissertação defendemos que o psicólogo pode e deve falar sobre seus afetos. Obviamente, isto não quer dizer um “perder-se” na sua dimensão afetiva, ou desviar-se de seu papel. Porém, reconhecer e expressar estes afetos, que podem ser

operativos na transformação subjetiva, se faz de extrema relevância. Bocco (2009) nos apresenta algumas questões interessantes:

Sempre ficamos na dúvida e temos medo de falar com os jovens, que coisas falar? Podemos falar tudo e sobre tudo? Em que lugares eles podem estar? O que podem ouvir? Isso passa pela psicologia, pelos técnicos das unidades, pelos servidores que têm contato diário. Quem nos dá a fórmula sobre o que falar e o que não? Parecemos esquecer que os jovens são sujeitos, como todos!! Qual o medo em falar, compartilhar? Porque não podemos contar o que vamos aprendendo de nosso trabalho? Por que não coletivizar o que a psicologia constrói a partir dos encontros com eles? (BOCCO, 2009, p.156)

A autora explicita questões que giram em torno desta postura silenciada do psicólogo, que pouco fala de si e de suas produções. Menos ainda, é capaz de expor suas afetações durante o processo. No entanto, sempre investiga as transformações produzidas no outro pela sua intervenção. Segundo a autora “precisamos falar e compartilhar para minar os estereótipos e os lugares seguros, precisamos sabotar este mandato de mutismo que tenta nos calar em todos os sentidos” (BOCCO, 2009, p.161).

Durante todo o percurso dos encontros, tornou-se possível expressar e receber este afeto. Mais do que isto, foi possível perceber o quanto este expressar era potencializador dos processos de transformação e indicavam que, a partir deles, os jovens nos reconheciam enquanto pessoas implicadas em suas transformações.

Desta forma, processualmente, o encontro, a relação, os afetos que costumam o caminho entre os corpos, do profissional e do adolescente, já produz-se enquanto intervenção, pois delimita o contorno do que pode ser vivido e de como seremos afetados. Vigotski (2010, 143) dirá que: “A velha educação sempre logicizava e intelectualizava o comportamento, resultando daí um terrível “secamento do coração”, a completa ausência de sentimento que se tornou traço obrigatório de todos aqueles que passaram por essa educação”.

Neste caminho pelo qual a experiência produz/convoca para o revisitar da atuação, evitando “secamentos de coração” como nos indica Vigotski, ou ainda se quisermos assim nomear uma certa transgressão do fazer psi, por não compor uma postura clássica da figura do psicólogo. Um fazer que não é esperado pelo corpo social, clandestino?

Sawaia (2006) faz uma crítica ao conceito de conscientização, pelo grau de racionalidade, normatização e instrumentalização que carrega. Propõe que o substituamos pelo conceito de potência ação, na compreensão de que as emoções são positivas ao processo educativo. “Potencializar pressupõe o desenvolvimento de valores éticos na forma de sentimentos, desejo e necessidades, para superar o sofrimento ético-político” (SAWAIA, 2006, p.114)

Neste sentido, a construção da experiência com os meninos tornou-se um convite ao experimento deste “fazer-potencia-ação”. A partir das afetações vividas no campo, fomos compondo reflexões, pensamentos, sentimentos, inquietamentos e ações. Para Vigotski (2010, p.144) sem os afetos “todo o resto é saber morto, que extermina qualquer relação viva com o mundo”.

Silva (2014a) questiona “como lidar com a dimensão bruta, sem a brutalidade costumeira”. A questão aberta pela autora e tantas vezes sentida por nós, aponta o que talvez acredite ser um ponto nodal para o estabelecimento de outros vínculos com este adolescente. No âmbito das questões, pode o encontro com o psicólogo servir de espaço desbrutizador da brutalidade cotidiana que atravessa a vida desses adolescentes?

Podemos pensar que desbrutalizar a brutalidade cotidiana, pode se relacionar com dar respostas inadequadas. Esclareço melhor a questão: se a brutalidade atravessa a inscrição de vida deste adolescente, a desbrutalização pode iniciar-se com a produção de respostas inadequadas/sem sentido esperado. Ou nas palavras do poeta Manoel de Barros, não responder com as palavras do tanque “porque as palavras do tanque são estagnadas, estanques, acostumadas. E podem até pegar mofo. Quisera um idioma de larvas incendiadas. Palavras que fossem de fontes e não de tanques”. Trago a cena do primeiro encontro com Dobrado para clarear.

Assim que chegamos à Central de Medidas Socioeducativas, fomos informadas que um dos participantes do grupo havia ido lá pela manhã. A técnica também pontuou em sua fala que o adolescente parecia estar “alterado”, mas que ele tinha afirmado retornar na tarde. Pelas características físicas não parecia nenhum dos meninos que estavam inseridos na atividade da pesquisa.

No período da tarde chega Dobrado: alto, boné na mão, camisa rosa de botão, calça jeans, tênis e fone de ouvido. Encaminhado para falar com a gente apresentou-se com nome e sobrenome, apresentava-se como a um oficial da justiça. Lembro-me de termos apertado a sua mão, dado uma pequena risada e dito também nossos nomes e sobrenomes para ele. O diálogo inicial estabelecido girava em torno de brincar com a formalidade da apresentação. Rememoro que o chamávamos de senhor a todo o momento e então falei “o senhor esta confortável? Desejaria algo? De repente uma água?” Dobrado fez uma cara de interrogação e respondeu dizendo que não precisava não, ainda com a cabeça baixa mexendo no celular. Resolvi insistir e então percebi que havia certo constrangimento em sua resposta.

A ação parecia simples, mas enquadrava-se em algumas “quebras de regra”, situa-se no plano das respostas inadequadas. O ato de servir água para ele, chama-lo também de senhor, invertia nossas posições. Afinal, éramos as psicólogas, responsáveis pelo grupo no qual ele iria cumprir parte de sua medida, que iria servi-lo. Foi então que perguntei novamente “tem certeza? Bem que cairia bem uma água geladinha agora hein? Posso buscar? você não vai fazer essa desfeita”. Ele sorriu, disse “que onda” e aceitou. A expressão “que onda” pode ser utilizada de diversas formas, entre elas como algo que é estranho/diferente/inusitado.

Fui buscar a água para ele e quando cheguei ele estava sorrindo. Agradeceu e bebeu a água em um só gole. Não pudemos deixar escapar esse vislumbre de relação, arrisquei sugerindo mais um copo. Dobrado questionou o fato de eu ir buscar água mais de uma vez para ele, mas não havia mais tempo para esse tipo de formalidade. Foram bebidos três copos d’água, enquanto nos mostrava as fotos de seus familiares no celular.

Depois disso, explicamos para ele a proposta, dissemos que era uma participação voluntária e que ele deveria integrar o grupo apenas se desejasse. Ele disse que ficaria e pontuou que havíamos “distraído a mente dele”. Mais na frente, quando formos analisar a avaliação dos adolescentes em relação as atividades, veremos que esta cena entra como elemento importante no processo.

Este pequeno exemplo é apenas uma tentativa de dar concretude ao que chamei anteriormente de resposta inadequada. Ao trazer o nome e o sobrenome na apresentação, o adolescente anuncia seu aprendizado acerca das distâncias e

proximidades possíveis para esta relação. Quando escutei Dobrado apresentar-se com nome e sobrenome, me questionei “qual relação desejo estabelecer com este adolescente?”. Da minha parte, tinha plena certeza de que não gostaria que a nossa apresentação se desse na necessidade formal com a qual se configurou.

Desta forma, coube a mim o convite para um outro formato. O convite é feito em envelope colorido, brincante, sorridente. Nós, as psicólogas, rimos da formalidade, entramos na proposta para depois refaze-la. Chamamos ele de senhor e, de repente, estávamos os três rindo da formalidade inicial. Silva (2014a, p.119) defende uma possibilidade de atuação profissional que se dê pela via brincante, crianciera: “aposta no movimento, na leveza, na brincadeira. Um reaprender a brincar”.

Desta cena, também se formulam outras questões que me fui fazendo com a experiência. Diria que se faz necessário esquecer que o adolescente cometeu uma infração. Não se trata de fingir que o fato não ocorreu. Esquecimento aqui vem provocar a necessidade de não cristalizarmos este adolescente neste papel. Quando, neste encontro, entre psicólogo e adolescente, o ato infracional se faz mediador da relação, não conseguimos conhecer outras possibilidades de existência do mesmo. Ao contrário, propomos que esta mediação seja feita pelo afeto. Se só perguntamos sobre seu ato infracional, deixamos de ouvir outras histórias que eles tem para nos contar. Sobe ao palco do encontro a infração e o adolescente torna-se apenas cenário deste encontro.

No entanto, se esquecermos a infração sem com isso negá-la, o adolescente ganha espaço de existência e, deste encontro, podem surgir outras narrativas sobre a vida. Encontramos experiências e desejos desconectados do tráfico de drogas/ato infracional e neste momento, podemos descobri-los engraçados, vaidosos, podemos saber de seus desejos, sonhos secretos, alegrias que compõem suas histórias.

O encontro com o psicólogo pode ter como demanda a narrativa sobre o ato infracional, mas também pode ser espaço para que este adolescente fale de si a partir de outras perspectivas. Permitindo que ele ao contar para nós outras histórias, também possa escutar-se em vivências que se distanciam da estigmatização do adolescente autor de ato infracional. O que estrutura esta perspectiva, é a abertura de espaço para que este adolescente possa ser outra coisa além de sua infração. Para que nós possamos também enxergá-los para além da infração. É a cena de Galego Coringa, durante o ensaio

fotográfico quando, vestido de juiz criminalista, ele abre a porta e vai para o portão olhar a rua. Ver a rua com outros olhos e ser visto por ela assim. Ser “desvisto” do ato infracional, para ser visto pelo sonho.

Esta questão, dentro da experiência que tivemos, estrutura todos os contornos dos próximos encontros. Primeiramente, ela quebra a ideia do psicólogo como alguém que quer encontrar o deslize de sua fala. Malvasi (2012) aponta em sua pesquisa que o encontro entre o adolescente e o psicólogo, no contexto da medida socioeducativa, se dá por um choque de mentes. Por um lado o psicólogo deseja encontrar a “falha”, o motivo, o desvio que fez o adolescente cometer a infração, do outro, o adolescente quer “entrar na mente do psicólogo”, quer escapar de rotulações e patologias. A relação com o psicólogo, desta forma, se dá pelo embate e pela crença de que o profissional não está ali para auxiliá-lo, mas a serviço das instituições que o oprimem e o desumanizam.

Na avaliação de Galego Coringa, ele dirá que quando o assunto é psicólogo, assistente social e policia, o coração dele fica cheio de ódio. Sua explicação é simples *“eles olham pra gente com aquela cara de pena, sei lá”*. O olhar de pena traduz a descrença em sua potência de vida, como se ali nada mais tivesse a ser feito, como se o olhar destes profissionais, assinasse o destino fracassado de suas vidas. No entanto, acreditamos que cabe “ao psicólogo social evitar atividades que mutilam a sensibilidade, alimentam a passividade, limitam o conhecimento e a reflexão crítica no presente imediato” (SAWAIA, 2006, p.115)

Galego Coringa irá diferenciar a nossa atuação a partir de duas palavras: amizade e paciência. A amizade aqui expõe a demonstração do profissional de bem querer sua vida, implicação com a sua história. A amizade não destitui o lugar profissional, nem mesmo os adolescentes comparam esta amizade com as que ele possui em outros espaços. É amizade porque pressupõe um vínculo mútuo, significa a tessitura de uma relação pela via do afeto, reafirma o querer bem ao outro. Gera um sentido para o encontro, sentido afetivo, no qual a infração não é mais mediadora da relação. Bocco (2008) ao falar sobre sua experiência com adolescentes que também foram autores de ato infracional, expõe sobre a presença da amizade:

Essa amizade de que fala Daniel não consiste em transformar-me em igual e eliminar a diferença, nem significa que eu vá estar de acordo com tudo que partir deles por temor a perder sua apreciação. Trata-se

precisamente de habitar a diferença como modo de relação, sendo a amizade uma conexão possível não apenas entre um ser e outro, mas principalmente com planos de singularização e de criação que nos atravessem aos dois. (BOCCO, 2009, p.146)

Uma vez, Marley Charmosinho encontrou a mãe de Dobrado na Central de Medidas Socioeducativas, durante a conversa o adolescente expõe o fato de nos preocuparmos com eles, porque ligávamos caso ele faltasse ou quando apresentavam algum problema. Dobrado dizia que éramos “de verdade”, pois sabia que poderia contar conosco caso precisasse de ajuda.

Demonstrar um bem querer sobre a vida deste adolescente conecta-se a dar a ele um lugar de reconhecimento e valorizar sua singularidade. Relaciona-se a subtrair-lhe o lugar de estatística para oferta-lo um lugar de importância. Valorizar sua presença no grupo e interessar-se por sua vida, é dizer a ele que não nos interessamos apenas sobre sua infração, mas sobre sua existência. É lugar cativo de afeto, que reorienta as ações. Paulo Freire (2011, p.138) pontua o querer bem ao educando como parte da prática docente, segundo o autor:

Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade (...) A minha abertura ao querer bem significa a minha disponibilidade à alegria de viver. (FREIRE, 2011, p.138)

Tomo a liberdade de mais um exemplo, para podermos pensar sobre as ressonâncias desta proposta.

Certo dia, Marley Charmosinho chegou bastante diferente do que de costume. O cabelo não estava cacho por cacho feito. Ao contrário, ele estava de boné para esconder que o cabelo estava desarrumado. Neste dia, havia no ar um clima de tensão que foi sendo percebido por mim e por Sandra. Os adolescentes estavam agitados durante o filme. Paramos no meio para um breve intervalo, coisa rara de acontecer uma vez que poucas vezes foi necessário parar o filme para “tomar um ar”.

Eu e Sandra aproveitamos o intervalo para pensar o que poderia estar ocorrendo que produzia este comportamento tão distinto. Recordo-me que Sandra pontuou que

achava difícil continuarmos o filme sem abrir um espaço para dialogar sobre o que estava acontecendo. Então, no retorno do “intervalo” resolvemos conversar. Explicitamos para os adolescentes as nossas questões e perguntamos a eles o que estava ocorrendo, como havia sido a semana deles e se desejam continuar o filme ou dialogar sobre essas questões.

Os meninos expuseram que tiveram uma semana difícil. Apresentaram os diferentes motivos pelos quais estavam mobilizados. Entretanto, Marley Charmosinho havia passado por uma situação um tanto limite. Sua fala começou a ser expressa com a frase: “*Mas pode ter certeza tia, quem traiu vai pagar*”. Segundo o relato de Marley Charmosinho, um grupo rival havia invadido a área dele. Os componentes do grupo rival armaram uma espécie de “emboscada” e os meninos entraram em confronto. Entre muitas consequências, o parceiro de Marley Charmosinho, chamado por ele como “primo”, teria ficado gravemente machucado e encontrava-se no hospital.

A frase anunciada no início do seu relato “*quem traiu vai pagar*”, implica em uma série de ações a serem produzidas diante da situação exposta. Entre elas, a busca pelos responsáveis da ação e o “acerto de contas”, que prevê um novo enfrentamento. Uma disputa que se instala pelo território, garantia de poder e manutenção do respeito. Ficamos extremamente preocupadas. Perguntava-me o que fazer diante da situação. Qual seria a intervenção possível para interromper o curso desta história? Obviamente, não tinha poder para atingir a situação de forma macrossocial, mas o que poderia fazer dentro das minhas limitações? Nenhuma dinâmica de grupo ou instrumento clássico da psicologia me parecia fazer surtir efeitos.

No final do encontro, chamei Marley Charmosinho no canto e disse “eu sei que essa questão é bem maior do que tudo isso aqui. Mas vou lhe dizer uma coisa: não me importa o que você vai fazer, mas na semana que vem, eu, Sandrinha, a pipoca, o leite condensado e todos os outros meninos, estaremos aqui, no mesmo lugar e horário esperando por você”. Marley Charmosinho abaixou a cabeça e disse que sabia e que aquilo era “aperto de mente”. Eu repeti, em tom descontraído: “não interessa, quero você inteiro aqui, sem faltar nenhum pedaço”.

Continuamos a conversa. Ele contou que pensou muito se iria naquele dia para o encontro. Estava triste e sem vontade de ir. Decidiu ir por aquele ser um lugar no qual

ele pode se divertir, dar risadas, esquecer um pouco as questões, se alegrar. Mas continuou dizendo que depois que voltasse tudo estaria como antes. Lembro que fui pra casa me questionando muito sobre esta fala. Perguntando-me se seria correta a intervenção, se não seria ultrapassar os limites falar-lhe sobre o meu desejo de vê-lo presente no próximo encontro. O que disse para ele atrelava-se a assumir os meus medos e receios, minha preocupação e meus limites. Em contraponto, falei-lhe sobre sua importância dentro daquele espaço.

Entretanto, no decorrer dos dias, Marley Charmosinho ligou para Sandra, próximo do fim de semana para dizer que estava bem e que havia decidido passar o fim de semana na casa da tia. Ele ligou para dizer que estava bem, inteiro. Ao dizer que foi passar o fim de semana na casa da tia, ele está dizendo que decidiu por não entrar no conflito bélico, desiste da vingança.

Quando liguei, para saber como estava, Marley Charmosinho expressou que ficava feliz diante da nossa preocupação e reafirmava que estava bem e que já havia retornado para casa. Falou também sobre o que fez no fim de semana na casa da tia e com os outros meninos que ele conhece. Por fim, quando na quarta-feira, dia do encontro, Marley Charmosinho adentrou a Central de Medidas Socioeducativas, ao nos ver, foi logo levantando a manga da blusa e dizendo que não tinha nenhum arranhão no corpo, que eu poderia olhar. Lembro que demos risada.

O que quero dizer com isto? Não necessariamente foram as nossas palavras que o fizeram desistir de permanecer na situação de enfrentamento. Entretanto, saber-se importante no grupo, querido por todos, parece ter ressoado em sua decisão. Marley Charmosinho dirá que lá é um lugar de alegria! Sim, eram assim os nossos encontros, “algo dessa psicologia que inventa e se arrisca dá certo, um espaço se dá que não o da morte, da violência, do risco de vida”. (BOCCO, 2008, p.152)

Sem querer me ater a todos os exemplos que expõem a dimensão do afeto como um potencializador da intervenção psicossocial trago, por fim, o último encontro com os adolescentes. Compartilhando com o leitor a vivência e as reflexões possíveis.

O último encontro constitui-se como metáfora do vivido ao longo da pesquisa de campo. Seu aspecto metafórico se faz na condição de poder traduzir em síntese as

produções das experiências possíveis durante os momentos compartilhados. As palavras, gestos e emoções que se fizeram presentes ao longo da tarde, encontram seu espectro metafórico na emergência do choro. A impossibilidade de conter as lágrimas, não encontra suas bases apenas na representação de finalização. Antes disso, constituiu-se como tradução das emoções, frente à convocação de expressarmos as nossas aprendizagens, trocas, afetos. Simboliza e sintetiza as histórias que ficaram dentro de cada um. Como disse Sandra, na carta que fez para eles:

Durante muito tempo imaginei que dias de despedida deveriam ser chuvosos e tristes. Engano meu! Com o tempo a gente aprende a reconhecer a beleza dos encontros e agradecer por ter em nossa história pessoas tão especiais e significativas... assim, não existe despedida e nem tristeza! Apenas uma imensa e sincera alegria de poder compartilhar momentos tão especiais e bonitos com pessoas igualmente especiais e bonitas! Então, para o dia de hoje, nada mais justo que um dia lindo, de céu azul e sol brilhante.

O encontro entre humanos possui essa especificidade. Se bons encontros não fossem capazes de superar maus encontros, que marcam meu corpo memorioso (SAWAIA, 2006), não haveria mudança, só somatória de reflexos. O sentimento de perda não foi o tema a dançar no palco das emoções do encontro, afinal tínhamos as memórias e aprendizagens tecidas ao longo dos meses. Quem bailou neste dia foi o afeto, ofertado e recebido, potencializador das existências de cada um e deste grupo.

A apropriação do que aprendemos constitui elemento basilar para que possamos utilizar destes intercâmbios em próximos espaços. Segundo Pichón-Revière (2009), internalizamos o grupo que experienciamos e isto nos permite utilizarmos-nos destas aprendizagens em outros espaços nos quais estejamos inseridos. Desta forma, eu e Sandra, decidimos que seria proposto que cada integrante fizesse um cartaz, que teria como disparador a ideia de que eles pudessem relatar as suas respectivas “linha do tempo” dentro do grupo. Além disto, compramos uma rosa para cada um deles e leite condensado.

O leite condensado não poderia faltar. Ele representa a doçura de cada um, que se espalhou pelo grupo. Por ter sido, em muitos momentos, mediador das relações e responsável pelo encontro do comum, fora da esfera do ato infracional. O leite condensado foi utilizado como demonstração de partilha entre os adolescentes; exposição, ao se lambuzarem no grupo e por ser responsável por adocicar a pipoca

salgada. Além disto, fizemos uma carta para eles, a fim de que também pudéssemos expressar nossas aprendizagens e afeto, produzidos e cultivados ao longo dos meses.

Pelo fato da Central de Medidas Socioeducativas ter mudado de localização, marcamos de encontrar os adolescentes no local onde funcionava a instituição e então partiríamos todos juntos de lá, no meu carro. No carro, os meninos indicavam o caminho, conversavam e trocavam informações.

Ainda no trajeto, os meninos viram as três rosas no carro e logo começaram os burburinhos. Eles perguntavam eufóricos se as rosas eram para eles. Diziam que nunca tinham ganhado flores, que estavam se sentindo especiais. Tentamos manter a ideia de surpresa dizendo que não era para eles, mas os meninos riam e diziam que eles sabiam que era um presente. Cheiravam as rosas, chegaram a distribuí-las entre eles, mas decidiram que seria mais bonito esperar pelo momento em que nós entregaríamos. De nada adiantou dizer para eles que as flores não eram deles, eles sabiam que eram.

Quando chegamos, encaminhamos-nos para uma sala que serve de auditório da instituição. Espalhados pelo palco do auditório, os meninos se deitaram enquanto separávamos os papéis para a produção dos cartazes. Pedimos para que eles escrevessem a linha do tempo deles no grupo. Explicamos que deveriam expressar os momentos marcantes, aprendizagens, o que eles levariam dessa experiência.

O clima foi de alegria. Os meninos brincaram e fizeram seus cartazes com dedicação e capricho. Quando terminaram a atividade, demos início às leituras. Os cartazes foram feitos de diversas formas, coloridos e cheios de corações espalhados. A leitura dos cartazes e a leitura de nossas cartas foram regadas por choro de alegria, amor, respeito e reciprocidade.

O choro, tantas vezes posto nos relatos dos adolescentes enquanto proibição, por ser espaço no qual demonstram suas fragilidades, medos e perda do respeito e do poder. O choro contido por essa condição de vida na qual, demonstrar os afetos pode pô-los em riscos reais e simbólicos. Porém naquele encontro, produto das construções de todos os outros encontros, era possível chorar. Possível para eles e para nós. Era possível demonstrar os afetos e entrar em contato com a instância do sentir. Encontro no qual era possível aparecer em suas fortalezas e fragilidades, em sua totalidade humana.

O primeiro cartaz, de Galego Coringa, diz *“Quando eu cheguei no projeto vida eu não sabia várias coisas como paz, justiça, amor e liberdade...eu coloquei o nome da atividade de projeto vida porque quando eu cheguei nessa atividade eu não tinha a minha maturidade e nem a minha ética e logo de primeira eu pensava que o projeto ia ser chato. Porque ali eu via pessoas desconhecidas e não sabia nem quem elas eram. Mas acabei me precipitando pois ali estavam pessoas que hoje fazem parte da minha vida. Cenas e momentos que me marcou nesse tempo teve vários: o cineclube me diziam muito através de filmes que para muitos não passavam apenas de filmes bobos e hoje eu posso te dizer que através de todas as atividades, das sessões de fotos, da parte individual. E hoje neste dia de muita emoção eu posso te dizer que várias coisas vão ficar marcadas no meu coração. Como os momentos que eu pude passar ao lado de todos os que agora eu vou escrever o nome abaixo...dedicatória: no fim tudo da certo, se ainda não deu é porque não é o fim”*

No cartaz de Marley Charmosinho, ele colocou sua história desde o momento em que foi preso. Após contá-la um pouco, ele coloca o projeto da seguinte forma: *“Tudo foi melhorano, conheçeno pessoas nova momentos bons. **Conheci duas pessoas lindas maravilhoza que foi mudano meu pensamento. Eu só tinha maudade, perversidade. Tudo foi mundano ao poucos aí elas mostrarão algo que não sabia. O que eu vivia um mundo muito louco muito louco. Aí eu fui aprendeno o que era certo não pensava nem maldade. Agradeço muito por você fazer parte da minha linha do tempo”*** No seu cartaz, estão desenhados corações grandes dedicados a mim, à Sandra e ao grupo.

Por fim, o cartaz de Dobrado diz: *“o que eu aprendi com essas meninas e os meus amigos de grupo que todos nós temos um sentimento. Meus melhores momentos: 1) foi quando eu entrei pela aquela porta e vê duas pessoinhas que naquele momento sentou do meu lado e me deu maior atenção, carinho e muitas risadas... 2) quando eu cheguei no outro encontro estavam lá aquelas pessoas que no primeiro encontro, eu citei. Me esperando todas alegres me abraçaram tão forte que eu pensei: vixi essas meninas vão quebrar os meus ossos kkkkk... 3) melhor coisas que elas fez que eu mais adoro pipoca com doce de leite e aí foi passando, passando. Conversa vai conversa vem aí elas me mostraram o que era a vida. Muitas surpresa vinheram... Pior parte da vida...4) foi quando os problemas começaram a aparecer, elas parecia meus dois anjos*

de guarda e pesquisou correu atrás e me ajudou hoje eu estou de boa graças a Deus primeiro lugar, segundo a vocês duas...obrigada Sandrinha e Aline... Deus guarde vocês.”

Ver as lágrimas escorrendo, molhando o rosto dos meninos, cada gota salgada, escorrendo, em luz, transparência e afeto. Sentir por mim a lágrima molhar o rosto seco, regando de carinho e gratidão as palavras que dizia. Perceber ser este afeto recíproco nos deixou emocionados. Emocionados descobrimo-nos integrantes significativos da vida do outro. Cinco corpos acolhedores espalhados pelo palco do auditório. Ninguém teve vergonha ou medo de demonstrar-se. No último encontro, as palavras proferidas foram docemente colocadas em complementação à lágrima salgada. Sabor agri-doce de saudade e certeza de que a lembrança se encarregará de nos preencher sempre desta potência de poder reconhecer o outro enquanto humano.

Os adolescentes falavam, em alguns momentos, que nós tínhamos feito eles repensarem a *vida loka*, mostrando para eles que este caminho não era correto. Essas falas geravam grande estranhamento em nós, uma vez que em momento algum havíamos dito ser certo ou errado a inserção no crime. É Negão Galinha que esclarece a questão. Quando perguntei a ele, como teria feito ele não querer mais a *vida loka*, já que nunca falamos que isso era ruim, ele me respondeu dizendo que não era necessário dizer. Que a questão toda se dava pelo fato de na relação descobrir outras formas de viver. Ressaltava a alegria e o cuidado que tínhamos com os outros e como isso era importante, pois para ele, muitos adolescentes só queriam mesmo conversar com alguém e dividir as coisas.

Esta questão nos faz refletir sobre o quanto a estrutura da relação com o psicólogo pode servir como exercício e experimento de outras formas de relação que não estejam atravessadas pela violência, medo e jogos de poder aos quais estes adolescentes estão inseridos a todo momento. Nem sempre é preciso estar alerta. O encontro com o psicólogo, nem tanto pelo que esse profissional diz, sobre seu saber, mas na estrutura, no modo como a relação se estabelece. Configura um campo em que esse adolescente pode despir-se de toda a tensão que incorpora na vivência com o tráfico, para relacionar-se de modos distintos.

Neste sentido, tenho pensado que o encontro com o psicólogo pode configurar-se como uma experiência afetiva, um bom encontro, na perspectiva de convocá-lo a experimentar outros modos de existir pela ampliação da capacidade de existência, no sentido Espinosano. É quando ele não precisa necessariamente ser sujeito-homem, pela possibilidade de ser também sujeito-menino. É quando Marley Chamosinho experimenta a cosquinha, quando Dobrado é recebido com sorrisos e alegria, é quando Galego Coringa permite relaxar o corpo para que a gente possa auxiliá-lo na pintura durante o ensaio fotográfico.

São composições de vivências nas quais o outro não lhes é ameaçador, não deseja subtrair-lhe a vida. Ao contrário, o outro está ali para auxiliá-lo no desenho da história de vida que ele deseja ter. É nesta hora, que o adolescente aparece e expõe seus sonhos, desejos, medos, virtudes, saberes, fragilidades, sofrimentos e alegrias.

Foi desta forma que os adolescentes queriam que as atividades continuassem, que iam mesmo quando estavam cansado, ou quando Marley Chamosinho afirma que não está ali para cumprir a medida, mas sim porque ele sempre se diverte naqueles encontros. O encontro com o psicólogo pode ser um espaço para experimentar formas de ser que estão cerceadas pela inserção no crime. Deve ser espaço de potencialização da existência, da criatividade e da plasticidade humana, não recaindo sobre o prisma da infração. O psicólogo pode emprestar-lhe o corpo como laboratório de novas vivências, como espaço de segurança para arriscar “outras palavras”. Segundo Dobrado os encontros se tornaram símbolo de um espaço seguro para a expressão dos afetos:

Dobrado: quando eu cheguei com vocês... lá dentro mesmo eu não sabia o que era dar risada. **Quando eu cheguei com vocês no grupo, ali que eu vi aquela amizade, que ali ia me encher de alegria, que eu ia me expressar.** Você viu que eu cheguei e perguntei ‘poxa eu não sei falar essas palavras bonitas’...não tinha mais aquela mente de falar as palavras bonitas...**ai eu pensei: é, eu vou expressar meus sentimentos aqui. Aqui é a hora, aqui é o lugar pra eu expressar meus sentimentos.** Porque eu saí daqui eu não vou expressar meus sentimentos. Porque muitas pessoas vai falar o que? O praí o cara é bobão...dando gargalhada, o negocio é cara fechada.

Se só falamos sobre a infração, se o espaço do psicólogo não transpõe relatar novamente o depoimento, não nos diferenciamos dos outros profissionais. Não ofertamos nada de novo a este adolescente. Apenas reproduzimos o que já é esperado.

Se o sofrimento ético-político se impõe a sua vida, o encontro com o psicólogo deve operar na perspectiva contrária. Deve ser produtor de potencia e alegria, de crença em sí mesmo, de retomada da autoestima de espaço para poder desejar. Para tanto, este encontro não pode ser frígido, destituído de afeto. Deve ser composto pela afetividade, pela demonstração e expressão dos afetos que se encontram clandestinizados pela lógica do tráfico de drogas e pelo sofrimento ético-político. “Resistir afirmando o brincar, a construção conjunta, o vínculo, a aposta na potência do outro e da relação. As instituições não como lugares de encarceramento, mas eventualmente como lugares de ancoragem na travessia”. (SILVA, 2014a, p.121/122)

A escolha pela criação conjunta de um vínculo, que segundo Pichón (2009) é compreendido como mútua representação interna, possibilitou a emergência de configurações, tidas por mim, como essenciais para a composição de minhas reflexões sobre a intervenção psicossocial. Não um vínculo que tem como interesse a sujeição do adolescente as normas e regras institucionais, mas um vínculo no qual ambas as partes encontram-se implicados afetivamente.

Dentre muitas questões, esta construção vincular viabilizou o encontro com o menino e suas histórias diversas, a ressignificação do espaço no qual nos encontrávamos (a Central de Medidas Sócioeducativas), que passou a ser preenchida por músicas, diferentes formas de organização das cadeiras e vestimentas mais próximas de como eles gostavam de se vestir (com o tempo os adolescentes passaram a dizer que queriam ir vestidos da forma como eles gostavam e passaram a ir do jeito que se sentiam mais confortáveis) .

Pensar o encontro entre corpos como lugar de intervenção nos convoca a sair da ideia de que o lugar de intervenção se restringe à palavra e à aplicação de técnicas e instrumentos. Essas como a linguagem são instrumentos para potencializar as afetações, ou o ato de encontrar-se, de firmar uma relação na escolha do contorno deste passeio, onde se fomenta o cenário por onde emergirá o processo interventivo, as trocas de saberes e a aprendizagem mútua. “Pensar como outra operação que não é a reta nem dicotômica. É algo que se faz com o corpo e com afeto.” (SOUZA, 2009, p.111)

Sawaia (2009) afirma, baseada na filosofia de Espinosa, que é no encontro entre corpos que se produz afetações que podem potencializar ou diminuir a nossa força de

existir, configurando-se como um bom encontro, ou mau encontro, respectivamente. Portanto, é nesses encontros que a ética se configura e eles carregam consigo o processo da aprendizagem humana.

Voltando ao último encontro, antes que terminássemos, fomos interrompidos por um funcionário que adentrava a sala para informarmo-nos de que a instituição iria fechar. Rapidamente os adolescentes sugeriram que terminássemos de nos despedir em outro espaço. Entre muitas ideias, resolvemos parar em um estacionamento do supermercado próximo à localidade. Havia um afeto que precisava encontrar vazão, se institucionalmente o guarda encerra o encontro, seguimos para um estacionamento de um supermercado. E o que mais havia para ser dito? Porque a proposta de estender a atividade?

Paramos o carro no estacionamento. Eu, Sandra, Dobrado, Galego Coringa, Marley Charmosinho, leite condensado e rosas vermelhas. E então, foram dadas as respostas as indagações. Os meninos queriam tirar fotos conosco, registrar, capturar imagicamente as tantas vivências de afeto. Propuseram um ensaio fotográfico da experiência? Talvez sim! E lá, no estacionamento posamos para a máquina fotográfica, compondo o álbum de importâncias dessa pesquisa-ação-participante, ou ainda, pesquisa-afetação-participante.

Passado alguns minutos, o momento da despedida chegou. Combinamos de deixar os adolescentes pelo caminho para que ficassem mais próximos dos locais onde residiam. O que por último foi deixado foi Maley Charmosinho, que nos fez um convite: queria mostrar a sua rua para nós. Queria apresentar aos nossos olhos o local tantas vezes narrado nos encontros. O convite nos deixou na dúvida, mas no final achamos que seria uma experiência interessante para todos. Fiz um texto no dia relatando este passeio que chamei de *o menino, a rosa e o leite condensado: um passeio pela rua de Marley Charmosinho*.

Paramos o carro para a despedida. Marley charmosinho ia mostrar apenas a entrada do beco que dava pra sua casa, que era toda a rua, a famosa rua. Paramos e o convite veio: Marley Charmosinho queria mostrar a “sua favela” para nós. Topamos. Na entrada do beco, havia um lugar que eu frequentava... pensei: tão perto e tão distante, a geografia não garante tudo.

Começamos a descer. Uma escadaria de cimento batido. Marley Charmosinho estava em casa! No seu quintal! Descia as escadas meio que pulando. O menino, a rosa e o leite condensado! Não demorou muito para entender o que é ter uma rua como quintal de casa... todos passavam e diziam “E aí Marley Charmosinho”, ele cumprimentava sorridente. No fim da primeira escadaria, encontramos um amigo dele. Blusa branca e boné preto... para a minha surpresa, Marley Charmosinho nos apresenta dizendo “essa é a tia da resenha” (conversa). A rua também nos conhecia.

Marley Charmosinho oferece leite condensado ao amigo. Ele abre a mão, a doçura se derrama e seguimos. Ainda de cima paramos, Marley Charmosinho nos mostrou a vista do alto, estreitos becos longos enfeitados com as cores do Brasil, afinal é Copa do Mundo! O teto da rua estava azul, verde e amarelo. Continuamos, andamos, encontramos mais pessoas, todas lindas. Crianças, adultos e adolescentes. O menino derramava mais leite condensado em diversas mãos, compartilhando da sua doçura com mais pessoas.

A rua do forró, um trecho com gramado sintético, bandeiras do Brasil pintadas no chão “a comunidade que fez, até minha mãe ajudou”, “só becada”. A lanchonete onde os meninos “matam a larica”. Foi incrível ver Marley Charmosinho tão extenso. Pensar que todas aquelas pessoas estão dentro dele, ocupam o seu quintal. E ele, o delas... Até que chegamos na sua casa, uma rua sem saída. Marley Charmosinho chamou a mãe para nos receber e desceu com a irmã no colo. Deu a rosa para ela, deu o leite condensado. Deu o leite condensado para todos os adolescentes que estavam na sua porta. Entramos, sentamos no sofá um pouco: a irmã dele também sente a mesma cosquinha que ele...

Hora de ir embora. O caminho de volta foi mais curto. Becos também são atalhos e pode-se escolher quanto tempo você deseja até chegar no local desejado! Marley Charmosinho nos levou até o carro e depois deixamos ele um pouco mais próximo. Parei o carro, descemos. Marley Charmosinho nos abraçou. Em seguida, estávamos os três abraçados. Aí ele diz “*Ligue pra mim, não me esqueça não*”. Eu pensei: esquecer você? Tem gente que mora no nosso quintal e nós no dela. Não tem esquecimento que resista a tanto afeto!

Nas construções malfeitas das casas da periferia, nas ruas de pouca iluminação, os becos e vielas resguardam as vidas que se constroem no entre de suas ruas apertadas. É lá, no estreito espaço de vida que se encontram corações pulsantes e desejanter de viver, no que Fernando pessoa chamou “dos mistérios das coisas por debaixo das pedras e dos seres”.

Gilberto Gil dirá que “a refavela, alegoria, elegia, alegria e dor. Rico brinquedo, de samba-enredo, sobre medo, segredo e amor”. A refavela revela a construção de possibilidades na luta diária da sobrevivência e da vivência. Espaço de dor e alegria é nas vielas dos corações destes adolescentes que talvez possamos encontrar respostas para uma prática psicossocial que se ancore na possibilidade de transformação da realidade. É pelo passeio nas ruas estreitas, que encontramos a clandestinidade de suas humanidades, bloqueadas pelo sofrimento da exclusão social. É lá também que se encontra a fabricação da ludicidade e uma resistência para garantir a produção de sonhos. É lá, finalmente, que o sujeito-menino também está, entre a luz e a sombra dos postes da cidade.

Do estacionamento do supermercado ao beco das ruas de Marley Charmosinho, em todos os encontros, práticas clandestinas de potencialização da existência humana. O encontro com o psicólogo e o adolescente, deve forjar-se na clandestinidade das práticas contra-hegemônicas, que não negam os afetos e sim os incorporam no seu fazer. Práticas clandestinas que possuem como comprometimento a vida, o direito de poder viver e poder ser multiplicidades e não apenas infração, pelo reconhecimento mútuo de suas humanidades. É necessário que a psicologia possa mais do que criar patologias e cárceres subjetivos. Ao contrário, a afetividade como mediadora desta relação, como o tom colorido-translúcido é uma reivindicação ético-política da existência humana.

Considerações finais ou o desejo de novas prosas.

Pensei em muitas formas de começar essas considerações finais e resolvi reler Manoel de Barros. Sempre tão certo, entre suas infinitas poesias, achei a que parecia ideal. Ela diz: “*E agora, que fazer com esta manhã desabrochada a pássaros?*”.

As considerações finais se impõem como a última escrita desta dissertação. Uma despedida? Talvez. Se assim for, que siga sendo o final para o início de novos encontros em que possamos falar sobre vida, afeto e adolescência. Que ela desabroche a pássaros, impulsionando-os a usar a língua das “larvas incendiadas” dos poemas de Manoel de Barros. Língua que rejeita as palavras de tanque, porque estas só estagnam e cristalizam, perdem o movimento. Ao contrário, adolescência a meu ver, rima mais com alegria do que com tristeza, rima mais com amor do que com ódio, porque nela se conjugam os versos da abertura de horizontes, das transformações, das intensidades.

Durante todo o tempo do campo, me perguntei diversas vezes onde exatamente esta escrita chegaria. Agora, com a proximidade do fim, percebo que todo o caminho percorrido poderia ser resumido, nas últimas palavras de Riobaldo: “homem humano. travessia”.

Partimos da Psicologia Social Crítica, das ancoragens teóricas de Vigotski e Espinosa. Este arcabouço, nos permitiu olhar para os afetos, sem rejeitá-los ou negá-los. Ao contrário, incorporada a afetividade nos pensamentos e ações, seguimos na compreensão de que os afetos organizam os pensamentos e ações humanas, constituindo a experiência emocional dos acontecimentos da vida, sendo esta a forma como nos singularizamos no mundo (VIGOTSKI). Partimos da não separação entre corpo e mente e que são os afetos que aumentam ou diminuem a nossa capacidade de existir, a nossa força de ação (ESPINOSA).

Com base na pesquisa-ação-participante, nos colocamos em um campo que foi sendo tecido com os adolescentes que participaram dessa pesquisa. Para nos ajudar neste processo, caminhamos junto com o cinema e a fotografia, em busca da exibição e revelação de outras histórias sobre adolescentes autores de ato infracional. Seguimos com os meninos, orientadas pelas palavras de Caetano Veloso que diz “é só ter alma de ouvir e coração de escutar”.

Da pergunta inicial que pautava a relação entre o sofrimento ético-político e a inserção no tráfico de drogas, mudamos os rumos a partir das palavras dos meninos. Se

foi sobre sentimentos que eles quiseram falar, era sobre este tema que deveríamos escrever. Sandrinha um dia escreveu em seu diário de campo, que as pessoas são feitas de “carne, osso e sentimento”. É isso que ninguém nos retira.

Dos encontros dos caminhos, saímos para buscar o sujeito da exclusão social, onde nos deparamos com o Sujeito-Homem e, após mais tantos encontros, nos vimos cara a cara com o Sujeito-menino. Meninos cheios de sonho e vida, cheios de histórias e graças, ricos de encantamentos. Foi quando o tórax de superman deu espaço ao coração de poeta e pudemos ver e ouvir sobre a clandestinidade dos afetos desses adolescentes. As atividades se tornaram encontros de alegria e felicidade, sem com isso negar o sofrimento vivido por esses meninos.

Com os meninos também pudemos aprender a ser psicólogas/pesquisadoras sem precisar ser fria e distante. Das transformações mútuas vividas nos encontros, pudemos perceber a potência dos afetos na intervenção psicossocial, sem com isso perder o rigor da produção do conhecimento. Apenas abandonamos uma fazer psi tecnicista, centrado na razão, para uma prática da potência de ação, como nos propõe Sawaia (2006). Desses caminhos de potência, foi nas palavras de Damário da Cruz que lembramos que “*a possibilidade de arriscar é que nos faz homens*”.

Vale compartilhar também a experiência de ter feito uma pré-devolução da pesquisa na Central de Medidas Socioeducativas. Neste dia, discutimos sobre como estávamos estruturando a dissertação, expondo os dados e falando sobre a dimensão dos afetos na intervenção psicossocial. Abri espaço posteriormente para que a equipe falasse sobre como foi ter a pesquisa na instituição. Para minha surpresa, a gerente da Central de Medidas Socioeducativas, afirmou ter sido uma loucura. Segundo a instituição, ter presenciado a forma com o qual nós nos relacionávamos com os meninos, fez com que eles começassem a questionar os vínculos que construíam com os adolescentes.

Esta devolução foi muito importante. No final, a instituição propôs que, junto com os meninos, nós pensássemos em uma apresentação. Manifestaram o desejo de convidar o Ministério Público e da Justiça para estarem presentes.

E agora aqui estamos. Caetano Veloso, na música Haiti, diz que se vê muita alma no feto e nenhuma no marginal. Acredito que nesta dissertação buscamos infracionar esta regra, subvertê-la, demonstrando o quanto há de sentimento nesses

adolescentes, bloqueados pelo sofrimento ético-político e pela gestão dos afetos tristes no tráfico de drogas.

Se foi possível aprender nos encontros, segundo Dobrado que *“todo mundo tem sentimento”*, me despeço do leitor compartilhando o trecho final da carta que fiz para eles, finalizando com o que acho ser síntese das aprendizagens:

“obrigada por me ensinarem que o sal da pipoca é ótimo, mas que nada melhor do que quando ela encontra a doçura do leite condensado. Salgado e doce, síntese da vida humana, síntese dos encontros que tivemos, síntese do que vocês me ensinaram. Carrego comigo os abraços, choros contidos, alegrias e amor, que nos oferecemos ao longo desses meses”. Foi maravilhoso chegar até aqui e descobri-los em suas belezas. Fica pra mim que quando encontramos alguém o melhor que temos a fazer é aumentar a potência que movimenta a vida. Obrigada por atravessarem a minha caminhada e por me ensinarem que a vida merece ser vivida acima de qualquer coisa. Descubram seus desejos e nunca esqueçam, do que vocês mesmos disseram, que sem sentimento não há felicidade. Sigam em frente”

Eu quero aproximar o meu cantar vagabundo,
daqueles que velam pela alegria do mundo, indo mais
fundo tins e bens e tais (Caetano Veloso- Podres Poderes)

REFERÊNCIAS

ABAD, Miguel. **Crítica política das políticas de juventude**. In: Políticas Públicas: juventude em pauta. FREITAS, Maria Virginia; PAPA, Fernanda C., (orgs). São Paulo: Cortez, 2008.

BARTHES, Roland. **A Câmara clara**. Trad. de Manuela Torres. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1984.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e histórica da cultura**. Obras escolhidas. São Paulo: vl. 1, Ed. Brasiliense, 2012.

BOCCO, Fernanda. **Cartografias da infração juvenil**. Porto Alegre: ABRAPSO SUL, 2008.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 24, n. 62, p.26-43, abr. 2004.

BORDA, Orlando Fals. Aspectos teóricos da pesquisa participante. In BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981

CHAUÍ, M. **Desejo, Paixão e Ação na ética de Espinosa**. São Paulo, Companhia das letras, 2011.

CHAVES, Geovano Moreira. **Para além do cinema: o cineclubismo de Belo Horizonte (1947-1964)**?. 2010. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

COIMBRA, Cecília; BOCCO, Fernanda; NASCIMENTO, Maria Livia do. Subvertendo o conceito de adolescência. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 57, n. 1, jun. 2005 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672005000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 23 jan. 2015.

DALLAGO, Saulo. Fotografia e Memória: a imagem visual como estímulo ao ato de lembrar. Anais eletrônicos do III Simposio Internacional Cultura e Identidades. Goiânia, GO: Editora da UCG, 2008.

DELARI JUNIOR, Achilles. Sentidos do "drama" na perspectiva de Vigotski: um diálogo no limiar entre arte e psicologia. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 2, p.181-197, jul. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n2/a02v16n2>>. Acesso em: 31 out. 2014.

DELARI JUNIOR, Achilles; BOBROVA-PASSOS, I. V. Alguns sentidos da palavra Perejvanie em LS Vigotski: notas para estudo futuro junto à psicologia russa. **Umuarama, Brasil/ Ivanovo, Rússia. Disponível em:< <http://www.vigotski.net/casa.htm>**, 2009.

DIAS, M.D. A. **A saúde de trabalhadores jovens como indicador psicossocial da dialética exclusão/inclusão: Estudo de caso com jovens operárias em indústria de confecção**. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Programa de Pós graduação em Psicologia Social – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009

ESPINOZA, Baruch de. **Tratado Político**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2009. 140 p.

ESPINOZA, Benedictus de. **Ética**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. 238 p.

FEFFERMANN, Marisa. **Vidas Arriscadas: O cotidiano dos jovens trabalhadores do tráfico**. Petrópolis: Vozes, 2006. 252 p.

FELTRAN, Gabriel de Santis. **Fronteiras de Tensão: política e violência nas periferias de São Paulo**. São Paulo: Unesp, 2011. 376 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**. São Paulo: Paz e Terra, p. 165, 2011.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: 34, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. O preço de uma reconciliação extorquida. In: TELES, Edson; STAFLE, Vladimir. **O que resta da ditadura: a exceção brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 177-186.

GÓES, Ângela Cristina Fagundes. **Adolescência: olhares sobre teorias, dados empíricos e políticas públicas**. 2006. 204 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Família na Sociedade Contemporânea, Psicologia, Universidade Católica de Salvador, Salvador, 2006.

HIRATA, Daniel Veloso. **Sobreviver na adversidade: entre o mercado e a vida**. 2010. 367 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

LANE, S.T.M. A psicologia social e uma nova concepção do homem para a Psicologia. In: LANE, S.T.M. & CODO, W. **Psicologia social: o homem em movimento**. 14 ed. São Paulo: Brasiliense; 2012; p.10-19.

LANE, Silvia T. Maurer. A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. In: LANE, Silvia T. Maurer e SAWAIA, Bader Burihan. **Novas veredas da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LYRA, Diogo. **A república dos meninos: juventude, tráfico e virtude**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

MAGIOLINO, L.L.S. **Emoções humanas e significação numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano: um estudo teórico da obra de Vigotski**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2010.

MALVASI, P.A. **Interfaces da vida loka: um estudo sobre jovens, tráfico de drogas e violência em São Paulo**. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, 2012.

MARQUES, A. **Crime, proceder, convívio-seguro: um experimento antropológico a partir da relação entre ladrões**. São Paulo, dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2010

MARTINS, J.S. **Exclusão social e a Nova desigualdade**. São Paulo. Editora Paulos, 2012.

MARX, Karl. DINHEIRO. In: MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. 4. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010. p. 157-162.

MASCAGNA, Gisele Cristina. **Adolescência**: compreensão histórica a partir da escola de Vigotski. 2009. 184 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009

MAURENTE, Vanessa; TITTONI, Jaqueline. Imagens como estratégia metodológicas em pesquisa: a foto composição e outros caminhos possíveis. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, n. , p.33-38, 06 mar. 2007.

MAYORGA, Claudia. **Identidades e Adolescências: uma desconstrução**. In: Pesquisas e Práticas Psicossociais, vol.1, n.1. São João del-Rei: Abrapso, 2006

MELLO, Sílvia Leser de. A Violência Urbana e a exclusão dos jovens. In: SAWAIA, Bader Burihan et al (Org.). **As artimanhas da exclusão**: Análise psicossocial e ética da desigualdade social. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 129-140.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira et al. **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 23. ed. Petropolis: Vozes, 2004. p. 9-29.

MULLER, Adalberto. A semiologia selvagem de Pasolini. **Devires**: Cinema e humanidades, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p.88-105, nov. 2006. Anual.

NEIVA-SILVA, Lucas. **Expectativas futuras de adolescentes em situação de rua**: um estudo autofotográfico. 2003. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **O processo grupal**. 8. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2009. 286 p.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**: a intriga e a narrativa histórica. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SÁ, Leonardo Damasceno de. **Guerra, Mundão e Consideração:** uma etnografia das relações sociais de jovens no Serviluz. 2010. 283 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010

SAFFIOTI, Heleieth I. B. A Síndrome do Pequeno Poder. In: AZEVEDO, M.A. (org). **Crianças vitimizadas:** a síndrome do pequeno poder. São Paulo: Iglu, 1989.

SALES, Mione Apolinário. **(in)visibilidade perversa:** Adolescentes infratores como metáfora da violência. 2004. 262 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SANTOS, José Eduardo Ferreira. **Cuidado com o vão:** Repercussões do homicídio entre jovens de periferia. Salvador: Edufba, 2010. 269 p.

Sawaia, Bader Burihan. "Fome de felicidade e liberdade." Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Ed.), Muitos lugares para aprender (2003): 53-63.

SAWAIA, Bader Burihan. Dimensão ético afetiva do adoecer da classe trabalhadora. In: LANE, Silvia T. Maurer; SAWAIA, Bader Burihan (Org.). **Novas Veredas da Psicologia Social.** São Paulo: Brasiliense, 2006a. p. 157-168.

SAWAIA, Bader Burihan. Introdução: Exclusão ou inclusão perversa?. In: SAWAIA, Bader Burihan et al (Org.). **As artimanhas da exclusão:** Análise psicossocial e ética da desigualdade social. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 7-13.

SAWAIA, Bader Burihan. O Sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, Bader Burihan et al (Org.). **As artimanhas da exclusão:** Análise psicossocial e ética da desigualdade social. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 97-118.

SAWAIA, Bader Burihan. **A consciência em construção no trabalho de construção da existência.** 1987. 390 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1987.

_____, Uma Análise da Violência pela Filosofia da Alegria: Paradoxo, Alienação ou Otimismo Ontológico Crítico? In: Lídio de Souza; Zeidi Araujo Trindade. (Org.). **Violência e Exclusão - convivendo com paradoxos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 21-43.

_____. “**Psicologia e desigualdade social**: uma reflexão sobre liberdade e transformação social”. *Psicologia & Sociedade*; 21 (3): 364-372, 2009.

SILVA, Flávia Fernando Lima. **O que não cabe nas ruas de uma idade?:** entre narrativas maiores e resistências brincantes. 2014. 141 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Psicologia, Universal Federal Fluminense, Niterói, 2014a.

SILVA, Francine Nunes da. **PRÁTICA DO DIZER, PRÁTICA DO FAZER: CINECLUBISMO, IMAGENS E POLÍTICA**. 2011. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência Sociais, Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

SILVA, Luciana Ferreira. **Crime, Ostentação e Afetividade::** Um estudo psicossocial sobre o adolescente em conflito com a Lei. 2014. 127 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

SOARES, Luis Eduardo; BILL, Mv; ATHAYDE, Celso. **Cabeça de Porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. 295 p.

SOUZA, Alice de Marchi Pereira de. **Interventar:** encontros possíveis entre psicologias e juventudes. 2009. 173 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Psicologia, Universal Federal Fluminense, Niterói, 2009

SOUZA, Ana Silvia Ariza. **A saúde na perspectiva ético-política:** pesquisa ação participante na comuna da Terra Irmã Alberta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). 2012. 292 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Departamento de Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

SPÓSITO, Marília Pontes. Estado da arte sobre juventude: uma introdução. In: SPÓSITO, Marília Pontes et al. **O estado da arte sobre juventude na pós graduação**

brasileira: educação, ciencias sociais e serviço social. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. p. 11-16.

TELES, Edson. Adolescente em conflito com a lei, direitos humanos e a função da narrativa. **Adolescência e Conflitualidade**, São Paulo, v. 2, n. 2, p.19-29, nov. 2010. Anual.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 14. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2005

TOASSA, Gisele. **Emoções e vivências em Vigotski:** investigação para uma perspectiva histórica-cultural. 2009. 348 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

TRASSI, Maria de Lourdes; MALVASI, Paulo Arthur. **Violentamente pacíficos:** desconstruindo a associação juventude e violência. São Paulo: Cortez, 2010.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, Liev S. El papel del ambiente en el desarrollo del niño. **La Genialidad Y Otros Textos Ineditos**, 1935/1998.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2009. 496 p.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Psicologia pedagógica**. 3. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2010. 561 p.

_____, O significado histórico da crise na Psicologia. In: **Teoria e método em Psicologia**. Martins Fontes, São Paulo, 1999a.

_____, **Obras Escogidas:** Tomo IV, Madrid: Espanha Visor, 1996

WASELFISZ, J.J. **Mapa da violência 2014 – Homicídios e Juventude no Brasil**. CEBELA e FRACSO BRASIL, Rio de Janeiro 2014.

ZALUAR, A. **Integração Perversa: Pobreza e Trafico de Drogas**. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2004.

ZALUAR, Alba. **A Máquina e a Revolta:** as organizações populares e o significado da pobreza. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ZANELLA, Andréa Vieira. **Perguntar, registrar, escrever:** inquietações metodológicas. Porto Alegre: Sulina, 2013